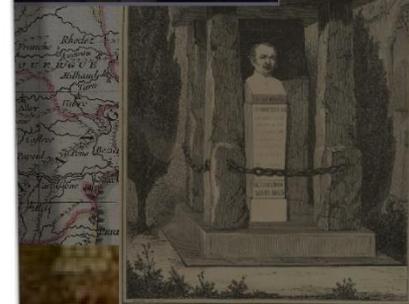


Henri Sausse

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

EDIÇÃO
ILUSTRADA



Autores Espíritos Clássicos

LUZ ESPÍRITA



Biografía de Allan Kardec

Henri Sausse (1852-1928)

Fonte:

Biographie d'Allan Kardec

4ª edição, Paris. Editions Jean Meyer, 1927 – [PDF](#).

Tradução: **Ery Lopes**

Colaboração especial:

Adair Ribeiro

Carlos Seth Bastos

Jorge Hessen

Luciana Farias

Wanderlei dos Santos

© 2022 - São Paulo

Distribuição gratuita:

Autores Espíritas Clássicos

Luz Espírita

Obras de Kardec



BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

Henri Sausse

Tradução: **Ery Lopes**

Colaboração especial:

Adair Ribeiro

Carlos Seth Bastos

Jorge Hessen

Luciana Farias

Wanderlei dos Santos

São Paulo, 2022



BIBLIOTHÈQUE DE PHILOSOPHIE SPIRITUALISTE MODERNE
ET DES SCIENCES PSYCHIQUES

HENRI SAUSSE

BIOGRAPHIE D'ALLAN KARDEC

Préface de LÉON DENIS

Conseils, Réflexions et Maximes d'ALLAN KARDEC

FRAGMENTS

extraits des douze premières années de la *Revue Spirite*



EDITIONS JEAN MEYER (B. P. S.)

3, rue Copernic (10^e)

1927

Capa da publicação original

Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1llcTy2YiWhUupvPBeREFLBGV6jAFQYjH/view>

Índice

Apresentação da tradução – pág. 6

Prefácio, por *Léon Denis* – pág. 17

Prefácio (1910), por *Gabriel Delanne* – pág. 22

Preâmbulo – pág. 27

Biografia de Allan Kardec – pág. 32

Reflexões, Conselhos e Máximas de Allan Kardec – pág. 117

Notas complementares – pág. 156

Ao Grupo Esperança de Lyon – pág. 171

Apresentação da tradução

Cumpramos anotar que esta composição não consiste numa mera narrativa biográfica, um apanhado histórico recheado de dados sobre um determinado personagem; ela é, por essência, uma homenagem, um legítimo e meritório reconhecimento a alguém cuja honradez naturalmente ressalta de um capítulo especial da História da Humanidade — o desenvolvimento do *Espiritismo* — que a Historiografia universal há de um dia fazer jus. Este personagem é **Allan Kardec**, o codificador da doutrina da qual não se pode desvincular as melhores esperanças para o porvir de nosso orbe. Vê-se, pois, quão justa se figura esta obra.

Seu obreiro também é digno de nota especial: **Henri Sausse** se consagrou um daqueles espíritas que o Mestre da doutrina classificava como *verdadeiro*, daqueles que venceram a esfera mesquinha da curiosidade pela fenomenologia mediúnica para adentrar na senda da responsabilidade moral devidamente exigida pela conduta doutrinária assaz clara na codificação kardequiana. Sausse foi um dos pioneiros campeões do movimento espírita de Lyon — aliás, a cidade natal de Kardec — e, de lá, em seu tempo, figurou-se como um dos maiores expoentes — senão o maior.

Eis, portanto, outro nome a ser mais bem conhecido e **reconhecido** dentro do nosso movimento espírita, para que saibamos, inclusive, honorificar aqueles que desbravaram a estrada hoje já tão mais fácil de ser percorrida, posto que eram gigantes os desafios de se declarar **espírita** naquela velha Europa neomaterialista da passagem do século dezanove para o vinte, quando o cientificismo devorava friamente as crenças, conquanto não pudesse oferecer mais do que a parede dos fundos da caverna da alegoria platônica.¹

* * *

A **Biografia de Allan Kardec** composta por Henri Sausse (*Biographie d'Allan Kardec*, no original em francês) porta a virtude de ter sido a primeira obra do gênero, diretamente trabalhada como tal, preenchendo uma lacuna que espantou Sausse, já que era impossível se ocupar da Doutrina Espírita e ignorar o Mestre, além do que pouco se sabia de Kardec, uma vez que ele próprio — verdadeiramente modesto como era — eximia-se de falar de si; havia demanda: todos sentiam necessidade de conhecer melhor o codificador, e Sausse sentiu-se tocado por este apelo.

É bem verdade que certos traços biográficos do pioneiro espírita já haviam sido publicados dentro de algumas obras. Maurice Lachâtre, por exemplo, dedicara um espaço em seu *Novo Dicionário*

¹ Saiba mais sobre Henri Sausse em Enciclopédia Espírita Online pelo link: <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Henri%20Sausse>, e em Autores Espíritas Clássicos: http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores_Espiritas_Classicos_Diversos_Henri_Sausse/Henri_Sausse.htm. — Nota do Tradutor (N. T.)



Universal (Nouveau Dictionnaire Universel), de 1865, para o verbete “Allan Kardec”. Também a *Revista Espírita* na sua edição de maio de 1869 (a primeira editada pelos sucessores de Kardec) trouxe um pequeno artigo com a biografia do seu ex-diretor, então recém-desencarnado — mesmo conteúdo replicado em *Obras Póstumas*, de 1890. A propósito, o falecimento de Kardec deu ensejo a trabalhos desse gênero em vários jornais e revistas de diversas

localidades, por exemplo, da Espanha, como no artigo “Biografia de Allan Kardec” composto por José María Fernandez Colavida e publicado na *Revista Espiritista* de maio de 1869.² Outro texto biográfico dedicado a Kardec veio a lume graças a Anna Blackwell, publicado em 1876 como um prefácio para o *The Spirits’ Book* — a tradução dela para o inglês da obra *O Livro dos Espíritos*. Mas, notem, todas essas composições apenas faziam parte das respectivas publicações, enquanto a publicação de Sausse — ressaltamos — foi exclusivamente lançada com sendo uma obra biográfica, destinada a satisfazer o interesse do público que bem desejasse se inteirar da vida e obra pessoal do codificador espírita.



² Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=43> — N. T.

Essa exclusividade de ser um texto biográfico tinha, certamente, como uma razão prática, por demais relevante, o interesse geral em saber se aquele arauto do Espiritismo era sinceramente um cumpridor dos desígnios apregoados. Neste particular, aliás, Sausse vai satisfazer a demanda sobejamente, principalmente enfatizando o completo desinteresse material do personagem em questão.

* * *

É oportuno dizer, todavia, que esta *Biografia de Allan Kardec* de Sausse não foi concebida por ele para ser intencionalmente publicada como um livro exclusivamente de biografia. Diz ele, no *Preâmbulo* desta obra, que a coisa nasceu de uma ideia “apressadamente” de compor um breve esboço biográfico do Mestre por ocasião das já tradicionais solenidades de 31 de março, dia do aniversário da morte de Kardec. Sausse então preparava sua palestra, junto aos confrades da Federação Espírita Lionesa, que mais tarde vão insistentemente lhe aconselhar converter o discurso em obra literária para publicação.

Pelo que nos consta, o seu discurso foi originalmente publicado no jornal *La Paix Universelle* (periódico dedicado especialmente ao Magnetismo) na sua edição de 16 de maio de 1896,³ antecedido por uma nota e um apelo de Sausse: inclinado a acatar o conselho dos amigos para que ele lançasse a brochura *Biografia de Allan Kardec*, ele clama: “A fim de dar a esta obra, muito rudimentar, todo o valor de ela que é suscetível, fazemos apelo às memórias das pessoas que

³ Conferir a partir da página 267 do arquivo deste jornal disponível em: http://iapsop.com/archive/materials/paix_universelle/paix_universelle_v6_1896_partial — N. T.

conheceram o Sr. e a Sra. Allan Kardec e viveram na sua intimidade, seja para corrigir os erros que este trabalho possa conter, seja para preencher as lacunas infelizmente muito numerosas.”



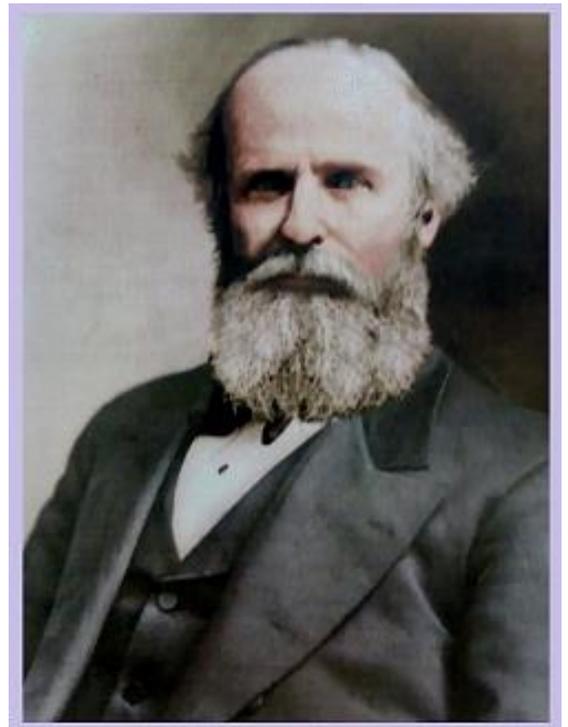
BIOGRAPHIE D'ALLAN KARDEC

Selon le désir d'un certain nombre de nos amis, nous avons l'intention de faire éditer en brochure le discours ci-après lorsqu'il aura paru dans le journal. Afin de donner à ce travail, bien rudimentaire, toute la valeur dont il est susceptible, nous faisons appel aux souvenirs des personnes qui ont connu M. et M^{me} Allan Kardec et vécu dans leur intimité, soit pour rectifier les erreurs que ce travail pourrait contenir, soit pour combler les lacunes malheureusement trop nombreuses.

Renseignements et rectifications seront accueillis avec reconnaissance soit à l'adresse de M. H. Sausse, 7, rue Terraille, soit au bureau du journal. Par avance, nous adressons l'expression de notre gratitude à ceux de nos amis qui voudront bien nous seconder dans la recherche et nous aider de leurs lumières pour faire de ce travail une œuvre utile et digne de celui en l'honneur de qui elle fut conçue.

A súplica não ecoou a contento. Alega Sausse: “enderecei-me aos raros sobreviventes que tinham estado na intimidade do Mestre; porém, seja que as memórias deles fossem imprecisas, ou que eles não quisessem desenterrar as memórias antigas de quarenta anos, todos os meus esforços nesse sentido ficaram sem efeito. Eu tive então que pedir a uma outra fonte os elementos dos quais eu precisava para estabelecer uma biografia menos superficial do que no primeiro ensaio.”

O único dos sobreviventes que conviveu com Kardec citado por Sausse, em agradecimento a sua contribuição, foi Pierre-Gaëtan Leymarie, um dos médiuns da Sociedade de Paris à época do Codificador Espírita. Leymarie também



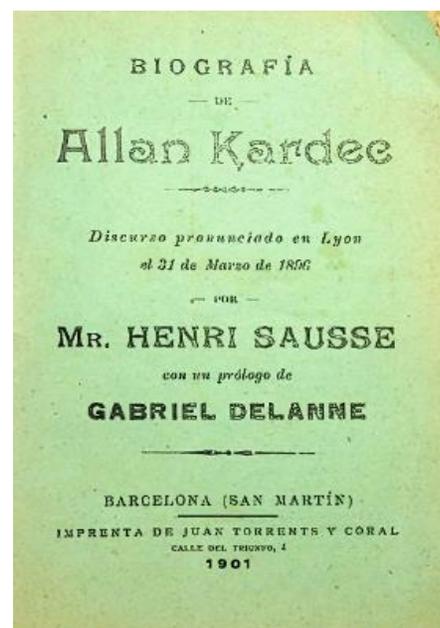
Pierre-Gaëtan Leymarie

foi, desde meados de 1871, o principal dirigente da Sociedade Anônima (instituição criada pela viúva Kardec para dar continuidade às obras espíritas do seu esposo) e da *Revista Espírita*.

Desta feita, para nosso lamento, vemos que Sausse não logrou a cooperação de todas as pessoas que bem o poderia ter ajudado nesse meritório projeto.

Não obstante as dificuldades encontradas por Sausse, sabemos de sua publicação pelo registro da Biblioteca Nacional da França,⁴ indicando que seu lançamento se deu naquele mesmo ano de 1896, impresso por E. Arrault, na cidade de Tours, França, destacando o prefácio de Gabriel Delanne. Infelizmente, por que não encontramos nenhum exemplar desta edição, desconhecemos seu conteúdo; mas imaginamos que não difira muito do teor do artigo publicado no jornal *La Paix Universelle*.

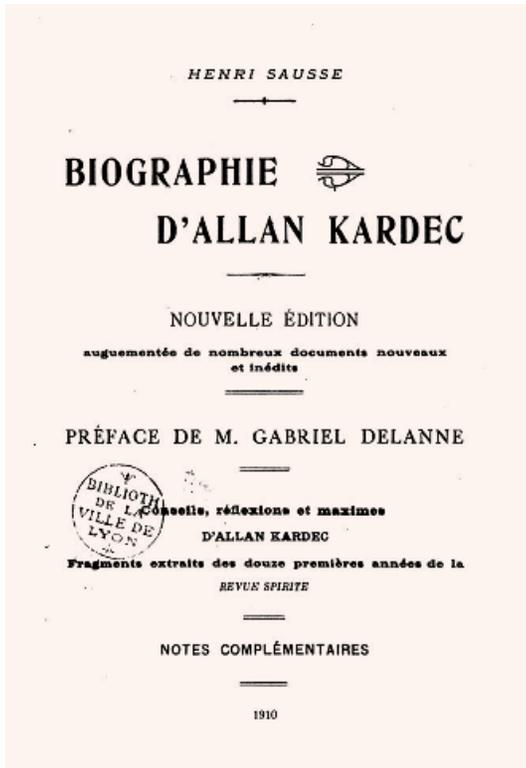
E *voilà* a obra de Sausse transpondo as fronteiras da França! Logo mais, vamos encontrar uma edição traduzida para o espanhol, impressa em 1901 pela tipografia Juan Torrent y Coral, de Barcelona, também contendo o prefácio de Delanne, com a tradução de Agustin Brunet.⁵ Esta edição espanhola, aliás, nos dá uma pista do conteúdo da publicação original.



Sausse vai reeditar esta obra mais três vezes: a versão de 1910 (seria esta a 2ª edição? — a ser conferido) porta na sua folha de rosto a descrição “Nova Edição – aumentada de numerosos documentos

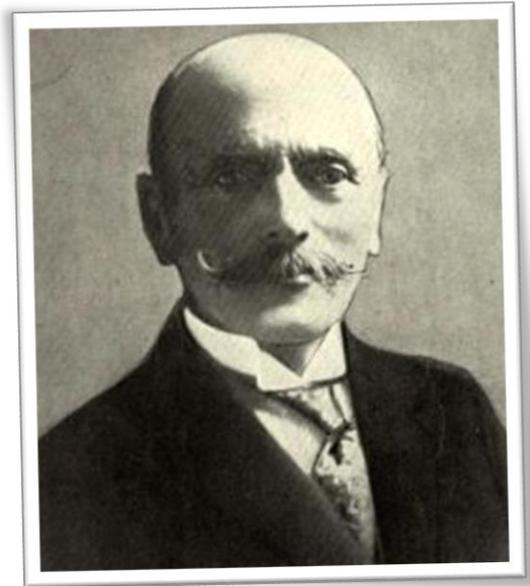
⁴ Ver <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31303249n>; — N. T.

⁵ Disponível em <https://www.allankardec.online/pdf/135>. — N. T.



inéditos”,⁶ também incluindo o prefácio de Delanne e a sessão extra com conselhos, reflexões e máximas de Allan Kardec, extraídos da primeira dúzia de anos da *Revista Espírita*, além das notas preliminares. Da outra publicação — aquela que seria a 3ª edição — nada sabemos ainda, nem sequer seu ano de lançamento.

Finalmente chegaremos à quarta edição, de 1927, da qual nos servimos para esta nossa tradução. Esta, que é a derradeira edição lançada por Sausse, foi produzida pela editora de Jean Meyer⁷ — o grande mecenas espírita. Ela traz como uma novidade, além de alguns acréscimos ao seu conteúdo (*Conselhos, reflexões e máximas de Allan Kardec* e os *Fragmentos da Revista Espírita*), a substituição do prefácio de Delanne (desencarnado um ano antes desta publicação) pelo de Léon Denis. Por nossa vez, nesta nossa tradução, optamos por reproduzir os dois prefácios.



Jean Meyer

⁶ Disponível pela Bibliothèque Numérique de Lyon pela página: https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00G000100137001104562199?pid=BML:BML_00G000100137001104562199&dsID=IMG00000001&# — N. T.

⁷ Lista das publicações de *Biographie d'Allan Kardec* por Henri Sausse no site WorldCat: https://worldcat.org/search?q=kw+Biographie+d'Allan+Kardec+henri+sausse&qt=results_page — N. T.

No Brasil, este trabalho de Sausse apareceu primeiramente na centenária revista da Federação Espírita Brasileira: **Reformador**, edição da primeira quinzena de outubro de 1868⁸, portanto, apenas alguns meses após a publicação original em *La Paix Universelle*, que foi a fonte daquela tradução. Depois, reaparecerá no folheto especial **Memória Histórica** de 1904 (em homenagem ao segundo centenário de nascimento de Kardec)⁹ e mais adiante, igualmente pela

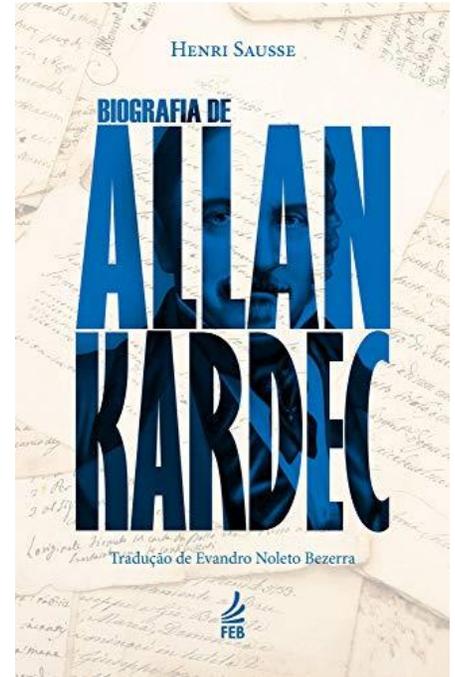
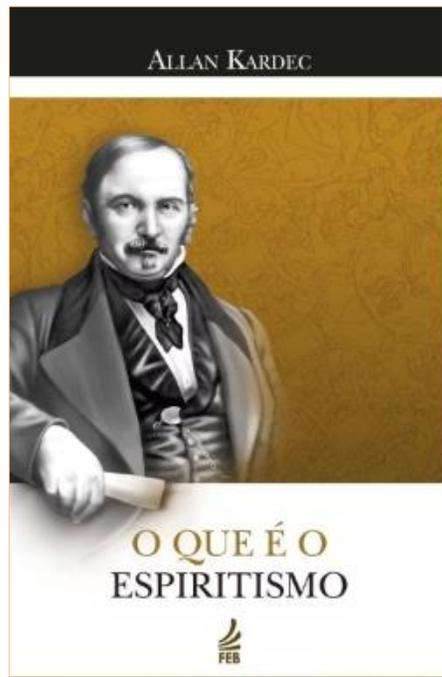
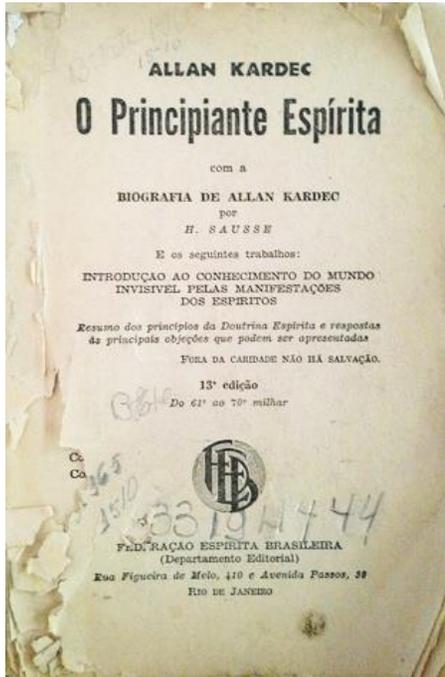


FEB, será parte integrante de outras composições kardequianas, a começar por **O Principiante Espírita** de 1906, e nas edições de **O que é o Espiritismo**; nestes casos, contendo apenas a parte da biografia e, portanto, não incluindo os anexos — o *Prefácio* (seja o de Delanne ou o de Denis), o *Preâmbulo*, as *Reflexões, conselhos e máximas de Allan Kardec (Fragmentos da Revista Espírita)*, as *Notas complementares* e a mensagem *Ao Grupo Esperança de Lyon*. Apesar disso, já foi um grande ganho para o movimento espírita brasileiro no sentido de conhecer melhor o fundador do Espiritismo, servindo de base para outras pesquisas e publicações biográficas, como *Kardec, Pesquisa Biobibliográfica* (1973) de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, também pela editora da FEB. Finalmente, em 2012, com tradução de Evandro Noleto Bezerra, a obra de Sausse ganhou uma publicação exclusiva

⁸ Ver em <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=revreform&pagfis=1337> — N. T.

⁹ Ver <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=revreform&Pesq=SAUSSE&pagfis=2564> — N. T.

pela mesma editora e com a íntegra do conteúdo da 4ª edição.



* * *

Verdade seja dita, a *Biografia de Allan Kardec* por Henri Sausse não é tão rica de dados biográficos nem perfeitamente precisa quanto às informações oferecidas. E nós já sabemos o porquê: faltou-lhe recursos, fontes; nunca lhe faltou interesse e entusiasmo. Com efeito, dado os recursos online de que dispomos hoje, talvez nos seja mais fácil empreender uma biografia kardequiana do que mesmo um Sausse distante apenas meio século do personagem trabalhado. Quanto aos equívocos técnicos, nada temos pelo que condená-lo, desde que vemos a complicação natural dos registros; pegue-se, por exemplo, que até mesmo o nome civil de Allan Kardec foi objeto de peleja judicial (ver nota anexada ao prefácio de Léon Denis).

A propósito, julgamos por bem oferecer nossas observações, através de notas de rodapé, sobre alguns desses equívocos — aqueles dos quais temos hoje fontes primárias e outros elementos fortemente plausíveis para embasarmos nossa argumentação.

Um possível deslize contido na 4ª edição é a inclusão de uma imagem (ver à direita) e sua referência a Kardec aos seus 25 anos de idade, sendo que tudo sugere que esta representação seja, de fato, o autorretrato do pintor Raymond Quinsac Monvoisin, espírita e amigo de Kardec.¹⁰



Entretanto, o dado biográfico — provavelmente equivocado — mais estranho e que posteriormente mais provocou questionamento na composição de Sausse foi o de que Kardec teria sido médico, que ele vai dizer ter recebido de Leymarie.¹¹ Em suma, Sausse fez o omelete com os ovos que tinha.

De qualquer forma, por mais impreciso que tenha sido Sausse quanto aos dados, não é lícito menosprezar seu texto biográfico: dados podem ser corrigidos por editores futuros, mas o valor histórico de cada publicação é algo ímpar e deixa sua marca no seu tempo. Sausse cravou seu nome na História do Espiritismo com letras douradas; sua obra honra o seu *Maître*.

* * *

Quicá por conta da escassez de informações biográficas

¹⁰ Mais detalhes em <http://mundoespirita.com.br/?materia=retrato-de-kardec-aos-25-anos-um-equivoco-2> — N. T.

¹¹ Ver <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=revreform&Pesq=SAUSSE&pagfis=24929> e <https://apologiaespirita.com.br/wp-content/uploads/Allan-Kardec-teria-sido-medico-1.pdf> — N. T.

propriamente ditas, Sausse infla sua obra reproduzindo vários trechos da *Revista Espírita*, embora não despropositadamente: ele vai aproveitá-los como subsídios para justificar os honrosos e justos predicados que ele dirige ao fundador e grande líder do Espiritismo, articulando sua defesa em resposta aos ataques que Kardec recebera de todos os lados, como se veremos adiante nos Fragmentos inseridos nesta obra.

Essas citações extraídas do jornal de estudos kardequiano é ainda utilizado como um estímulo aos espíritas, em face dos compromissos próprios que a doutrina lhes impõe — quer seja quanto ao comportamento moral de cada um, quer seja quanto ao chamamento à propaganda do Espiritismo, como objeto de oferta para a melhoria da sociedade como um todo.

* * *

Todas as imagens aqui inseridas e as respectivas legendas são por conta desta nossa edição.

As notas de rodapé de nossa autoria estão assinadas com a inscrição N. T. (Nota do Tradutor). As notas sem indicação são a tradução do conteúdo original.

Correções e sugestões também são sempre bem-vindas.

Finalmente, é dever nosso ressaltar a contribuição dos confrades e amigos que tanto fizeram para a realização desta edição.

Ery Lopes

Prefácio

Por *Léon Denis*



Lá se vão cinquenta e oito anos que o Espírito de Allan Kardec retornou à vida livre dos Espíritos e, durante esse lapso de tempo, sua doutrina penetrou até as regiões mais remotas do globo reunindo-se no conjunto dos seus partidários milhões de adeptos. Seria desnecessário enumerar todos os grupos, círculos, federações e institutos que têm sido fundados; supérfluo citar os jornais, revistas e publicações em todas as línguas que contribuem para a difusão de nossas crenças. Desnecessário e supérfluo — diremos nós — porquanto a lista não seria senão provisória, já que o número dessas organizações e de suas obras

se eleva todos os dias.

Hoje, a Doutrina dos Espíritos, condensada e coordenada pelo vigoroso cérebro de Allan Kardec, é adotada por multidões de crentes e de pensadores no central e meridiano da Europa, desde Portugal até a Romênia, assim como na América Central e do Sul. Em vários meios, Institutos e Universidades lhe reservaram um lugar entre seus programas; podemos prever, segundo a evolução geral da espiritualidade, a hora em que a doutrina das vidas sucessivas penetrará no ensino popular e idealista em todos os países. Já se pode avaliar a cifra enorme de desesperados aos quais essa crença restituiu a força moral, a coragem de viver e a confiança no futuro, preservando-os do suicídio; de todos aqueles que ela ajudou a suportar as provações e o fardo pesado de vidas obscuras e dolorosas. Eu mesmo tenho testemunhos comoventes sob a forma de cartas que ocupam pastas inteiras, embora só conserve as mais importantes.

Eu tinha dezoito anos quando li O Livro dos Espíritos, o qual foi uma iluminação súbita de todo o meu ser. Não tive necessidade de provas para uma doutrina que respondia a todas as questões e resolvia todos os problemas de maneira a satisfazer a razão e a consciência. Aliás, as provas estavam em mim mesmo; eram como vozes distantes que me falavam de vidas desconhecidas; era a evocação de um passado esquecido, todo um mundo de recordações se aflorava com o seu cortejo de males, de sangue e de lágrimas.

Logo as leituras complementares se seguiram e mais tarde, quando minha maturidade parecia suficiente para compreender bem, vieram os fenômenos convincentes, decisivos.

De minha parte, durante quase meio século, trabalhei para divulgar nossas crenças pela escrita e pela palavra. Haveria um laço

misterioso entre o discípulo e o Mestre? Ressaltamos que meu nome está enlaçado naquele de Allan Kardec, que, na verdade, se chamava Hippolyte Léon Denisard Rivail.¹² Os amantes de números e de nomes predestinados podem encontrar aí matéria para seus comentários.

Encontrei-me com Allan Kardec diversas vezes no plano terrestre. A primeira vez foi em Tours, quando ali ele chegou em 1867, durante uma turnê de conferências.¹³ Havíamos alugado um salão para recebê-lo, mas a polícia imperial, suspeitando de nós, interditou a utilização da sala. Tivemos que nos reunir no jardim de um amigo, sob o brilho das estrelas. Éramos cerca de trezentas pessoas, de pé, amontoados, pisoteando os canteiros, todavia jubilosos de ver e ouvir o Mestre, sentado no meio de nós, frente à uma pequena mesa, que nos falava do fenômeno das obsessões.

No dia seguinte, quando eu ia lhe oferecer meus préstimos, encontrei-o naquele mesmo jardim, montado num banquinho e colhendo cerejas que ele entregava à Madame Allan Kardec. Essa cena bucólica e repleta de charme contrastava com a seriedade das personagens. Depois, foi em Bonneval, departamento de Eure-et-Loir, onde ele tinha ido participar de um encontro espírita que reuniria todos os adeptos da região. Finalmente, em Paris, durante as viagens, pude conversar com ele da causa que nos era tão cara.

¹² A questão no nome civil de Allan Kardec é um tanto controversa. Há variações em diversos documentos (dentro os quais nas certidões de nascimento, casamento e óbito). Saiba mais em: <https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Allan%20Kardec#civ>. Ao sugerir a forma que lhe parecia a verdadeira, o prefaciador habilmente identifica seu nome dentro da firma pessoal do seu mestre: “Hippolyte **Léon Denisard Rivail**” — N. T.

¹³ Sobre esse roteiro de conferências, ver *Viagens Espíritas de Allan Kardec*, disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=146>. Ver também <https://facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/photos/a.289399475157175/933461010751015> e <https://facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/photos/a.289399475157175/934000690697047> (itinerário atualizado das viagens de Kardec em 1861 e 1862). — N. T.

Allan Kardec morreu em 1869; disseram que ele tinha reencarnado no Havre em 1897, o que não é exato. De fato, como um Espírito da sua qualidade poderia ter aguardado trinta anos para se revelar na extensão das suas faculdades e da sua missão providencia? Foi somente às vésperas do Congresso de 1925 que o grande iniciador começou a se manifestar no nosso grupo através de um médium em transe. Dada a minha idade e minhas enfermidades, hesitei então em tomar parte nesses grandes assentos do Espiritismo mundial. Ele me convenceu a isso com seus argumentos e toda a força da sua vontade. Durante todo o transcorrer desse Congresso, senti seu apoio fluídico e a eficácia de suas inspirações.

Doravante, ele não cessou de intervir em todas as nossas sessões, insistindo na necessidade de eu redigir e publicar um livro sobre O Gênio Céltico e o mundo invisível,¹⁴ a fim de demonstrar que o movimento espiritualista atual não era outra coisa senão um poderoso despertar das tradições de nossa raça. Isto não surpreenderá da parte de um druida reencarnado que quis um dólmen como pedra tumular no Père-Lachaise¹⁵ e que retomou o seu nome céltico. Allan Kardec fez mais: ele continuou a nos ditar uma série de mensagens que se encontram na parte final do meu livro, algumas das quais se elevam ao derradeiro limite da compreensão humana. Duas delas, sobretudo, apresentam essa característica e têm por títulos: Origem e evolução da vida universal; As forças radiantes do Espaço: o campo magnético. Nossos guias nos declaram que todo leitor poderá tirar dessa obra uma

¹⁴ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=164> — N. T.

¹⁵ Os restos mortais de Allan Kardec foi primeiro sepultado no cemitério de Montmartre, no dia 2 de abril de 1869; um ano depois, eles foram transferidos para o célebre cemitério do Père-Lachaise, onde foi erguido um dólmen ao estilo dos druidas. — N. T.

orientação nova que “no estágio evolutivo ao qual alcançamos, só é compatível com o grau de resistência do cérebro humano”. Acrescentamos, enfim, que o Espírito Allan Kardec, no curso de numerosas conversas, deu-me provas incontestáveis de sua identidade, entrando em detalhes precisos sobre a sua sucessão e as dificuldades que ela suscitou, detalhes que o médium não podia conhecer, não passando então de uma pequena criança descendente de pais que ignoravam tudo de Espiritismo. Esses fatos foram apagados da minha memória e eu não poderia lhes reconstituir senão por certas pesquisas e investigações.

Uma vez mais, o discípulo se inclina diante da vontade imperiosa do Mestre. Malgrado minha idade avançada e meu estado de cegueira, pude concluir O Gênio céltico que tanto me toca o coração. Mais do que nunca, ao curso desse trabalho, meus amigos invisíveis me sustentaram, ajudaram, esclareceram; mais que nunca, senti que minha derradeira obra — desejada do alto — é realmente o resultado de uma estreita colaboração entre dois servidores de uma mesma e única causa. Que digo, Colaboração? É melhor ainda. É muito mais a comunhão completa de duas almas perseguindo um objetivo comum: a expansão universal de uma crença chamada a se adaptar rapidamente à mentalidade moderna.

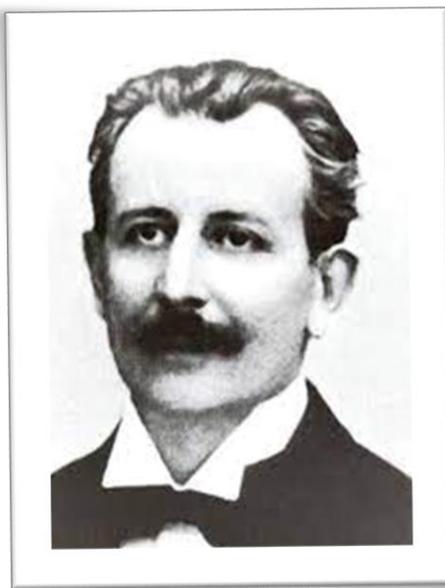
Nada deterá o espiritismo em sua marcha, porque ele é a verdade.

E o dia não está longe em que a humanidade inteira verá em Allan Kardec um precursor, um renovador do pensamento moderno e lhe renderá as homenagens devidas à sua memória.

Léon Denis

Prefácio (1910)

Por *Gabriel Delanne*



NOTA DESTA EDIÇÃO – Prefácio da edição desta biografia publicada em 1910, substituído pelo texto de Léon Denis (seção anterior) de 1927 (ano seguinte à desencarnação de Delanne) na 4ª edição, que tomamos como fonte primária para esta tradução.

Consideramos desnecessário apresentar ao público o autor da biografia de Allan Kardec. Nosso amigo H. Sausse é conhecido de longa data e incluído entre os espíritas apóstolos de primeira ordem, tanto pelas suas notáveis pesquisas experimentais sobre os fenômenos mediúnicos quanto pelo ardor infatigável pela

propaganda e pela defesa das ideias que nos são tão caras.

Sentimo-nos felizes pela brilhante ideia que ele teve de retratar, em algumas páginas, a vida de devotamento e labor do grande Espírito filosófico que soube demonstrar a existência do mundo dos Espíritos e traçar magistralmente as grandes linhas da evolução espiritual de todos os seres.

A obra de Allan Kardec é imperecível porque é clara, lógica e baseada na observação imparcial dos fatos. Inutilmente se há tentado destruir suas doutrinas; elas, porém, têm resistido a todos os assaltos: os sarcasmos dos padres, os ataques dos materialistas e os anátemas das religiões foram impotentes para vencer essa força que só a verdade traz em si. Mais vigoroso que nunca, o Espiritismo se desenvolve qual árvore poderosa, cujas raízes estão implantadas em todas as classes da sociedade.

Desde a morte de Allan Kardec, o número de adeptos tem aumentado sempre. O Congresso de 1889,¹⁶ com seus quarenta mil aderentes, é a última manifestação dessa vitalidade, e as pesquisas levadas a efeito pelo mundo oficial científico dão testemunho da importância de tais estudos.

De fato, que problema será mais digno de fixar a nossa atenção? Saber se somos efêmeras agregações de átomos que a morte há de lançar no nada, com o aniquilamento de todas as nossas afeições, todos os nossos sonhos, todas as nossas esperanças, ou se renascemos num mundo novo, onde vamos encontrar os seres amados sob o pálio da eterna justiça, tantas vezes violada na Terra?

Já não nos encontramos na época em que bastava a fé para

¹⁶ Depois que estas linhas foram escritas, o Congresso de 1900, realizado em Paris, obteve o mesmo sucesso — Nota da edição francesa de 1910.

garantir a certeza da vida futura. É preciso, ao espírito moderno, outra coisa mais do que simples afirmações; foi o que Allan Kardec compreendeu admiravelmente. Todo o seu ensino se sustenta na rigorosa observação dos fatos.

Ele mostrou que a relação entre os vivos e os desencarnados era a pedra angular da filosofia científica do futuro. Nada de vagas especulações metafísicas em suas obras, mas deduções concretas e tangíveis, ao alcance de todas as inteligências. O estudo da vida no Espaço se desenvolve com um rigor inatacável. A responsabilidade dos atos se verifica em todas as comunicações. Assistimos ao alvorecer da morte com todas as suas conseqüências, conforme o emprego bom ou mal que se dê à vida neste mundo.

E, ademais, é a demonstração dessas comoventes leis de amor e de fraternidade, que não são meras fórmulas sentimentais, mas realidades efetivas. Sente-se que a grande lei de evolução — que faz com que todos os seres, por meio das reencarnações sucessivas, passem por todos os graus da escala social — é uma necessidade que se impõe à razão, com o rigor que a experiência constata.

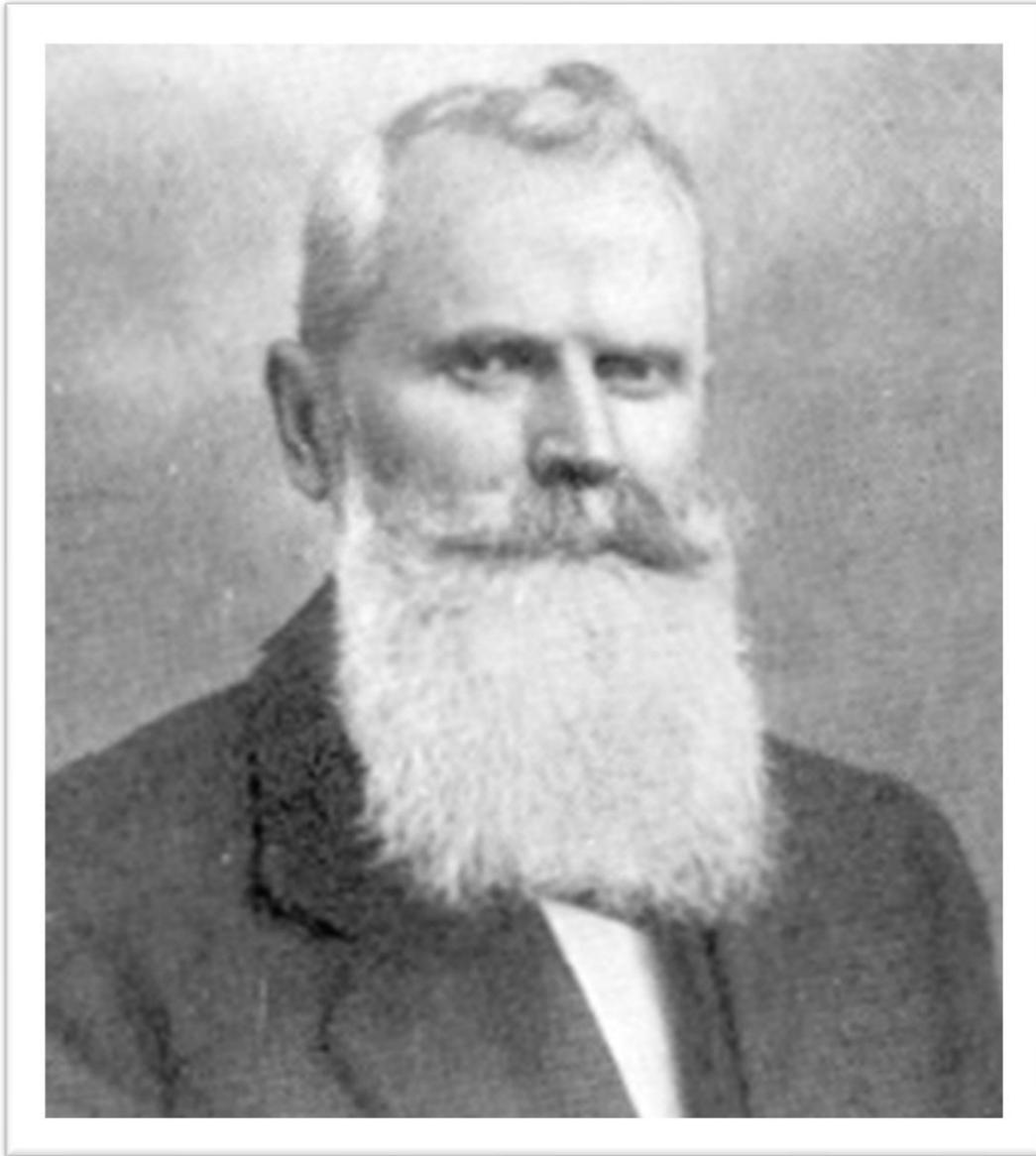
Entrevê-se, então, a possibilidade de uma sociedade mais equitativa, quando tais verdades, penetrando no coração das multidões, aí farão desabrochar essas flores da alma que ainda jazem em estado embrionário.

A pureza desses ensinamentos é uma garantia segura da sua autenticidade. Baseando-se na justiça e na bondade de Deus, restabelece a verdadeira doutrina do Cristo, alterada por dezoito séculos de interpretações interesseiras. São as vozes do Espaço que convocam a Humanidade aos seus destinos superiores, a um futuro de concórdia e de amor.

Sim, é preciso tornar conhecido o grande missionário, que foi um homem simples, justo e bom. É preciso que se mostre o seu labor obstinado, a sua incessante preocupação de levar a bom termo a obra começada, em meio às ciladas da inveja, das perfídias e dos ódios provocados pela boa palavra que ele semeava no campo das ideias.

Contudo, para o sustentar, o Mestre contou com o profundo reconhecimento de todos aqueles a quem ele facultou os meios de se corresponderem com seus mortos amados; foi recompensado pela satisfação de minorar os sofrimentos dos deserdados deste mundo, ao abrir a porta do ideal aos que sucumbem sob o gládio da dor ou da miséria. É por isso que ele será colocado bem alto no coração dos povos, quando estes compreenderem e praticarem a sublime Doutrina, da qual se fez ardente apóstolo e infatigável propagador.

Gabriel Delanne



Henri Sausse

(1852-1928)

Preâmbulo

Quando, em março de 1896, veio-me a ideia de esboçar, apressadamente, uma breve nota biográfica de Allan Kardec, eu não tinha em mente mais que uma palestra a fazer, por ocasião do aniversário de 31 de março, para os nossos amigos da Federação Espírita Lionesa. Lionês, por adoção, e dirigindo-me a um público lionês, fiz este trabalho quase que exclusivamente do ponto de vista do auditório ao qual ele estava destinado. Eu não tinha, aliás, a intenção de publicar esta exposição, que, por conseguinte, só foi editada pelas vivas insistências de meus amigos. A edição, que então eu fiz, estando há muito esgotada, e depois de muitos pedidos, formei o projeto de fazer uma nova tiragem; mas completando, no meu melhor, as lacunas na primeira edição.

Para chegar a esse resultado, enderecei-me aos raros sobreviventes que tinham estado na intimidade do Mestre; porém, seja que as memórias deles fossem imprecisas, ou que eles não quisessem desenterrar as memórias antigas de quarenta anos, todos os meus esforços nesse sentido ficaram sem efeito. Eu tive então que pedir a uma outra fonte os elementos dos quais eu precisava para estabelecer uma biografia menos superficial do que no primeiro ensaio.

Uma coisa que sempre me doía e que constatei várias vezes com pesar, durante os vinte e cinco anos em que eu, como presidente, dirigi os trabalhos da Sociedade Fraternal, é a indiferença dos espíritas quanto à leitura dos primeiros anos da *Revista Espírita*. Dos anos 1858 a 1869 em que Allan Kardec esboçou as obras fundamentais da doutrina Espírita, e em que sempre sentimos fluir profundamente a fé ardente, a convicção plena que o animava; fé e convicção que ele sabia tornar tão comunicativas. Acredita-se, embora de forma equivocada, que esses escritos envelheceram, que já não são mais da atualidade, que a ideia tendo caminhado a passos de gigante, essa leitura hoje não oferece nenhum interesse. Erro profundo, tanto quanto lastimável. Não, os escritos de Allan Kardec não envelheceram, não caducaram; ao contrário, eles conservaram todo seu vigor, todo o seu propósito, e em sua clareza cristalina eles são, mais do que nunca, atuais.

Que preceitos sábios, que conselhos prudentes e esclarecidos, que exemplos vívidos transbordam nesses doze primeiros anos da *Revista Espírita* e quanto, a meu ver, temos errado ao negligenciar essa fonte de informações sobre todos os pontos que podem nos preocupar no tocante à doutrina espírita.

Para me informar sobre Allan Kardec, acabo de refazer novamente essa peregrinação reconfortante, ou seja, que acabo de reler essas páginas onde o Mestre traçou, dia após dia, a instigação dos eventos, seus pensamentos íntimos, suas reflexões tão criteriosas, seus conselhos tão claros, tão precisos, tão metódicos. A cada linha dessas páginas sente-se vibrar a alma do autor e em uma clara irradiação, Allan Kardec mostra-se a si mesmo tal como sempre foi: bom, generoso, gentil com todos, até mesmo para com seus

inimigos; pode-se atacá-lo, criticá-lo, caluniá-lo e ele permanece tolerante e calmo, respondendo com argumentos irrefutáveis aos ataques contra a doutrina espírita, contudo parecendo ignorar os insultos e as maldades que de todos os lados chegavam ao seu endereço pessoal. É relendo essas páginas que eu pude melhor compreender e admirar Allan Kardec; e é reproduzindo as pérolas, as joias, os diamantes que se encontram nesse rico baú, que me será mais fácil torná-lo mais conhecido: dessa maneira, esta biografia tornar-se-á uma autobiografia, na qual, por extratos pegos em flagrante, Allan Kardec, de alguma forma, virá pintar a ele próprio e a se revelar tal como sempre foi: pensador profundo, leal, metódico, escritor atento e preciso; espírita esclarecido tanto quanto confiante, afável e tolerante, e sempre se esforçando para reger sua conduta sob seus princípios que ele ensina aos outros praticando-os ele mesmo.

Eis o homem que deu ao Espiritismo seu belo lema: ***Fora da caridade não há salvação.*** Este lema, não somente ele o proclama, mas o coloca em prática, e seu único desejo é ver reger também a conduta de todos aqueles que se dizem e se acreditam espíritas.

Meu único mérito neste novo estudo sobre Allan Kardec se reduz, portanto, a um trabalho de copista. Tendo sido seduzido pela verdade, pela grandeza, pela beleza de alguns dos ensinamentos do Mestre, acreditei poder extrai-los dos doze volumes em que estão inseridos para submetê-los a *meus irmãos e irmãs em crença*, sem outra pretensão e sem outro desejo exceto o de lhes fazer admirar a seu turno.

Se bem que este estudo não se dirija mais especialmente aos espíritas lioneses, ao recordar o motivo que me havia guiado em meu

primeiro trabalho, eu não creio dever modificar seu início.

Lyon, 31 de março de 1909

Henri Sausse



Allan Kardec
(1804-1869)

Biografia de Allan Kardec

Senhoras, senhores,

Muitas pessoas que se interessam pelo Espiritismo muitas vezes manifestam o pesar de não possuírem senão um conhecimento bastante imperfeito da biografia de Allan Kardec e de não saberem onde encontrar, sobre aquele a quem chamamos Mestre, as informações que desejariam conhecer. Pois é para honrar Allan Kardec e festejar a sua memória que hoje nos achamos reunidos, já que um mesmo sentimento de veneração e de reconhecimento faz vibrar todos os corações em respeito ao Fundador da filosofia espírita, permiti-me, para tentar corresponder a tão legítimo desejo, de vos entreter por alguns instantes com esse Mestre amado, cujas obras são universalmente conhecidas e apreciadas e cuja vida íntima, a laboriosa existência, são apenas conjeturadas.

Se foi fácil a todos os pesquisadores conscienciosos se inteirarem do alto valor e da grande abrangência da obra de Allan Kardec pela leitura atenta das suas publicações, na falta dos elementos necessários até este dia, bem poucos puderam penetrar na vida do homem privado e segui-lo passo a passo no cumprimento da sua empreitada tão grande, tão gloriosa e tão bem realizada. Não somente a biografia de Allan Kardec é pouco conhecida, como ainda está por ser escrita. A inveja e o ciúme semearam sobre ela os mais evidentes

erros, as mais grosseiras e as mais despudoradas calúnias. Vou, portanto, esforçar-me para vos mostrar, sob uma luz mais verdadeira, o Grande Iniciador de quem nos orgulhamos de ser discípulos.

Todos vós sabeis que a nossa cidade pode se honrar, com justa razão, de ter visto nascer entre seus muros esse pensador tão arrojado quão metódico; esse filósofo sábio, clarividente e profundo, esse trabalhador obstinado cujo labor abalou o edifício religioso do velho mundo e preparou os novos alicerces que deviam servir de base para a evolução e a renovação da nossa sociedade caduca, impelindo-a para um ideal mais são, mais elevado, para um avanço intelectual e moral seguros. Com efeito, foi em Lyon, que a 3 de outubro de 1804, nasceu de uma antiga família lionesa do nome de Rivail, aquele que devia mais tarde ilustrar o nome de Allan Kardec e conquistar para ele tantos títulos à nossa profunda simpatia, ao nosso filial reconhecimento.

Eis aqui a esse respeito um documento concreto e oficial:

Aos 12 do vindemiário do ano XIII¹⁷, auto do nascimento de *Denizard Hippolyte-Léon Rivail*, nascido ontem às 7 horas da noite, filho de *Jean-Baptiste-Antoine Rivail*, magistrado, juiz, e de *Jeanne Duhamel*, sua esposa, residentes em Lyon, rua Sala n^o 76.^{18 19}

O sexo da criança foi reconhecido como masculino.

¹⁷ A data registrada seguia o padrão do calendário republicano francês, que tinha por base o ano da Revolução Francesa: 1792, calendário esse que vigorou até 1805, o qual nós seguimos atualmente. A data em questão (quando do registro de nascimento) correspondente a 4 de outubro de 1804, portanto, um dia após o dia do nascimento de Kardec. — N. T.

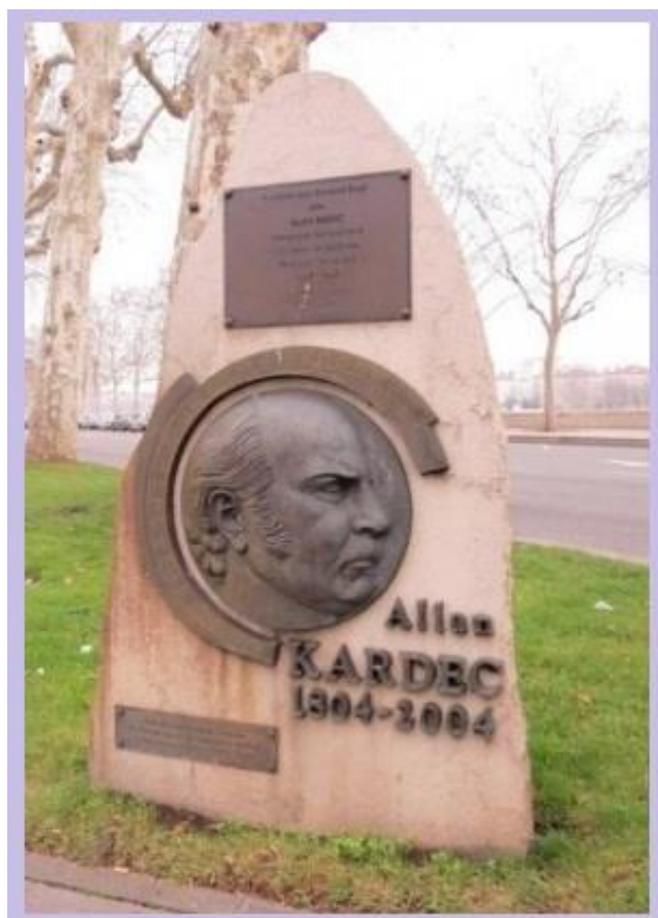
¹⁸ A casa onde nasceu Allan Kardec desapareceu depois do alargamento e endireitamento da rua Sala de 1840 a 1852, depois das inundações de 1840.

¹⁹ Na verdade, esse endereço correspondia a uma casa de saúde especializada em tratamento para gestações especiais (principalmente casos delicados) à base de águas minerais, onde Kardec realmente nasceu; não era o endereço residencial da sua família, que aliás não morava em Lyon, mas em Bourg-en-Bresse, no departamento do Ain, distante pouco mais de 50 km da cidade de Lyon. — N. T.

Testemunhas maiores: *Syriaque-Frédéric Dittmar*, diretor do estabelecimento das águas minerais da rua Sala, e *Jean-François Targe*, mesma rua Sala, sob a requisição do médico *Pierre Radamel*, rua Saint-Dominique n° 78.

Feita a leitura, as testemunhas assinaram, assim como o prefeito da região do Meridiano.

O Presidente do Tribunal,
Assinado: MATHIOU.



Monumento a Allan Kardec colocado próximo ao endereço de seu nascimento (Rua Sala, n° 76) em Lyon, França.

O jovem Rivail foi batizado a 15 de junho do ano seguinte, como dá fé o extrato adiante cujo Sr. Leymarie bem quis nos conceder o original:

Extrato dos Registros de Batismo da paróquia de Saint-Denis em Bresse²⁰, diocese de Lyon.

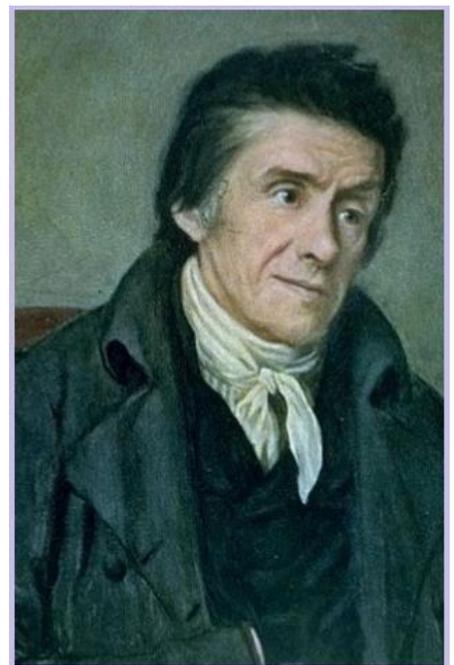
²⁰ Igreja Saint-Denis de la Croix-Rousse [São Denis da Cruz Vermelha] que então não fazia parte de Lyon.

No dia quinze do mês de junho do ano mil, oitocentos e cinco foi batizado nesta paróquia Hippolyte Léon Denizard nascido em Lyon a três de outubro de mil, oitocentos e quatro, filho de Jean-Baptiste Antoine Rivail, homem da lei, e Jeanne Louise Duhamel; padrinho Pierre Louis Perrin, madrinha Suzanne Gabrielle Marie Vemier, residente na cidade de Bourg — Assinado Barthe pároco, para cópia autenticada entregue em vinte e oito de outubro de mil oitocentos e treze.

Assinado: CHASSIN, *sacerdote*.²¹

O futuro fundador do Espiritismo recebeu desde seu berço um nome querido e respeitado, além de todo um passado de virtudes, de honra, de probidade; grande número de seus ancestrais tinham se distinguido na advocacia e na magistratura, por seu talento, saber e sua escrupulosa probidade. Parece que o jovem Rivail devia sonhar, ele também, com os louros e glórias da sua família. Entretanto, não foi assim, pois desde sua primeira juventude ele se sentira inclinado para as ciências e para a filosofia.

Rivail Denizard fez em Lyon os seus primeiros estudos e completou em seguida sua bagagem escolar em Yverdon (Suíça), com o célebre professor Pestalozzi, de quem ele logo se tornou um dos mais eminentes discípulos e o colaborador inteligente e devotado. Aplicou-se, de todo o coração, à propaganda do sistema de educação que exerceu tão grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha. Desde a



Johann Heinrich Pestalozzi

²¹ Esse documento está redigido em papel timbrado custando 25 centavos.

idade de 14 anos ele explicava aos seus pequenos camaradas, menos avançados que ele, as lições do mestre, quando eles não as tinham compreendido, enquanto sua inteligência, tão aberta e tão ativa, o fizeram apreender já na primeira exposição. Foi nesta escola que se desenvolveram as ideias que mais tarde fariam dele um observador atento e metucioso, um pensador prudente e profundo. As dificuldades que experimentou no início, sendo ele católico em um país protestante, levaram-no desde cedo a amar a tolerância e fizeram dele um verdadeiro homem de progresso, um sábio livre pensador, querendo primeiramente entender antes de acreditar no que lhe ensinavam.

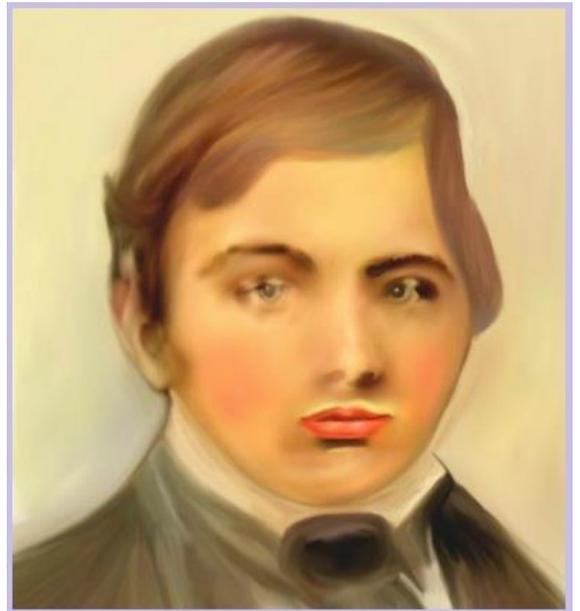


Castelo-escola de Pestalozzi em Yverdon-les-Bains, Suíça

Muito frequentemente, quando Pestalozzi era chamado pelos governos, um pouco de todos os lados, para fundar institutos semelhantes àquele de Yverdon, ele confiava a Denizard Rivail o encargo de substituí-lo na direção da sua escola; o discípulo tornado

mestre tinha, além de tudo, com os mais legítimos direitos, a capacidade requerida para conduzir bem a tarefa que lhe era confiada.²² Era bacharel em letras e em ciências, doutor em medicina tendo feito todos os estudos médicos e brilhantemente apresentado sua tese;²³ ²⁴ era um distinto linguista, conhecia a fundo e falava corretamente o alemão e o inglês; conhecia também o holandês e podia facilmente se exprimir nesta língua.

Denizard Rivail era um rapaz alto e belo, de maneiras distintas, de humor jovial na intimidade, bom e prestativo. Tendo cumprido a conscrição para o serviço militar, ele obteve isenção e dois anos depois a Paris para fundar, na rua de Sèvres n° 35, um estabelecimento semelhante ao de Yverdon. Para essa empresa, ele se associara a um dos seus tios, irmão de sua mãe, o qual era seu sócio capitalista.²⁵



Representação do jovem Rivail por Marisa Cajado. Fonte: [Blog do Ismael](#)

No mundo das letras e do ensino, que frequentava em Paris,

²² Sobre o período de Rivail em Yverdon e outras informações, baseadas em fontes primárias, ver *De Rivail a Kardec: um resumo de novas descobertas* de Carlos Seth Bastos, disponível em https://drive.google.com/file/d/1FpqqGDabFtjd_GndDW_u1Tac_7Z90crRJ/view — N. T.

²³ Essas informações me foram fornecidas pelo Sr. G. Leymarie em 1896.

²⁴ Não temos a menor evidência dessa informação e muito provavelmente se trata de um equívoco. Disse Leymarie que Kardec “estudou medicina”, durante a 1ª sessão pública do Primeiro Congresso Internacional Espírita de 1888, em Barcelona, Espanha. Ver em <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L179.pdf> — N. T.

²⁵ Antes do Liceu Polimático da Rua de Sèvres ele teve uma escola de 1º grau e um pensionato para meninos na Rua de Vaugirard. Para maiores detalhes sobre a sua carreira militar e educacional, veja *De Rivail a Kardec*, de Carlos Seth, disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l180.pdf>. — N. T.

Denizard Rivail encontrou a senhorita Amélia Boudet, que era professora com diploma de 1ª classe. Pequena, mas bem afeiçoada, gentil e graciosa, rica por seus pais e filha única, inteligente e viva, por seu sorriso e predicados ela soube fazer-se notar pelo Sr. Rivail, em quem adivinhou, sob o homem amável de alegria franca e comunicativa, o pensador sábio e profundo aliando uma grande dignidade à melhor urbanidade. O registro civil nos informa que:

Amélie Gabrielle Boudet, filha de Julien-Louis Boudet, proprietário e antigo tabelião, e de Julie Louise Seigneat²⁶ de Lacombe, nasceu em Thiais (Sena) em 2 do Frimário do ano IV (23 de novembro de 1795).²⁷

A senhorita Amélia Boudet tinha, portanto, nove anos a mais que o Sr. Rivail, mas na aparência tinha menos dez que ele quando, em 6 de fevereiro de 1832, se firmou em Paris o contrato de casamento de Hippolyte-Léon-Denizard Rivail, diretor do Instituto Técnico²⁸, à rua de Sèvres (Método de Pestalozzi), filho de Jean-Baptiste Antoine e da senhora Jeanne Duhamel, domiciliários em Château-du-Loir,²⁹ com Amélie-Gabrielle Boudet, filha de Julien Louis e da senhora Julie Louise Seigneat³⁰ de Lacombe, domiciliados em Paris, rua de Sèvres número 35.³¹

²⁶ A grafia correta deste sobrenome “Seigneat” (a mãe de Amélie) é “Saignes”, conforme vemos em <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/323047881792334> -- N. T.

²⁷ Esta data corresponde ao dia do registro de nascimento de Amélie, nascida um dia antes, portanto, 22 de novembro de 1795, conforme a fonte anteriormente citada. — N. T.

²⁸ Decerto, esse “Instituto Técnico” se refere ao Liceu Polimático, também conhecido à época como Instituto Rivail — N. T.

²⁹ Na verdade, essa era a residência dos pais de Amélie, não os de Rivail. — N. T.

³⁰ Ver nota 23. — N. T.

³¹ De fato, este era o endereço de Rivail (que morava com a mãe e um tio) e não o dos pais de Amélie, instalados em Château-du-Loir. — N. T.

O sócio do Sr. Rivail tinha a paixão do jogo; ele arruinou seu sobrinho perdendo volumosas somas em Spa e em Aix-la-Chapelle. O Sr. Rivail requereu a liquidação do Instituto, cuja partilha rendeu 45 mil francos a cada um deles.³² Essa soma foi colocada pelo Sr. e a Sra. Rivail em casa de um dos seus amigos íntimos, negociante, que fez maus negócios e cuja falência nada deixou aos credores.

Longe de desanimar com esse duplo revés, o Sr. Rivail se lançou corajosamente ao trabalho; encontrou e pôde encarregar-se de três contabilidades que lhe produziam cerca de 7 mil francos por ano; e, terminado sua jornada, esse trabalhador infatigável escrevia à noite, à luz de vela, gramáticas, aritméticas, volumes para estudos pedagógicos superiores; traduzia obras inglesas e alemãs e preparava todos os cursos de Levy-Alvarès, frequentados por alunos de ambos os sexos do subúrbio de Saint-Germain. Organizou também em sua casa, à rua de Sèvres, cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada, que eram bastante frequentados de 1835 a 1840.³³ Eis o homem que a serpente da calúnia procurou por mil maneiras manchar com sua baba; eis aquele que um dramaturgo de um feroz ciúme quis fazer passar por ter sido diretor de um teatro para mulheres! Em matéria de teatro, aqui está aquele no qual atuou o Sr. Léon Rivail.³⁴

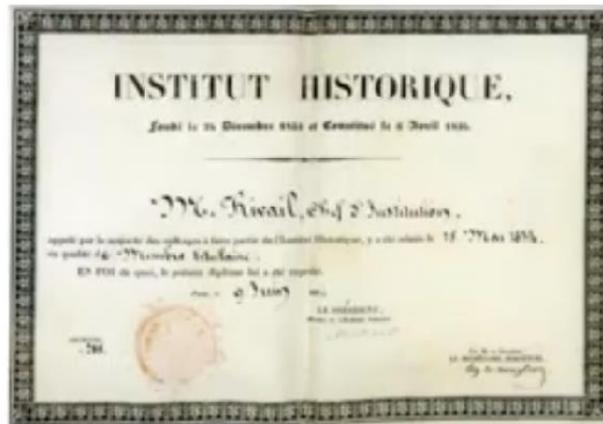
Membro de várias sociedades eruditas, notadamente o da Real

³² Esta informação não é precisa: a direção do Instituto foi transferida para o Sr. Pitolet, conforme <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l180.pdf> — N. T

³³ Para maiores detalhes sobre as atividades no Instituto Rivail da rua de Sèvres veja: <https://www.facebook.com/page/289349718495484/search/?q=cevenas> — N. T

³⁴ Rivail também trabalhou como caixa e tesoureiro no Délassements-Comiques, e foi sócio na agência de artistas Reju de Backer & Denizard, conforme *De Rivail a Kardec*, de Carlos Seth, disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l180.pdf> — N. T

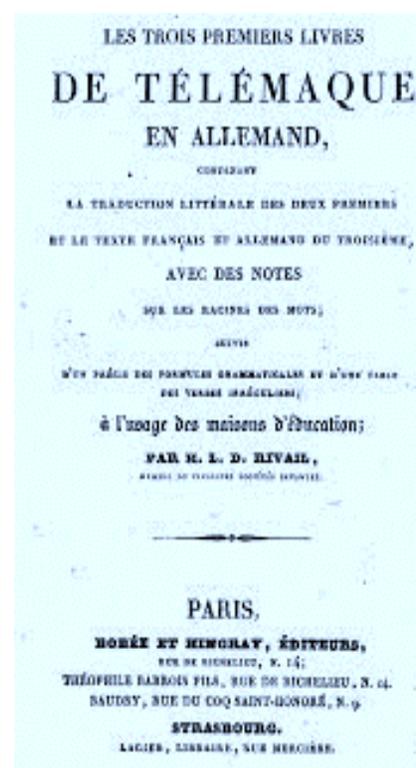
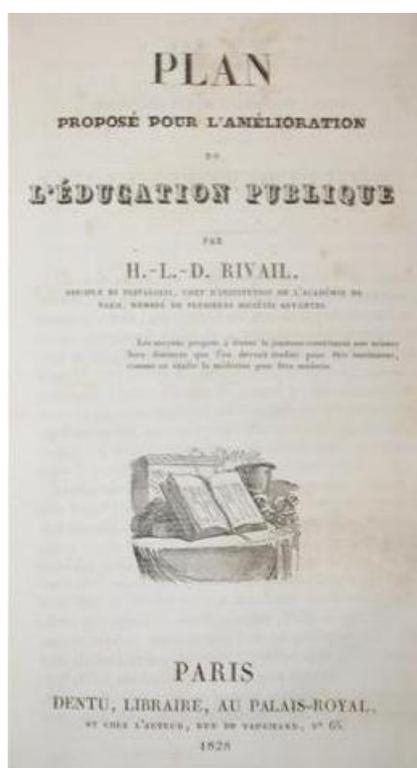
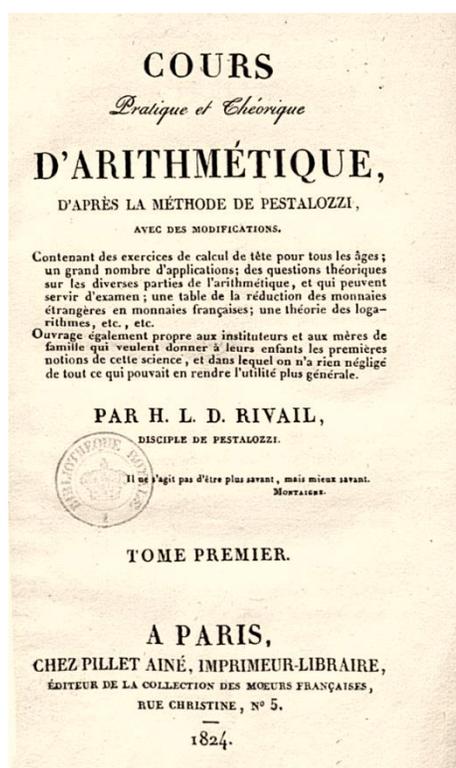
Academia de Arras, ele foi coroado, no concurso de 1831, por uma notável dissertação tendo por tese: “*Qual é o sistema de estudo mais em harmonia com as necessidades da época?*”



Alguns diplomas e certificados do Professor Rivail

Dentre as suas numerosas obras convém citar, por ordem cronológica: *Plano proposto para o melhoramento da instrução pública*, em 1828; em 1829, seguindo o método de Pestalozzi, ele publicou, para o uso das mães de família e dos professores: *Curso prático e teórico de aritmética*; em 1831 fez aparecer a *Gramática francesa clássica*; em 1846, *Manual dos exames para obtenção dos diplomas de capacidade*, soluções racionais das questões e problemas de aritmética e geometria; em 1848 foi publicado o *Catecismo gramatical da língua francesa*; finalmente, em 1849, encontramos o

Sr. Rivail professor no Liceu Polimático onde deu os cursos de fisiologia, de astronomia, de química e de física.³⁵ Em uma obra muito estimada, ele resume seus cursos e depois edita: *Ditados normais dos exames no Paço Municipal e na Sorbonne; Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas*. Veja-se o que ele produziu; quantos foliculários mascarados que ousaram atacar esse grande trabalhador poderiam mostrar isso?



Algumas obras didáticas do pedagogo Rivail

Tendo essas diversas obras sido adotadas pela Universidade de França e vendendo-se abundantemente, o Sr. Rivail pôde se constituir, graças a elas e ao seu assíduo labor, uma pequena fortuna. Como se pode julgar por esta tão rápida exposição, o Sr. Rivail estava admiravelmente preparado para o rude serviço que ia ter que

³⁵ Não mais em 1849. Com efeito, desde pelo menos 1845 Rivail já havia entregado as instalações do seu Liceu ao Sr. Pitolet. — N. T.

cumprir e fazer triunfar. Seu nome era conhecido e respeitado, seus trabalhos merecidamente apreciados, bem antes que ele imortalizasse o nome de Allan Kardec.

Prosseguindo sua carreira pedagógica, o Sr. Rivail poderia ter vivido feliz, honrado e tranquilo, estando sua fortuna reconstruída pelo seu trabalho perseverante e o brilhante êxito que havia coroado seus esforços; porém sua missão o chamava a uma tarefa mais pesada, a uma obra maior e — como teremos muitas vezes ocasião de o constatar — ele sempre se mostrou à altura da missão gloriosa que lhe estava reservada. Seus instintos e suas aspirações teriam impelido para o misticismo, todavia sua educação, seu justo discernimento, sua observação metódica igualmente o mantinham a salvo dos entusiasmos irracionais e das negações injustificadas.

Desde cedo ocupou-se com os fenômenos do Magnetismo; tinha no máximo 19 anos quando, por volta de 1823, sentiu-se impelido a estudar as fases do sonambulismo, cujos mistérios perturbadores eram para ele do mais alto interesse. É, pois, com perfeito conhecimento de causa que ele escreverá um dia em sua *Revista Espírita* de março de 1858, página 92:

“O Magnetismo preparou os caminhos do Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina incontestavelmente se devem à popularização das ideias da primeira. Dos fenômenos do magnetismo, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas, não há mais do que um passo; sua conexão é tal que, por assim dizer, é impossível falar de um sem falar do outro. Se ficássemos fora da ciência magnética, nossa estrutura ficaria incompleta e poderíamos comparar a um professor de física que se absteve de falar da luz. Entretanto, como o magnetismo já tem entre nós órgãos especiais justamente credenciados, seria supérfluo nos

determos em um assunto tratado com a superioridade do talento e da experiência; vamos, portanto, falar apenas disso adicionalmente, porém o suficiente para mostrar as relações íntimas de duas ciências que, na realidade, são apenas uma.”

Mas não nos antecipemos; ainda não chegamos lá. Allan Kardec, por enquanto, não encontrou o caminho que o levará à imortalidade.

Foi em 1854 que o Sr. Rivail ouviu pela primeira vez falar das mesas girantes,³⁶ primeiramente pelo Sr. Fortier, magnetizador, com o qual mantinha relações para os seus estudos sobre o magnetismo.³⁷ Fortier lhe disse um dia: “Eis aqui uma coisa que é bem mais extraordinária: não só se faz girar uma mesa, magnetizando-a, mas também se pode fazê-la falar; interroga-se, e ela responde.” — Isso, replicou Rivail, é outra questão: eu acreditarei quando vir e quando me tiverem provado que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir, e que se pode torná-la sonâmbula; até lá, permita-me de não ver nisso senão um conto de ninar.”



Prof. Rivail * Allan Kardec

Tal era a princípio o estado de espírito do Sr. Rivail, tal o encontraremos com frequência, não negando coisa alguma por preconceito, mas pedindo provas e querendo ver e observar para

³⁶ Contudo, o próprio Kardec sugere que essa iniciação tenha sido no ano de 1853, conforme: <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/1182530209177426> — N. T.

³⁷ Mais sobre Fortier em <https://facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/1135184170578697> — N. T.

crer; assim devemos nos mostrar sempre no estudo tão cativante das manifestações do Além.

Até o presente, não temos nos ocupado além do Sr. Rivail, professor emérito, renomado autor pedagógico; mas a essa época de sua vida, de 1854 a 1856, um novo horizonte se abre para esse pensador profundo, para esse sagaz observador; então o nome de Rivail entra nas sombras para ceder o lugar ao de Allan Kardec, que a fama levará a todos os cantos do globo, que todos os ecos repetirão e que todos os nossos corações estimam.

Eis como Allan Kardec nos conta suas dúvidas, suas hesitações e sua primeira iniciação:

“Eu estava, pois, diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da natureza e que a minha razão repulsava. Ainda não tinha visto nem observado nada; as experiências feitas na presença de pessoas honradas e dignas de fé me firmavam na possibilidade do efeito puramente material; mas a ideia de uma mesa *falante* não me entrava ainda no meu cérebro.

“No ano seguinte, era no começo de 1855, encontrei o Sr. Carlotti, um amigo de vinte e cinco anos, que me contou acerca desses fenômenos durante mais de uma hora, com o entusiasmo que ele trazia com todas as ideias novas.³⁸ Sr. Carlotti era oriunda da Córsega, de natureza ardente e enérgica; eu sempre estimava nele as qualidades que distinguem uma grande e bela alma, no entanto, desconfiava da sua exaltação. Ele foi o primeiro a me falar da intervenção dos Espíritos, e aumentou minhas dúvidas. — Um dia vós sereis dos nossos, disse-me ele. — Não digo que não, respondi-lhe; veremos isso mais tarde.

“Daí a algum tempo, pelo mês de maio de 1855, na casa da sonâmbula Sra. Roger,³⁹ estive com o Sr. Fortier, seu magnetizador;

³⁸ Mais sobre Carlotti em <https://facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/1132550670842047> --- N. T.

³⁹ Sobre a Sra. Roger, ver em <https://facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/1135184170578697> --- N. T.

lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison,⁴⁰ que me falaram desses fenômenos no mesmo sentido que o Sr. Carlotti, mas sob um tom totalmente diferente. Sr. Pâtier era funcionário público, de certa idade, homem muito instruído, de um caráter sério, frio e calmo; sua linguagem pausada e isenta de todo entusiasmo me causou uma viva impressão, e, quando ele me convidou para assistir às experiências que se realizavam na casa da Sra. Plainemaison, na rua Grange-Batelière número 18, eu aceitei com prontidão. O encontro foi marcado para a terça-feira, (1º)⁴¹ de maio, às 8 horas da noite.

“Foi aí, pela primeira vez, que fui testemunha do fenômeno das mesas girantes, saltantes e correntes, e isso em condições tais que a dúvida não era possível.

“Ali assisti também a alguns ensaios muito imperfeitos de escrita mediúnica em uma ardósia com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de se estabelecerem, porém ali havia um fato que devia ter uma causa. Entrevi, sob essas aparentes futilidades a espécie de divertimento que se fazia com esses fenômenos, alguma coisa de sério e como que a revelação de uma nova lei, que a mim mesmo prometi aprofundar.

“Logo mais se apresentou a oportunidade de observar mais atentamente o que eu não tinha podido fazer. Em um dos serões da Sra. Plainemaison, eu tomei conhecimento da família Baudin, que então morava na rua Rochechouart.⁴² O Sr. Baudin me convidou a assistir às sessões semanais que se realizavam em sua casa, e às quais eu fui, desde esse momento, muito assíduo.

“Foi lá que fiz meus primeiros estudos sérios em Espiritismo; menos ainda por efeito de revelações do que por observação. Apliquei a essa nova ciência, como o havia feito até então, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências: dos

⁴⁰ Sobre estes dois, consultar <https://facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/959431328153983> --- N. T.

⁴¹ Esta data ficou em branco no manuscrito de Allan Kardec.

⁴² Para as identidades dos membros desta família, ver a composição *A verdadeira identidade das primeiras médiuns utilizadas por Kardec*, de Carlos Seth, disponível na página: <https://sites.google.com/site/jeespiritas/volumes/volume-7---2019/resumo---art-n-010202> --- N. T.

efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi nos meus trabalhos anteriores, desde a idade de quinze a dezesseis anos. Compreendi desde o princípio a gravidade da pesquisa que ia empreender; entrevi nesses fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, a solução do que havia procurado por toda a minha vida; era, numa palavra, uma completa revolução nas ideias e nas crenças; era mister, portanto, agir com circunspeção e não ligeiramente; ser positivista e não idealista, para me não deixar arrastar pelas ilusões.

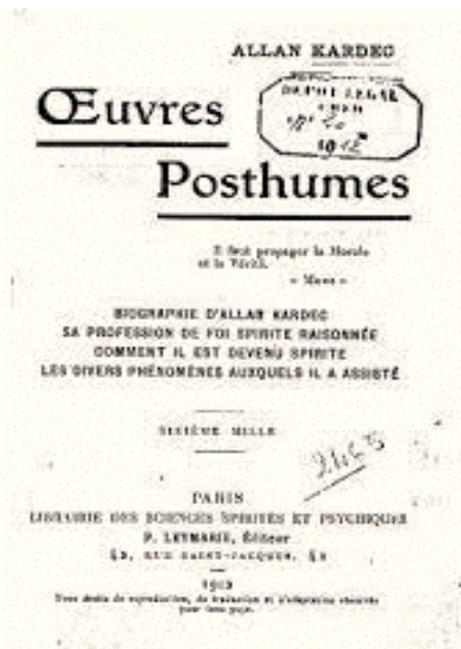
“Um dos primeiros resultados das minhas observações foi que os Espíritos, não sendo outros que as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria nem a soberana ciência; que o seu saber era limitado ao grau do seu avanço, e que a sua opinião não tinha mais do que o valor de uma opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o começo, preservou-me do grave escolho de crer na sua infalibilidade e guardou-me de formular teorias prematuras sobre o dizer de um só ou de alguns.

“Só o fato da comunicação com os Espíritos — o que quer que eles pudessem dizer — provava a existência de um mundo invisível ambiente; era já um ponto capital, um imenso campo aberto às nossas explorações, a chave de uma multidão de fenômenos inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era conhecer o estado desse mundo e seus costumes, se assim nos podemos exprimir; eu logo vi que cada Espírito — em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos — desvendava-me uma fase desse mundo, exatamente como se chega a conhecer o estado de um país interrogando os habitantes de todas as classes e de todas as condições, cada um podendo nos ensinar alguma coisa, e nenhum deles podendo individualmente nos ensinar tudo. Cabe ao observador formar o conjunto com o auxílio dos documentos recolhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e confrontados entre si. Desta maneira, agi com os Espíritos como teria

feito com os homens; eles foram, para mim, desde o menor até o mais elevado, os meios de me informar e não *reveladores predestinados*.”

A estas informações, colhidas nas ***Obras Póstumas de Allan Kardec***, convém acrescentar que a princípio o Sr. Rivail, longe de ser um entusiasta dessas manifestações e absorvido por outras ocupações, esteve a ponto de abandoná-las, o que talvez tivesse feito se não fossem as insistentes solicitações dos Srs. Carlotti e René Taillandier, membro da Academia das ciências, Srs. Tiedeman-Manthèse, Sardou, pai e filho, e o Sr. Didier, editor, que há cinco anos acompanhavam o estudo desses fenômenos e tinham reunido *cinquenta cadernos de comunicações diversas*, que eles não conseguiam pôr em ordem.⁴³ Conhecendo as vastas e raras aptidões de sintetizar do Sr. Rivail, esses Senhores lhe remeteram os cadernos, pedindo-lhe que deles tomasse conhecimento e os sintetizasse. Esse trabalho era árduo e exigia bastante tempo, em virtude das lacunas e obscuridades dessas comunicações; e o sábio enciclopedista se recusava a essa tarefa enfadonha e absorvente, em razão de seus outros trabalhos.

Certa noite, seu Espírito protetor Z lhe deu, através de um médium, uma comunicação toda pessoal, na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma precedente existência, quando, ao tempo dos druidas eles viviam juntos nas Gálias; ele se chamava



⁴³ Informação imprecisa, conforme discutido em <https://www.obrasdekardec.com.br/post/qual-grupo-de-estudo-dos-fenomenos-espiritas-forneceu-os-50-cadernos-para-allan-kardec> — N. T.

então Allan Kardec,⁴⁴ e, como a amizade que lhe havia votado só se fazia aumentar, ele lhe prometia ajudá-lo na tarefa tão importante para a qual ele era solicitado e que facilmente levaria a efeito.

O Sr. Rivail então se lançou à obra; tomou os cadernos, anotou-os com cuidado, após atenta leitura, suprimiu as repetições e pôs na respectiva ordem cada ditado, cada relatório de sessão; assinalou as lacunas a preencher, as obscuridades a aclarar e preparou as perguntas requeridas para chegar a esse resultado.



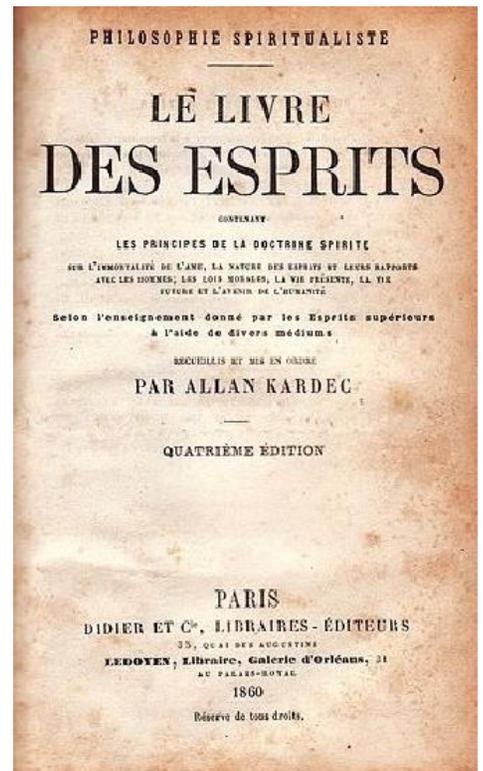
Cena do filme *Kardec: a história por trás do nome* (2019)

“Até então — diz ele próprio — as sessões à casa do Sr. Baudin não tinham nenhum fim determinado; propus-me aí fazer resolver os problemas que me interessavam sob o ponto de vista da filosofia, da psicologia e da natureza do mundo invisível; comparecia a cada

⁴⁴ Celína Béquet, dita Japhet, apresenta outra versão para esse pseudônimo, conforme vemos em: <https://kardecpedia.com/obra/66> — N. T.’

sessão com uma série de questões preparadas e metodicamente arranjadas; eram todas respondidas com precisão, profundidade e de modo lógico. Desde esse momento as reuniões tiveram um caráter todo diferente; entre os assistentes, encontravam-se pessoas sérias que tomaram um vivo interesse por essas sessões, e se me ocorria faltar a uma delas, ficavam como que ociosas, tendo as questões fúteis perdido seu atrativo para o maior número. A princípio eu não tinha em vista além da minha própria instrução; mais tarde, quando percebi que tudo aquilo formava um conjunto e tomava as proporções de uma doutrina, tive o pensamento de publicá-lo, para a instrução de todo o mundo. Foram essas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, fizeram a base de *O Livro dos Espíritos*.”

Em 1856, o Sr. Rivail acompanhou as reuniões espíritas que se realizavam na rua Tiquetone, na casa do Sr. Roustan, com a Senhorita Japhet, sonâmbula,⁴⁵ que obtinha como médium comunicações bem interessantes com o auxílio da cesta de bico; por essa médium, ele examinou as comunicações obtidas e postas em ordem precedentemente. Esse trabalho foi efetuado, a princípio, nas sessões regulares; mas a pedido dos Espíritos, e para que fosse tomado mais cuidado, mais atenção a esse exame, foi continuado em sessões particulares.



⁴⁵ Para suas identidades, ver <https://kardecpedia.com/obra/66> — N. T.

“Não me contentei com essa verificação, diz ainda Allan Kardec; os Espíritos me haviam recomendado isso. As circunstâncias me haviam posto em relação com outros médiuns, toda vez que se oferecia a ocasião eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais melindrosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram sua assistência a esse trabalho. E foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, que foi lançada em 18 de abril de 1857.”

No formato de *grand in-4°*, em duas colunas, uma para as perguntas e outra oposta para as respostas, o autor, no momento de publicá-lo, ficou muito embaraçado para saber como o assinaria, se com seu nome Denizard-Hippolyte-Léon Rivail, ou com um pseudônimo. Sendo o seu nome bem conhecido do mundo científico em virtude dos seus trabalhos anteriores e podendo causar uma confusão — talvez até prejudicar o êxito do empreendimento —, ele adotou a opção de o assinar com o nome de Allan Kardec que, segundo lhe revelara seu guia, ele tivera ao tempo dos druidas.

A obra obteve tal êxito que a primeira edição logo foi esgotada. Allan Kardec a reeditou em 1858 sob a forma atual in-12, revisada, corrigida e consideravelmente aumentada.⁴⁶

Em 25 de março de 1856, estava Allan Kardec em seu gabinete de trabalho, verificando suas comunicações em preparação para *O Livro dos Espíritos*, quando ouviu pancadas repetidas se reproduzirem no tabique; ele procurou a causa disso, sem descobri-

⁴⁶ A 2ª edição apareceu em abril de 1860, a 3ª em agosto de 1860; a 4ª em fevereiro de 1861, sendo três edições em menos de um ano.

la, depois tornou a pôr mãos à obra. Sua esposa, entrando no entorno das dez horas, ouviu os mesmos ruídos; ambos procuraram, mas sem sucesso, de onde estes podiam provir. O Senhor e a Senhora Kardec residiam então na rua dos Mártires número 8, no segundo andar, ao final do pátio.

“No dia seguinte, sendo dia de sessão na casa do Sr. Baudin — escreve Allan Kardec —, contei o fato e pedi a explicação dele:

Pergunta: Ouvistes o fato que acabo de narrar; podereis me dizer a causa dessas pancadas que se fizeram ouvir com tanta insistência? — *Resposta:* Era o teu Espírito familiar.

P. Com que propósito vinha ele bater assim? — *R.* Ele queria comunicar-se contigo.

P. Podereis dizer-me o que ele queria de mim? — *R.* Tu podes perguntar a ele mesmo, pois ele está aqui.

P. Meu Espírito familiar, quem quer que sejais, agradeço-vos terdes vindo me visitar. Quereis me dizer quem sois vós? — *R.* Para ti, chamar-me-ei *a Verdade*, e todos os meses, durante um quarto de hora, aqui estarei à tua disposição.

P. Ontem, quando batestes, enquanto eu trabalhava, tínheis alguma coisa em particular a me dizer? — *R.* O que eu tinha a te dizer era sobre o trabalho que tu fazias; o que escrevias me desagradava e eu queria te fazer parar.

Nota: O que eu escrevia era precisamente referente aos estudos que fazia sobre os Espíritos e suas manifestações.

P. Vossa desaprovação referia-se ao capítulo que eu escrevia ou sobre o conjunto do trabalho? — *R.* Sobre o capítulo de ontem, faço-te julgá-lo; torna a lê-lo esta noite e reconhecerás os erros e os corrigirás.

P. Eu mesmo não estava muito satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje; está melhor? — *R.* Está melhor, porém não bom o bastante. Lê da terceira à trigésima linha e reconhecerás um grave erro.

P. Rasguei o que tinha feito ontem. — *R.* Isso não impede que o

erro persista. Relê e tu verás.

P. O nome de *Verdade* que vós tomais é uma alusão à verdade que eu procuro? — *R.* Talvez, ou, pelo menos, é um guia que há de te proteger e te auxiliar.

P. Posso vos evocar em minha casa? — *R.* Sim, para que eu te auxilie pelo pensamento; mas para as respostas escritas em tua casa, isso não será tão cedo que as poderás obter.

P. Poderíeis vir mais frequentemente que todos os meses? — *R.* Sim; mas não prometo senão uma vez por mês, até nova ordem.

P. - Animastes alguma personagem conhecida na Terra? — *R.* Eu disse que para ti eu era a *Verdade*; esse nome para ti devia dizer discrição; não saberás mais que isto.”

De volta à casa, Allan Kardec apressou-se a reler o que havia escrito e pôde constatar o grave erro que de fato havia cometido. A dilação de um mês fixada para cada comunicação do Espírito *Verdade* raramente foi observada; ele se manifesta frequentemente a Allan Kardec, mas não em sua casa, onde durante cerca de um ano ele não pôde receber nenhuma comunicação de nenhum médium, e, cada vez que ele esperava obter qualquer coisa, era travado por uma causa qualquer e imprevista que a isso se vinha opor.

Deu-se em 30 de abril de 1856, na casa do Sr. Roustan, pela médium Senhorita Japhet, que Allan Kardec recebeu a primeira revelação da missão que ele tinha a desempenhar; esse aviso, a princípio muito vago, foi precisado no dia 12 de junho de 1856, por intermédio da Senhorita Aline C., médium. Em 6 de maio de 1857, a Sra. Cardone⁴⁷, pela inspeção das linhas da mão de Allan Kardec, lhe confirmou as duas comunicações precedentes, que ela ignorava. Finalmente, a 12 de abril de 1860, na residência de Dehan, pelo

⁴⁷ Sobre esta médium, ver <https://facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/960162428080873> — N. T.

intermédio do Sr. Crozet, médium, essa missão foi novamente confirmada em uma comunicação espontânea, obtida na ausência de Allan Kardec.

Assim também se deu a respeito do seu pseudônimo; várias comunicações procedentes dos mais diversos pontos vieram constatar e corroborar a primeira comunicação obtida a esse respeito.

Urgido pelos acontecimentos e pelos documentos que tinha em sua posse, Allan Kardec formulara, em razão do sucesso de *O Livro dos Espíritos*, o projeto de criar um jornal espírita; ele tinha se dirigido ao Sr. Tiedeman⁴⁸ para lhe solicitar seu concurso pecuniário, mas este não estava decidido a tomar parte nessa empreitada. Allan Kardec perguntou aos seus Guias, em 15 de novembro de 1857, por intermédio da Srta. E. Dufaux,⁴⁹ o que deveria fazer. Foi-lhe respondido que pusesse a sua ideia em execução e que não se inquietasse com mais nada.

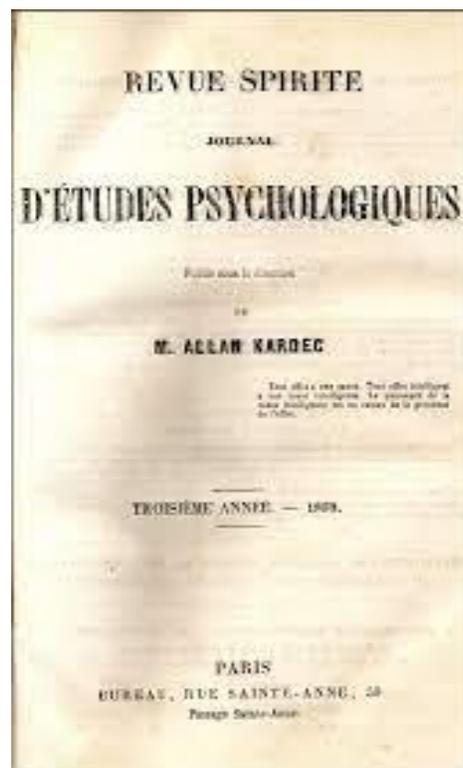
“Apressei-me em redigir o primeiro número e o lancei no dia 1º de janeiro de 1858, sem nada dizer a ninguém. Não tinha um único assinante, nem sócio financeiro. Fi-lo, portanto, inteiramente por minha conta e risco, e não tive de que me arrepender, pois o êxito ultrapassou a minha expectativa. A partir de 1º de janeiro os números se sucederam sem interrupção, e como o previra o Espírito, esse jornal se tornou para mim um poderoso auxiliar. Reconheci mais tarde que era uma felicidade para mim não ter tido um sócio capitalista, porque estava mais livre, enquanto um estranho interessado teria pretendido impor-me as suas ideias e a sua vontade, entretendo a minha marcha; sozinho, eu não tinha que prestar contas a ninguém, por mais onerosa que fosse a minha tarefa

⁴⁸ Sobre o Sr. Tiedeman, ver item 35 de <https://kardecpedia.com/obra/78>. — N. T.

⁴⁹ Mais sobre Ermance Dufaux em <https://kardecpedia.com/obra/68> — N. T.

como trabalho.”

E essa tarefa devia ir sempre crescendo em labor e em responsabilidades, em lutas incessantes contra os entraves, emboscadas e perigos de toda sorte. Entretanto, à medida que a peleja se tornava maior e a luta mais áspera, esse enérgico trabalhador se elevava também à altura dos eventos, que jamais o surpreenderam; e durante onze anos nessa *Revista Espírita*, que acabamos de ver como começou tão modestamente, ele encarou todas as tempestades, todas as competições, todos os ciúmes, que não lhe foram poupados, assim como ele mesmo relata e como a previsão lhe havia sido feita quando sua missão lhe fora revelada. Essa comunicação e as reflexões de que Allan Kardec anotou nos mostram, de forma pouco lisonjeira, a situação naquela época, mas fazem também ressaltar o grande valor do Fundador do Espiritismo e o seu mérito em ter podido triunfar.



Médium, Srta. Aline C. 12 de junho de 1856:

P. Quais são as causas que poderiam me fazer fracassar? Seria a insuficiência das minhas capacidades? — *R.* Não, mas a missão dos reformadores é repleta de escolhos e de perigos; a tua é rude, eu te previno, pois é ao mundo inteiro que ela trata de agitar e de transformar. Não creias que te seja suficiente publicar um livro, dois livros, dez livros, e fiques tranquilamente em tua casa; não, tu terás que sacrificar tua pessoa: contra ti se levantarão ódios terríveis, implacáveis inimigos tramarão tua perdição; estarás exposto à

calúnia, à traição até mesmo daqueles que te parecerão os mais devotados; tuas melhores instruções serão impugnadas e desnaturadas; mais de uma vez sucumbirás ao peso da fadiga; em uma palavra, é uma luta quase constante que terás de sustentar com o sacrifício do teu repouso, da tua tranquilidade, da tua saúde e mesmo da tua vida, porque tu não viverás muito tempo. Pois bem, mais de um recua quando, em lugar de uma estrada florida, não encontra sob seus passos senão espinhos, pedras agudas e serpentes. Para tais missões a inteligência não basta. É preciso antes de tudo, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, pois ele abate os orgulhosos e os presunçosos. Para lutar contra os homens, faz-se necessário coragem, perseverança e firmeza inquebrantáveis; é preciso ainda ter prudência e tato para conduzir as coisas a propósito e não comprometer a sua vitória por medidas ou palavras intempestivas; é preciso, enfim, devotamento, abnegação, e estar pronto para todos os sacrifícios.

Vês que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti.

ESPÍRITO VERDADE.

Nota (É Allan Kardec que assim se exprime) — “Escrevo esta nota no dia 1º de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que esta comunicação me foi dada, e verifico que ela se realizou em todos os pontos, pois experimentei todas as vicissitudes que nela me foram anunciadas. Tenho sido alvo do ódio de inimigos encarniçados, da injúria, da calúnia, da inveja e do ciúme; infames libelos têm sido publicados contra mim; as minhas melhores instruções têm sido desnaturadas; tenho sido traído por aqueles em quem havia depositado minha confiança; tenho sido pago com a ingratidão por aqueles a quem tinha prestado serviços. A Sociedade de Paris tem sido um contínuo foco de intrigas urdidas por aqueles que se diziam a meu favor, e que, mostrando-se amáveis na minha presença, detratavam-me pelas costas. Disseram que aqueles que tomaram o meu lado eram assalariados por mim com o dinheiro que eu arrecadava do Espiritismo. Não mais tenho conhecido o repouso;

mais de uma vez sucumbi sob o excesso do trabalho, minha saúde foi alterada e minha vida comprometida.

“Entretanto, graças à proteção e à assistência dos bons Espíritos, que sem cessar me têm dado provas concretas de sua solicitude, sou feliz em reconhecer que não tenho experimentado um único instante de desfalecimento nem de desânimo, e que tenho constantemente prosseguido minha tarefa com o mesmo ardor, sem me preocupar com a malevolência de que era alvo. Segundo a comunicação do Espírito Verdade, eu devia esperar por tudo isso, e tudo se verificou.”

Quando se conhece todas essas lutas, todas as torpezas de que Allan Kardec foi alvo, quanto ele se engrandece aos nossos olhos e como o seu brilhante triunfo adquire mérito e esplendor! Que se tornaram esses invejosos, esses pigmeus que procuravam lhe obstruir o caminho? Na maior parte seus nomes são desconhecidos ou não despertam mais nenhuma recordação: o esquecimento os retomou e sepultou para sempre em suas sombras, enquanto o nome de Allan Kardec — o valente lutador, o pioneiro ousado — passará à posteridade com a sua auréola de glória tão legitimamente adquirida.

Foi assim que Allan Kardec vislumbrou a luta pelo triunfo do Espiritismo e como ele queria, pregando pelo exemplo, que os espíritas respondessem aos ataques dos adversários da doutrina.

Polêmica espírita

Revista Espírita, novembro de 1858:⁵⁰

⁵⁰ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=72> — N. T.

Várias vezes já nos perguntaram por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas dirigidos contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários e por vezes até mesmo contra nós. Acreditamos que, em certos casos, o silêncio é a melhor resposta. Aliás, há um gênero de polêmica do qual tomamos por norma nos abstermos: é aquela que pode degenerar em personalismo; não somente ela nos repugna, como nos tomaria um tempo que podemos empregar mais utilmente, e que seria muito pouco interessante para os nossos leitores, que assinam a revista para se instruírem e não para ouvirem diatribes mais ou menos espirituosas. Ora, uma vez engajado nesse caminho, seria difícil dele sair, razão pela qual preferimos nele não entrar, e nós pensamos que com isso o Espiritismo só tem a ganhar em dignidade. Até o presente só temos que aplaudir a nossa moderação; não nos desviaremos e jamais daremos satisfação aos amantes do escândalo...

(...) Notemos ainda que, entre os críticos, há muitas pessoas que falam sem conhecimento de causa, sem se darem ao trabalho de a aprofundar. Para lhes responder seria necessário recomeçar incessantemente as mais elementares explicações e repetir aquilo que já escrevemos, coisa que julgamos inútil. Já o mesmo não acontece com os que estudaram e nem tudo compreenderam, com aqueles que querem seriamente se esclarecer e com os que levantam objeções com conhecimento de causa e de boa-fé; nesse terreno, nós aceitamos a controvérsia, sem nos gabarmos de resolver todas as dificuldades — o que seria muita presunção de nossa parte. A ciência Espírita está no seu início e ainda não nos revelou todos os seus segredos, por maiores sejam as maravilhas que nos tenha desvendado. Qual é a ciência que não tem ainda fatos misteriosos e inexplicados? ***Confessamos, pois, sem nos envergonharmos, nossa insuficiência sobre todos os pontos que ainda não nos é possível explicar.*** Assim, longe de repelir as objeções e os questionamentos, nós os solicitamos, contanto que não sejam ociosos nem nos façam perder tempo com futilidades, porque isso é um meio de nos esclarecermos. É a isso que chamamos uma polêmica útil e o será sempre quando ocorrer entre pessoas sérias que se respeitam

bastante para não se afastarem das conveniências. Pode-se pensar de modo diverso sem por isso se estimar menos...

Diatribes

Revista Espírita, março de 1859:⁵¹

Igualmente temos pouca coisa a dizer quanto ao que nos toca pessoalmente; se aqueles que nos atacam — ostensiva ou disfarçadamente — creem que nos perturbam, eles perdem seu tempo; se pensam em nos barrar o caminho, enganam-se do mesmo jeito, pois nada pedimos e nada aspiramos exceto nos tornarmos úteis no limite das forças que Deus nos concedeu; por mais modesta seja a nossa posição, contentamo-nos com aquilo que para muitos seria a mediocridade; não ambicionamos posição, nem fortuna, nem honras; não procuramos nada, nem o mundo e nem os seus prazeres; o que não podemos ter não nos causa nenhum desgosto; nós o vemos com a mais completa indiferença. Isso não faz parte de nossos gostos, por consequência não invejamos aqueles que possuem tais vantagens, se vantagens houver, o que aos nossos olhos é uma questão, pois os prazeres pueris deste mundo não asseguram melhor lugar no outro — longe disso. Nossa vida é toda de labor e de estudo, e consagramos ao trabalho até os momentos de repouso: aí nada há que cause inveja. Como tantos outros, trazemos a nossa pedra ao edifício que se ergue; contudo, coraríamos se disso fizéssemos um degrau para alcançar o que quer que fosse; que outros tragam mais pedras que nós; que outros trabalhem tanto e melhor que nós, e os veremos com uma sincera alegria. ***O que queremos, antes de tudo, é o triunfo da verdade, venha de onde vier***, não tendo a pretensão de ver sozinho a luz; se disso deve resultar alguma glória, o campo está aberto a todos e estenderemos a mão a quantos nesta rude caminhada nos seguirem com lealdade, com abnegação e sem segundas intenções particulares.

⁵¹ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=75> — N. T.

Sabíamos muito bem que empunhando abertamente o estandarte das ideias de que nos fizemos propagadores e afrontando preconceitos, nós atrairíamos inimigos, sempre prontos a desferir dardos envenenados contra quem quer que levante a cabeça e se ponha em evidência. Há, entretanto, uma diferença entre eles e nós: é que não lhes desejamos o mal que nos procuram fazer, porque compreendemos a fragilidade humana e é somente nisso que a eles nos julgamos superior; ***rebaixa-se pela inveja, pelo ódio, pelo ciúme e por todas as paixões mesquinhas; eleva-se pelo esquecimento das ofensas.*** Eis a moral espírita. não vale ela mais do que a das pessoas que dilaceram seu próximo? É esta a que nos foi ditada pelos Espíritos que nos assistem e por aí podemos julgar se eles são *bons* ou *maus*. Ela nos mostra as coisas do alto tão grandiosas e aquelas de baixo tão pequenas que só podemos ter pena daqueles que voluntariamente se torturam para proporcionar a si mesmos alguma satisfação efêmera do amor-próprio.

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas foi fundada em 1º de abril de 1858. Até então as reuniões se realizavam na morada de Allan Kardec, rua dos Mártires, sendo a Senhorita E. Dufaux a principal médium; o seu salão podia conter de quinze a vinte pessoas. Mas reunia bem mais de trinta. Encontrando-se muito apertado e não querendo impor todos os encargos a Allan Kardec, alguns dos assistentes se propuseram formar uma sociedade espírita e alugar um outro local onde pudessem efetuar as reuniões. Não obstante, para poderem se reunir, era preciso ser



Retrato mediúnico de Ermance Dufaux

reconhecido pela prefeitura e por ela ser autorizado. O Sr. Dufaux,⁵² que conhecia pessoalmente o chefe de polícia de então, encarregou-se das formalidades dessa questão, e graças ao ministro do Interior, o general X.⁵³ — que era favorável às novas ideias — a autorização foi obtida em quinze dias, enquanto pelo processo regular teria demandado meses, sem grande probabilidade de êxito.

“A Sociedade foi então regularmente constituída e se reunia todas as terças-feiras no local que ela havia alugado no Palais-Royal, galeria Valois. Ali ela permaneceu um ano, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859. Não podendo lá demorar por mais tempo, ela se reunia todas as sextas-feiras em um dos salões do restaurante Douix, no Palais-Royal, galeria Montpensier, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860 — época em que se instalou na sede própria, à rua e passagem Sainte-Anne, número 59.”



Palais-Royal visto por fora e por dentro de suas galerias no século XIX.

Depois de haver dado conta das condições em que se formou a Sociedade e da tarefa que teve que desempenhar, Allan Kardec assim

⁵² Certamente o pai da médium Ermance Dufaux; não poderia ser seu esposo já que ela morreu celibatária — N. T.

⁵³ Possivelmente esse general seria Jean Joseph Gustave Cler, conforme especulado em <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/525734801523640> — N. T.

se exprime (*Revista Espírita*, julho de 1859: ‘Discurso de encerramento do Ano Social 1858-1859’):

Empreguei nas minhas funções, que posso dizer laboriosas, toda a exatidão e todo o devotamento de que fui capaz. Do ponto de vista administrativo, esforcei-me por manter nas sessões uma ordem rigorosa e lhes dar um caráter de seriedade, sem o qual o prestígio de assembleia séria logo teria desaparecido. Agora que minha tarefa está terminada e que o impulso foi dado, devo vos comunicar a resolução que tomei para futuramente renunciar a qualquer tipo de função na Sociedade, mesmo a de diretor de estudos; não ambiciono senão um título: o de simples membro titular, com o qual me sentirei sempre honrado e feliz. O motivo de minha determinação está na multiplicidade de meus trabalhos, que aumentam todos os dias pela extensão de minhas relações, pois além daqueles que conheceis, preparo outros mais consideráveis, que exigem longos e laboriosos estudos e não absorverão menos de dez anos. Ora, os trabalhos da Sociedade não deixam de tomar muito tempo, tanto na preparação quanto na coordenação e na redação final. Eles requerem uma assiduidade por vezes prejudicial às minhas ocupações pessoais, e que tornam indispensável a iniciativa quase exclusiva que me conferistes. É por essa razão, Senhores, que tantas vezes tive de tomar a palavra, lamentando que os membros eminentemente esclarecidos que possuímos nos privassem de suas luzes. Desde há muito eu desejava demitir-me de minhas funções; expressei isso de uma maneira bem explícita em diversas circunstâncias — seja aqui, seja em particular — a vários de meus colegas, e principalmente ao Sr. Ledoyen.⁵⁴ Eu teria feito isso mais cedo se não fosse o receio de trazer perturbação à Sociedade: retirando-me no meio do ano, poderia parecer uma deserção, e não deveríamos dar essa satisfação aos nossos adversários. Assim, cumpri minha obrigação até o fim, mas hoje que tais motivos não subsistem mais, apresso-me em vos informar de minha resolução a fim de não entravar a escolha que

⁵⁴ Para sua identidade, bem como outras informações relevantes, conferir o post <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/1150247979072316> — N. T.

fareis. É justo que cada um tome sua parte dos encargos e das honras.

Apressamo-nos a acrescentar que esta renúncia não foi aceita e que Allan Kardec foi reeleito por unanimidade menos um voto e um voto em branco. Diante desse testemunho de simpatia, ele se curvou e manteve suas funções.

Em setembro de 1860, Allan Kardec fez uma viagem de propaganda na nossa região; eis aqui como ele fez menção a ela na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (*Revista Espírita*, novembro de 1860: ‘Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas’⁵⁵):

O Sr. Allan Kardec presta conta do resultado da viagem que ele acaba de fazer no interesse do Espiritismo, e se felicita pela cordialidade do acolhimento que recebeu por toda parte, principalmente em Sens, Mâcon, Lyon e Saint-Etienne. Ele constatou em todo lugar em que se demorou os progressos consideráveis da doutrina; mas o que sobretudo é digno de nota, é que em lugar nenhum ele viu que dela se fizesse um divertimento; em todos os lugares estão se ocupando dela de uma maneira séria, e por toda parte compreende-se o seu alcance e as consequências futuras. Há, sem dúvida, muitos opositores, cujos mais encarniçados são os opositores interesseiros, conquanto os zombeteiros estejam diminuindo sensivelmente; vendo que os seus sarcasmos não colocam do seu lado os gracejadores, e que favorecem mais do que impedem o progresso das novas crenças, eles começam a compreender que nada ganham com isso e que gastam o seu espírito em pura perda, e assim se calam. Uma expressão muito característica parece ser em toda parte a ordem do dia, e é esta: “O Espiritismo está no ar”; por si só ela descreve o estado das coisas. Contudo, é sobretudo em Lyon que os resultados são mais notáveis. Os espíritas

⁵⁵ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=76> — N. T.

ali são numerosos em todas as classes, e na classe operária contam-se por centenas. A Doutrina Espírita tem exercido sobre os operários a mais salutar influência sob o ponto de vista da ordem, da moral e das ideias religiosas; em resumo, a propagação do Espiritismo marcha com a mais encorajadora celeridade.

No decurso dessa viagem, Allan Kardec pronunciou um discurso magistral no banquete realizado em 19 de setembro de 1860; eis aqui algumas passagens próprias a nos interessar, nós que aspiramos substituir dignamente esses trabalhadores da primeira hora:

Revista Espírita, outubro de 1860: ‘Banquete oferecido pelos espíritas lioneses ao Sr. Allan Kardec’:

A primeira coisa que me impressionou foi o número de adeptos; eu bem sabia que Lyon os contava em grande número, mas estava longe de suspeitar que a cifra fosse tão considerável, pois é por centenas que os contamos, e logo, espero, não se poderá mais contá-los.

Mas se Lyon se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que vale mais ainda. Por toda parte só encontrei espíritas sinceros, compreendendo a doutrina sob seu verdadeiro ponto de vista. Há, senhores, três categorias de adeptos: os que se limitam a acreditar na realidade das manifestações e que antes de tudo buscam os fenômenos; o Espiritismo para eles é simplesmente uma série de fatos mais ou menos interessantes.

Os da segunda categoria enxergam nele algo mais do que fatos; eles compreendem o seu alcance filosófico; admiram a moral que dele decorre, mas não a praticam: para estes a caridade cristã é uma bela máxima, e eis tudo.

Os terceiros, enfim, não se contentam em admirar a moral: praticam-na e aceitam todas as suas consequências. Bem convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, eles tratam de aproveitar esses curtos instantes para marchar na senda do progresso que os Espíritos lhes traçam, esforçando-se por fazer o

bem e reprimir suas inclinações más; suas relações são sempre seguras, pois suas convicções os afastam de todo pensamento do mal: ***em todas as coisas a caridade é a sua regra de conduta***. São estes os ***verdadeiros espíritas***, ou melhor, os ***espíritas cristãos***.

Muito bem, senhores! Eu vos digo com satisfação que aqui ainda não encontrei nenhum adepto da primeira categoria; em parte alguma vi se ocuparem do Espiritismo por mera curiosidade; em nenhum lugar vi se servirem das comunicações para assuntos fúteis: por todos os lados o objetivo é elevado, as intenções sérias e, a crer no que vejo e no que me dizem, há muitos da terceira categoria. Honra, portanto, aos espíritas lioneses, por terem assim largamente entrado nessa via progressiva, sem a qual o Espiritismo estariam sem objetivo! Tal exemplo não será perdido; terá suas consequências e não foi sem razão, bem o vejo, que outro dia os Espíritos me responderam, por um dos vossos médiuns mais dedicados — conquanto um dos mais desconhecidos — quando eu lhes exprimia a minha surpresa: ***“Por que te admirar disso? Lyon foi a cidade dos mártires; a fé aqui é viva; ela fornecerá apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é a cabeça, Lyon será o coração.”***

Essa opinião de Allan Kardec sobre os espíritas lioneses de sua época é para nós grande honra, todavia deve ser também uma regra de conduta. Esses elogios, todos os espíritas devem se esforçar para merecê-los por sua vez, aprofundando as lições do Mestre e, sobretudo, conformando a sua conduta. *Noblesse oblige*⁵⁶ — diz um adágio; saibamos todos nós recordar sempre disso e conservar alto e firme o estandarte do Espiritismo.

No entanto, Allan Kardec não se contentava em atirar flores aos nossos companheiros; dava-lhes sobretudo sábios conselhos sobre os

⁵⁶ A expressão francesa *“Noblesse oblige”*, literalmente traduzida como *“a nobreza exige”*, é eventualmente usada para expressar a ideia de que a pessoa nobre (ou aquele que ocupa uma alta posição social, governamental etc.) é obrigada a agir com nobreza (de forma elevada) pois a posição ocupada assim o exige. — N. T.

quais, por nossa vez, deveremos meditar.

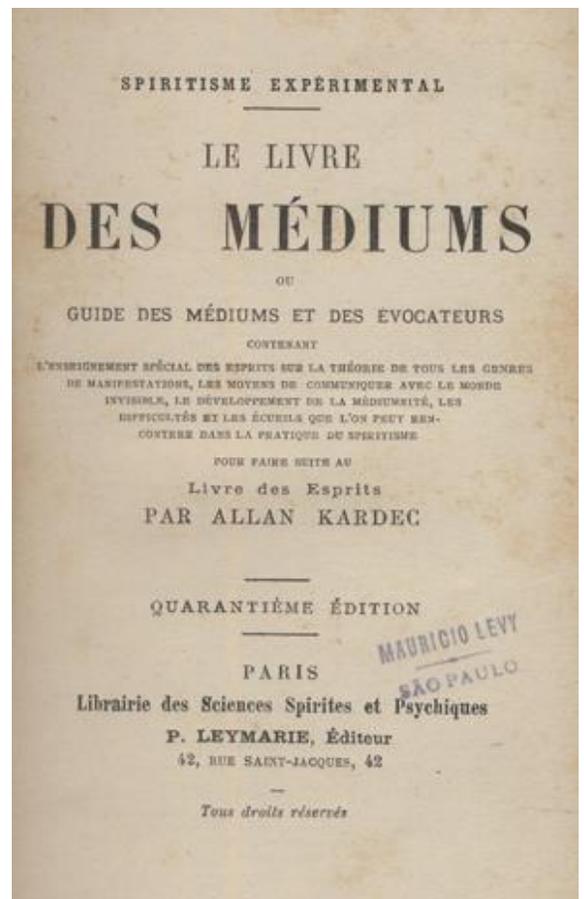
Como o ensinamento vem dos Espíritos, os diversos grupos, assim como os indivíduos, encontram-se sob a influência de certos Espíritos que presidem aos seus trabalhos ou os dirigem moralmente; se esses Espíritos não estiverem de acordo entre si, a questão será saber qual aquele que merece mais confiança. Evidentemente, será aquele cuja teoria não pode suscitar nenhuma objeção séria; em suma, aquele que em todos os pontos dá mais provas de sua superioridade. Se tudo for bom e racional nesse ensino, pouco importa o nome que o Espírito tome, e nesse sentido a questão da identidade é absolutamente secundária. Se, sob um nome respeitável, o ensino peca pelas qualidades essenciais, vós podeis francamente concluir que é um nome apócrifo e que é um Espírito impostor ou que se diverte. **Regra geral: jamais o nome é uma garantia; a única e verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira pela qual ela é expressa.** Os Espíritos enganadores podem tudo imitar, tudo mesmo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento.

(...) Acontece muitas vezes que, para impor certas utopias, os Espíritos desfilam um falso saber e o tentam impor haurindo no arsenal de palavras técnicas tudo quanto possa fascinar aquele que acredita muito facilmente. Eles dispõem ainda de um meio mais certo, que é o de afetar os exteriores da virtude; valendo-se das belas palavras caridade, fraternidade e humildade, eles esperam fazer passar os mais grosseiros absurdos e é isso que acontece com frequência quando não se está prevenido; é preciso, pois, não se deixar levar pelas aparências, tanto da parte dos Espíritos quanto dos homens. Ora, eu o confesso: aqui está uma das maiores dificuldades; mas nós jamais dissemos que o Espiritismo fosse uma ciência fácil; ele tem os seus escolhos, que só podem ser evitados pela experiência. Para não cair na cilada é necessário primeiramente guardar-se contra o entusiasmo que cega, do orgulho que leva certos médiuns a se julgarem os únicos intérpretes da verdade; **é preciso examinar tudo friamente, pesar tudo maduramente, verificar**

tudo; e se desconfiamos do nosso próprio julgamento — o que muitas vezes é o mais prudente — é preciso reportar a outros, conforme o provérbio de que quatro olhos veem mais do que dois. Um falso amor-próprio ou uma obsessão podem por si só fazer persistir numa ideia notoriamente falsa, que o bom-senso de cada um repele.

Eis aqui os conselhos tão sábios e tão práticos dados por aquele que quisera fazer passar por um entusiasta, um místico, um alucinado; e essa regra de conduta, estabelecida no começo, ainda não foi desmentida, nem pela observação nem pelos fatos; é sempre a via mais segura, a mais prudente, a única a seguir por aqueles que querem se ocupar do Espiritismo.

Allan Kardec trabalhava então em *O Livro dos Médiuns*, que apareceu na primeira quinzena de janeiro de 1861,⁵⁷ editado pelos Srs. Didier & Cia., livreiros editores. Nele o mestre expõe nesses termos a sua razão de ser, na *Revista Espírita* de janeiro de 1861:



Temos procurado nesse trabalho — que é fruto de uma longa experiência e de laboriosos estudos — esclarecer todas as questões que referentes à prática das manifestações. De acordo com os Espíritos, esse livro contém a explicação teórica dos diversos fenômenos e as condições nas quais eles podem se reproduzir. Mas

⁵⁷ Pelo registro da Bibliographie de la France, porém, a data é 19 de janeiro de 1861 — N. T.

a parte concernente ao desenvolvimento e ao exercício da mediunidade sobretudo mereceu de nossa parte uma atenção toda especial.

O Espiritismo experimental é cercado de muito mais dificuldades do que geralmente se pensa, e os riscos aí encontrados são numerosos; é isso que causa tantas decepções aos que dele se ocupam sem a experiência e os conhecimentos necessários. Nosso objetivo foi o de prevenir contra esses escolhos, que nem sempre deixam de apresentar inconvenientes para quem se aventure sem prudência por esse terreno novo. Não podíamos negligenciar um ponto tão capital, e o tratamos com o cuidado que a sua importância requer.

O Livro dos Médiuns foi precedido por uma obra menos extensa: *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* “contendo a exposição completa das condições necessárias para a comunicação com os Espíritos e os meios para desenvolver a faculdade mediadora nos médiuns”.

Quando a edição desse volume se esgotou, Allan Kardec o substituiu pelo atual *O Livro dos Médiuns*, que é também o *vademécum* de todos aqueles que querem se dedicar com proveito ao estudo do Espiritismo experimental; é ainda o guia mais seguro para quem deseja explorar com segurança o terreno da mediunidade. Nada melhor apareceu desde então e os autores que abordaram o mesmo assunto seguiram apenas os contornos desta obra magistral.

* * *

Durante o ano de 1861 Allan Kardec fez uma nova viagem espírita a Sens, Mâcon e Lyon, e constatou que em nossa cidade o Espiritismo atingira a maioria.

Revista Espírita, outubro de 1861, ‘O Espiritismo em Lyon’:

De fato, não é mais por centenas que ali [em Lyon] contamos os espíritas, como no ano passado; é por milhares, ou dito de outra forma, não há mais como contá-los, e estimamos que em seguindo os mesmos progressos, em um ou dois anos serão mais de trinta mil. O Espiritismo ali é recrutado em todas as classes, mas é sobretudo nas classes operárias que ele se propagou com mais rapidez — o que não é de se admirar: esta classe sendo a que mais sofre, volta-se para o lado onde encontra mais consolações. Vós que bradais contra o Espiritismo, que lhes deis outro tanto: ela se voltaria em direção a vós; todavia, em vez disto, vós quereis tirar dela aquilo que a ajuda a carregar o seu fardo de miséria. É o meio mais seguro de vos alienardes suas simpatias e engrossar as fileiras que se opõem a vós. O que vimos com os próprios olhos é de tal modo característico e traz um tão grande ensinamento que julgamos um dever consagrar aos trabalhadores a maior parte do nosso relato.

O ano passado só havia um único centro de reunião, que era o de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Dijoux, chefe de oficina, e sua mulher; outros se formaram depois, em diferentes pontos da cidade, em Guillotière, em Perrache, em Croix-Rousse, em Vaise, em Saint-Just etc., sem contar um grande número de reuniões particulares. Mal havia dois ou três médiuns bem novatos; hoje há médiuns em todos os grupos, e vários são de primeira categoria; em um só grupo nós vimos cinco escrevendo simultaneamente. Vimos também uma jovem, ótima médium vidente, na qual pudemos constatar essa faculdade desenvolvida em um grau muito alto.

(...)

Com muita certeza os adeptos se multiplicam, porém o que ainda vale mais do que o número é a qualidade. Pois bem! Declaramos bem alto que não em parte alguma vimos reuniões espíritas mais edificantes que aquela dos operários lioneses, quanto à ordem, o recolhimento e a atenção com que eles devotam às instruções de seus guias espirituais; ali há homens, idosos, senhoras, moços e até crianças, cuja postura respeitosa contrasta com sua idade; jamais um deles perturbou, fosse por um instante, o silêncio

de nossas reuniões — geralmente muito longas; pareciam quase tão ávidas quanto seus pais em recolher nossas palavras. Isto não é tudo: o número das metamorfoses morais nos operários é quase tão grande quanto o dos adeptos. Hábitos viciosos reformados, paixões acalmadas, ódios apaziguados, índoles pacificadas, numa palavra, as virtudes mais cristãs desenvolvidas, e isto pela confiança doravante inabalável que as comunicações espíritas lhes dão de um futuro no qual não acreditavam; para eles é uma felicidade assistir a essas instruções, de onde saem reconfortados contra a adversidade; também se encontram ali alguns que andam mais de uma légua a qualquer estação, inverno ou verão, e que enfrentam tudo para não perderem a sessão; é que neles não há uma fé vulgar, mas uma fé baseada em convicção profunda, raciocinada e não cega.

Por ocasião dessa viagem, um banquete novamente reuniu sob a presidência de Allan Kardec os membros da grande família espírita lionesa. Em 19 de setembro de 1860, os convivas eram apenas uns trinta; em 19 de setembro de 1861 seu número era de cento e sessenta “representando os diferentes grupos que se consideram todos como membros de uma grande família, e entre os quais não existe sombra de ciúme e de rivalidade, o que — diz o Mestre — temos grande satisfação em registrar de passagem. A maioria dos assistentes era composta de operários, e todo mundo notou a perfeita ordem que não cessou de reinar um só instante; é que os verdadeiros espíritas põem sua satisfação nas alegrias do coração e não nos prazeres ruidosos.

* * *

Em 14 de outubro do mesmo ano encontramos Allan Kardec em Bordeaux, onde, como em todas as cidades por ele onde passava,

semeava a boa-nova e fazia germinar a fé no futuro.

Dando conta da situação do Espiritismo em Bordeaux, Allan Kardec se exprime assim (*Revista Espírita*, novembro de 1861, ‘O Espiritismo em Bordeaux’):

Se Lyon fez o que se poderia chamar seu pronunciamento no que respeita ao Espiritismo, Bordeaux não ficou atrás, pois ela também quer ocupar um dos primeiros lugares na grande família. (...) Não foi em alguns anos, mas apenas em alguns meses que a doutrina ali tomou proporções significativas em todas as classes da sociedade. Para começar, constatamos um fato capital: é que lá, como em Lyon e em muitas outras cidades que visitamos, nós vimos a doutrina encarada do mais sério ponto de vista, nas suas aplicações morais; ali, como alhures, vimos várias transformações, verdadeiras metamorfoses; características que não são mais reconhecíveis; gente que em nada acreditavam trazidas às ideias religiosas pela certeza do porvir, agora palpável para elas. Isso dá a medida do espírito que impera nas reuniões espíritas, já muito multiplicadas. Em todas às quais assistimos nós constatamos o mais edificante recolhimento, um ar de mútua benevolência entre os assistentes; sente-se em um meio simpático que inspira confiança.

Dirigindo-se a esse público bordelense que lhe era tão simpático, e querendo lhe prestar seu reconhecimento, Allan Kardec assim se expressa:

Se estou feliz com esta cordial recepção é que vejo nela uma homenagem prestada à doutrina que professamos e aos bons Espíritos que no-la ensinam, bem mais do que a mim pessoalmente, que não passo de um instrumento nas mãos da Providência. Convencido da verdade desta doutrina e do bem que ela é chamada a produzir, tratei de coordenar os seus elementos; esforcei-me por torná-la clara e inteligível para todos; é tudo quanto me cabe, e assim jamais me considereí seu criador: a honra pertence inteiramente aos

Espíritos. Portanto, somente a eles é que se devem dirigir os testemunhos de vossa gratidão, e não aceito os elogios que vós me dirigis senão como um estímulo para continuar minha tarefa com perseverança.

Nos trabalhos que tenho feito para alcançar o objetivo a que me propus, sem dúvida fui ajudado pelos Espíritos, bem como eles próprios já me disseram várias vezes, contudo sem o menor sinal exterior de mediunidade. Destarte, não sou médium no sentido comum da palavra, e hoje compreendo que é uma felicidade que seja assim. Por uma mediunidade efetiva eu só teria escrito sob uma mesma influência; teria sido levado a não aceitar como verdade senão o que me tivesse sido dado, e talvez erradamente, ao passo que na minha posição convinha que eu desfrutasse de uma liberdade absoluta para tomar o bom, onde quer que se encontrasse e de onde viesse. Então foi possível fazer uma seleção dos diversos ensinamentos, sem receios e com total imparcialidade. Vi muito, estudei muito e observei bastante, mas sempre com o olhar impassível, nada mais ambicioso além de ver a experiência que adquiri posta em proveito dos outros, aos quais me sinto feliz por poder evitar os escolhos inseparáveis de todo principiante.

Se muito trabalhei e se trabalho todos os dias, estou largamente recompensado pela marcha tão rápida da doutrina, cujos progressos ultrapassam tudo quanto seria permitido esperar, pelos resultados que ela produz, e estou feliz por ver que a cidade de Bordeaux não apenas não fica na retaguarda deste movimento, mas se dispõe a marchar na dianteira, pelo número e pela qualidade dos adeptos. Se considerarmos que o Espiritismo deve a sua propagação às suas próprias forças, sem contar com o apoio de nenhum dos meios auxiliares que, em geral, fazem tanto sucesso, e apesar dos esforços de uma oposição sistemática ou, antes, em virtude mesmo desses esforços, não podemos deixar de ver nisto o dedo de Deus.

Já que os seus inimigos são poderosos⁵⁸ e não puderam paralisar sua expansão, é preciso convir que o Espiritismo é mais poderoso que eles e, tal como a serpente da fábula, em vão eles

⁵⁸ Os inimigos do Espiritismo.

empregam os seus dentes contra uma lima de aço.

(...)

A força do Espiritismo tem duas causas preponderantes: a primeira é tornar felizes aqueles que o conhecem, compreendem e o praticam; ora, como há pessoas infelizes, ele recruta um exército inumerável entre os que sofrem. Querem lhe tirar esse elemento de propagação? Que tornem os homens de tal modo felizes, moral e materialmente, que eles nada mais tenham a desejar, nem neste nem no outro mundo. Não pedimos mais, desde que o objetivo seja atingido. A segunda causa é que o Espiritismo não se apoia na cabeça de nenhum homem que se possa abater; não tem um foco único que possa ser extinto; seu foco está em toda parte, porque em toda parte há médiuns que podem se comunicar com os Espíritos; não há família que não os encontre em seu meio e que não cumpra estas palavras do Cristo: ***Vossos filhos e filhas profetizarão, e eles terão visões***; porque, enfim, o Espiritismo é uma ideia, e não há barreiras impenetráveis à ideia, nem bastante altas que estas não possam transpor. Assassinararam o Cristo, assassinararam seus apóstolos e discípulos, mas o Cristo tinha lançado ao mundo a ideia cristã, e esta ideia triunfou da perseguição dos cézares onipotentes...

(...) Se os inimigos externos nada podem contra o Espiritismo, o mesmo não acontece com os de dentro; refiro-me aos que são mais espíritas de nome do que de fato, sem falar daqueles que têm do Espiritismo apenas a máscara. ***O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral; é por suas consequências morais que triunfará, pois aí está a sua força, por aí ele é invulnerável.*** Ele inscreve em sua bandeira: ***Amor e caridade*** e diante desse paládio, mais poderoso do que o de Minerva — porque sua bandeira vem do Cristo — a própria incredulidade se inclina. O que se pode pensar de uma doutrina que conduz os homens a se amarem como irmãos? Se não se admitir a causa, pelo menos se respeitará o efeito. Ora, o melhor meio de provar a realidade do efeito é fazer sua aplicação a si mesmo, é mostrar aos inimigos da doutrina, pelo próprio exemplo, que ela realmente torna melhor. Mas como fazer crer que um instrumento possa produzir harmonia se ele emite sons dissonantes? Do mesmo

modo, como persuadir que o Espiritismo deva conduzir à concórdia, se os que o professam ou que supostamente o praticam — o que para os adversários é uma coisa só — se atiram pedras? Se uma simples susceptibilidade do amor-próprio basta para os dividir...? Não é o meio de se fazer rejeitar seu próprio argumento? ***Os mais perigosos inimigos do Espiritismo são, pois, os que o fazem mentir a si mesmos, não praticando a lei que eles mesmos vêm proclamar.*** Seria infantilidade criar dissidência pelas nuances de opinião; haveria evidente malevolência — esquecimento do primeiro dever do espírita verdadeiro — em separar-se por uma questão pessoal, pois o sentimento de personalidade é fruto do orgulho e do egoísmo.

Revista Espírita, outubro de 1860 – ‘Banquete oferecido pelos espíritas lioneses ao Sr. Allan Kardec’:

Os adversários [do Espiritismo] só o combatem porque eles não o compreendem; cabe a nós — aos verdadeiros espíritas, aos que veem no Espiritismo algo além de experiências mais ou menos curiosas — torná-lo compreendido e divulgá-lo, pregando pelo exemplo tanto quanto pelas palavras. ***O Livro dos Espíritos*** teve como resultado apresentar o seu alcance filosófico; se essa obra tem algum mérito, seria presunção minha de me glorificar disso, pois a doutrina que ela contém não é criação minha; toda honra do bem que ela fez pertence aos Espíritos sábios que o ditaram e quiseram se servir de mim. Logo, posso ouvir o elogio, sem que a minha modéstia seja atingida e sem que o meu orgulho fique exaltado por isso. Se quisesse me prevalecer disto, seguramente eu teria reivindicado a sua concepção, em vez de atribuí-la aos Espíritos; e se pudesse duvidar da superioridade daqueles que cooperaram, bastaria considerar a influência que ele exerceu em tão pouco tempo, só pelo poder da lógica e sem contar com nenhum dos meios materiais próprios a superexcitar a curiosidade.

O Auto de Fé de Barcelona

Além das viagens e dos trabalhos de Allan Kardec, aquele ano de 1861 permanecerá memorável nos anais do Espiritismo por um fato tão monstruoso que parece quase inacreditável. Falo do auto de fé que foi realizado em Barcelona e pelo qual foram queimadas pela fogueira dos inquisidores trezentas obras espíritas.



Maurice Lachâtre

O Sr. Maurício Lachâtre nessa época estava estabelecido como livreiro em Barcelona, em relações e em comunhão de ideias com Allan Kardec e pediu a este que lhe enviasse certo número de obras espíritas para colocá-las à venda e fazer propaganda da nova filosofia.

Essas obras, em número de trezentas aproximadamente, foram expedidas nas condições regulares, com uma devida declaração do conteúdo das caixas. Na sua chegada à Espanha, as taxas da alfândega foram cobradas ao destinatário e arrecadadas pelos agentes do governo espanhol, todavia a liberação das caixas não se efetuou: o bispo de Barcelona, tendo julgado esses livros perniciosos à fé católica, fez confiscar a expedição pelo Santo-Ofício. Uma vez que não queriam entregar essas obras ao destinatário, Allan Kardec reclamou a sua devolução, porém a sua reclamação foi de nulo efeito, e o bispo de Barcelona, erigindo-se em policiador da França, fundamentou a sua recusa com a seguinte resposta: “A Igreja Católica é universal, e sendo esses livros contrários à fé católica, o governo não pode consentir que eles passem a perverter a moral e a religião de outros países.” E não somente esses livros não foram restituídos, mas

também os direitos aduaneiros ficaram em poder do fisco espanhol. Allan Kardec poderia promover uma ação diplomática e obrigar o governo espanhol a efetuar o retorno das obras. Os Espíritos, por sua vez, o dissuadiram disso lhe dizendo que era preferível para a propaganda do Espiritismo deixar essa ignomínia seguir o seu curso.

Renovando os fastos e as fogueiras da Idade Média, o bispo de Barcelona fez queimar em praça pública pela mão do carrasco as obras incriminadas.

Eis aqui, a título de documento histórico, o processo verbal dessa infâmia clerical:

Neste dia, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, no lugar onde são executados os criminosos condenados à pena última, por ordem do bispo desta cidade foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:

Revista Espírita, diretor Allan Kardec;

Revista Espiritualista, diretor Piérart;

O Livro dos Espíritos, por Allan Kardec;

O Livro dos Médiuns, pelo mesmo autor;

O que é o Espiritismo?, pelo mesmo autor;

Fragmento de Sonata, ditado pelo Espírito de Mozart;

Carta de um católico sobre o Espiritismo, pelo Doutor Grand⁵⁹;

A História de Joana d'Arc, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux;

A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta, pelo Barão de Guldenstubbé.

Assistiram ao auto de fé:

Um padre revestido de hábitos sacerdotais, trazendo em uma das mãos a cruz e na outra uma tocha;

⁵⁹ Sobre o Dr. Grand, ver o item 16 de ***Coadjuvantes da Codificação Espírita***, de Carlos Seth, disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L178.pdf> — N. T.

Um tabelião encarregado de redigir o processo verbal do auto de fé;

O escrevente do tabelião;

Um empregado superior da administração das alfândegas;

Três mozos (moços) da alfândega, encarregados de alimentar o fogo;

Um agente da alfândega representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo;

Uma multidão incalculável aglomerava-se nos passeios e cobria a esplanada onde ardia a fogueira.

Quando o fogo consumiu os trezentos volumes e brochuras espíritas, o padre e os seus ajudantes se retiraram cobertos pelos apupos e as maldições dos numerosos espectadores, que gritavam: Abaixo a Inquisição!

Em seguida várias pessoas se acercaram da fogueira e dela apanharam cinzas.

Seria diminuir o horror de tais atos acompanhá-los com a narrativa dos comentários; constatemos somente que ao clarão dessa fogueira o Espiritismo tomou uma propagação inesperada em toda a Espanha e, como os Espíritos o haviam previsto, conquistou aí um número incalculável de seguidores. Só podemos então — como o fez Allan Kardec — nos rejubilar com a imensa propaganda que esse ato odioso operou em favor do Espiritismo. Aliás, a propósito da propaganda que nós mesmos devemos fazer da nossa filosofia, nunca deveremos esquecer aqueles conselhos do Mestre (*Revista Espírita*, dez. de 1863 - 'Elias e João Batista')⁶⁰:

O Espiritismo se dirige aos que não creem ou que duvidam, e não aos que têm uma fé e aos quais esta fé basta; ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisto

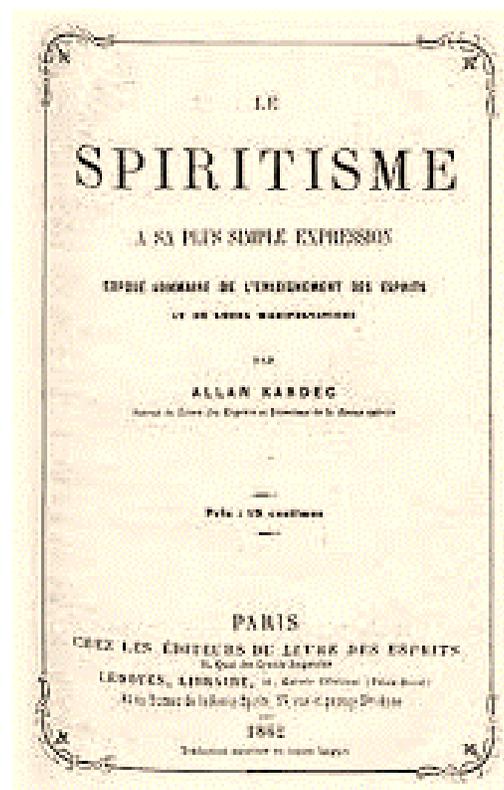
⁶⁰ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=9898> — N. T.

ele é conseqüente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por este motivo, não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas para converter às nossas ideias o clero de qualquer que seja a comunhão. Repetiremos então a todos os espíritas: Acolhei prontamente os homens de boa vontade; dai a luz aos que a buscam, pois com os que creem vós não tereis êxito; não violenteis a fé de ninguém, a do clero ainda mais do que a dos laicos, já que vós vindes semear os campos áridos e pôr a luz em evidência a fim de que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e dai a comer aos que têm fome, e não aos que se dizem fartos.

Esses conselhos, como todos aqueles de Allan Kardec, são claros, simples e sobretudo práticos; cumpre-nos recordá-los e os tomar par nosso proveito oportunamente.

* * *

O ano de 1862 foi fértil em trabalhos favoráveis à difusão do Espiritismo. No dia 15 de janeiro⁶¹ apareceu a pequenina e excelente brochura de propaganda *O Espiritismo em sua expressão mais simples*.⁶² “O objetivo desta publicação — diz Allan Kardec — é apresentar em um panorama muito sucinto um histórico do Espiritismo e uma ideia suficiente da doutrina dos Espíritos, a fim de que se possa



⁶¹ Os registros da Bibliographie de la France indicam 1º de fevereiro de 1861. — N. T.

⁶² Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=12> — N. T.

compreender o propósito moral e filosófico. Pela clareza e simplicidade do estilo, procuramos pô-lo ao alcance de todas as inteligências. Contamos com o zelo de todos os verdadeiros espíritas para ajudarem na sua propagação.” (*Revista Espírita*, janeiro de 1862: ‘Bibliografia’) Este apelo foi ouvido, pois a pequena brochura se espalhou em profusão, e, a esse excelente trabalho, muitos devem o fato de terem compreendido a finalidade e o alcance do Espiritismo.

Revista Espírita, março de 1863 – ‘A luta entre o passado e o futuro’:

Quando fizemos a pequena brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, perguntamos a nossos guias espirituais que efeito ela produziria. Eles nos responderam: “Produzirá um efeito que não esperas, isto é, que teus adversários ficarão furiosos ao verem uma publicação destinada, por seu baixíssimo preço, a se espalhar na multidão e a penetrar em toda parte. Já te foi anunciado um grande desdobramento de hostilidades; tua brochura será o sinal disso. Não te preocupes; já conheces o fim. Eles se irritam em face da dificuldade de refutar teus argumentos.” Já que é assim, dizemos nós, essa brochura, que deveria ser vendida a 25 centavos, será dada em liquidação⁶³. O acontecimento justificou essas previsões e nós nos congratulamos por isso.

Por ocasião de 1º de janeiro de 1862, tendo Allan Kardec recebido dos espíritas lioneses um simpático manifesto, cujos testemunhos de gratidão e respeito foram apoiados por numerosas assinaturas, quase 200, o Mestre deu a seguinte resposta aos nossos entes queridos, que foi igualmente endereçada a todos os espíritas da França e do exterior (*Revista Espírita*, fevereiro de 1862 – ‘Votos de

⁶³ Aqui, “em liquidação” corresponde à expressão *pour deux sous* contida no original, aplicável a algo de valor muito irrisório, de um preço extraordinariamente baixo. — N. T.

boas-festas’):

“MEUS CAROS IRMÃOS E AMIGOS DE LYON,

“O manifesto coletivo que vós tivestes a bondade de me transmitir por ocasião do ano novo causou-me uma vivíssima satisfação, provando-me que conservastes de mim uma boa recordação; porém o que me causou maior prazer nesse ato espontâneo de vossa parte foi encontrar, entre as numerosas assinaturas que nele figuram, representantes de quase todos os grupos, porque é um sinal da harmonia que reina entre eles. Sou feliz por ver que compreendestes perfeitamente o fim dessa organização cujos resultados desde já podeis apreciar, porque agora deve ser evidente para vós que uma sociedade única seria quase impossível.

“Agradeço-vos, meus bons amigos, os votos que fazeis por mim, e estes são os que Deus escuta. Ficai, pois, satisfeitos, pois ele os acolhe todos os dias dando-me a alegria inaudita no estabelecimento de uma nova doutrina, de ver aquela à qual tenho me dedicado engrandecer e prosperar em minha vida com uma rapidez maravilhosa; considero um grande favor do céu ser testemunha do bem que ela já produz. Esta certeza, de que recebo diariamente os mais tocantes testemunhos, me paga com usura todos os meus sofrimentos, todas as minhas fadigas; não peço a Deus exceto uma graça, que é a de me dar a força física necessária para ir até ao fim do meu dever, que longe se encontra de estar concluída; entretanto, como quer que suceda, possuirei sempre a maior consolação de estar assegurado de que a semente das ideias novas — agora espalhada por toda parte — é imperecível; mais contente que muitos outros, que não trabalharam senão para o futuro, é-me permitido contemplar os primeiros frutos. Se alguma coisa lamento, é que a exiguidade dos meus recursos pessoais me não permita pôr em execução os planos que concebi para um avanço ainda mais rápido; se Deus, porém, em sua sabedoria, entendeu dispor de modo diferente, legarei esses planos aos nossos sucessores, que, indubitavelmente, serão mais venturosos. Malgrado a escassez dos recursos materiais, o movimento que se opera na opinião

ultrapassou toda a expectativa; crede bem, meus irmãos, que nisso o vosso exemplo não terá sido sem influência. Recebei, portanto, nossas felicitações pela maneira como sabeis compreender e praticar a doutrina.

“(…) Ao ponto em que hoje as coisas chegaram, e tendo em vista a marcha do Espiritismo através dos obstáculos semeados em seu caminho, pode-se dizer que as principais dificuldades estão superadas; ele conquistou a sua posição e está assentado sobre bases que doravante desafiam os esforços dos seus adversários. Pergunta-se como uma doutrina que torna feliz e melhor pode ter inimigos; isso é natural; o estabelecimento das melhores coisas choca sempre interesses ao começar; não tem acontecido assim com todas as invenções e descobertas que têm revolucionado a indústria? As que hoje são consideradas como benefícios, sem as quais não se poderia mais passar, não tiveram inimigos obstinados? Toda lei que reprime um abuso não tem contra si todos os que vivem dos abusos? Como quereríeis que uma doutrina que conduz ao reino da caridade efetiva não seja combatida por todos os que vivem no egoísmo? E vós sabeis que eles são numerosos na Terra! No princípio, eles acreditaram sepultá-la com a zombaria; hoje, veem que essa arma é impotente e que sob o fogo dos sarcasmos ela prosseguiu o seu caminho sem tropeçar. Não acrediteis que eles se deem por vencidos; não, o interesse material é tenaz; reconhecendo que é uma potência com que é necessário de hoje em diante contar, vão dirigir-lhe assaltos mais graves, mas que só servirão diretamente por palavras e atos e a perseguirão até na pessoa dos seus adeptos, que eles se esforçarão por desalentar a poder de embaraços, enquanto outros, secretamente e por caminhos disfarçados, procurarão miná-la surdamente. Ficai prevenidos de que a luta não está terminada; fui avisado de que eles vão tentar um supremo esforço; mas estejam sem receio, pois o penhor da vitória está nesta divisa, que é a de todos os verdadeiros espíritas: ***Fora da caridade não há salvação.*** Arvorai-a bem alto, porque ela é a cabeça de Medusa para os egoístas.

“A tática, posta já em prática pelos inimigos dos espíritas, mas

que eles vão empregar com novo ardor, é tentar dividi-los criando sistemas divergentes e suscitando entre eles a desconfiança e o ciúme. Não vos deixeis cair na armadilha, e tende como certo que quem quer que procure um meio, qualquer que seja, para quebrar a boa harmonia, não pode ter uma boa intenção. É por isso que vos convido a tomar da maior circunspecção na formação dos vossos grupos, não somente para vossa tranquilidade, como no próprio interesse dos vossos labores.

“A natureza dos trabalhos espíritas exige a calma e o recolhimento: ora, não há recolhimento possível quando se está distraído com discussões e com a expressão de sentimentos malévolos. Não haverá sentimentos malévolos se houver fraternidade; mas não pode haver fraternidade com os egoístas, ambiciosos e orgulhosos. Com orgulhosos, que se suscetibilizam e se ofendem por tudo, ambiciosos que se sentirão mortificados se não tiverem a supremacia, egoístas que não pensam senão em si, a cizânia não pode tardar a se introduzir, e com ela, a dissolução. É o que desejariam os nossos inimigos e é o que eles procuram fazer.

“Se um grupo quer estar em condições de ordem, de tranquilidade e de estabilidade, é preciso que nele reine o sentimento fraternal. Todo grupo ou sociedade que se formar sem ter caridade **efetiva** por base não tem validade; enquanto aqueles que forem fundados de acordo com o verdadeiro espírito da doutrina olhar-se-ão como membros de uma mesma família que, não sendo possível habitarem todos sob o mesmo teto, moram em lugares diferentes. A rivalidade entre eles seria um contrassenso; ela não poderia existir onde reina a verdadeira caridade, pois não se pode entender a caridade de duas maneiras. **Reconhecei, portanto, o verdadeiro espírita pela prática da caridade em pensamentos, palavras e ações,** e persuadi-vos de quem quer que nutra em sua alma sentimentos de animosidade, de rancor, de ódio, de inveja ou de ciúme, mente a si próprio se pretendem compreender e praticar o Espiritismo.

“O egoísmo e o orgulho matam as sociedades particulares, como eles matam os povos e a sociedade em geral...”

Tudo mereceria citação nestes conselhos tão justos quanto práticos, mas é preciso que nos limitemos, em razão do tempo de que temos a dispor.

A pedido dos espíritas de Lyon e de Bordeaux, em setembro e outubro Allan Kardec fez uma longa viagem de propaganda semeando por toda parte a boa nova e prodigalizando conselhos, mas somente àqueles que o solicitavam. O convite feito pelos grupos lioneses estava subscrito por quinhentas assinaturas. Uma publicação especial deu conta dessa viagem de mais de seis semanas, durante a qual o Mestre presidiu a mais de cinquenta reuniões em vinte cidades, onde por toda parte foi alvo do mais cordial acolhimento e se sentiu feliz por verificar os imensos progressos do Espiritismo.



A respeito das viagens de Allan Kardec, como certas influências hostis tinham espalhado o boato de que eram feitas às custas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sobre cujo orçamento igualmente ele sacava de antemão todos os seus gastos de correspondência e de manutenção, o Mestre rebateu, assim, esse engano:

“Várias pessoas, sobretudo na província, pensaram que as despesas dessas viagens eram bancadas pela Sociedade de Paris; nós tivemos que desfazer esse erro quando a ocasião se apresentou; aos que ainda pudessem compartilhar dessa ideia, recordaremos o que afirmamos noutra circunstância (*Revista Espírita* de junho de 1862 – ‘Discurso de abertura do ano social’), que a Sociedade se limita a prover às suas despesas correntes e não possui reservas; para que ela pudesse acumular capital, ser-lhe-ia preciso visar o número; e isto é o que ela não faz nem quer fazer, pois o seu projeto não é a especulação e porque o número nada acrescenta à importância dos trabalhos: sua influência é toda moral e está no caráter de suas reuniões, que dão aos estranhos a ideia de uma assembleia grave e séria; aí está o seu mais poderoso meio de propaganda. Ela então não poderia prover tal despesa. Os gastos de viagem, como todos os que as nossas relações requerem para o Espiritismo, são tirados dos nossos recursos pessoais e das nossas economias, aumentadas com o produto das nossas obras, sem o qual nos seria impossível prover a todos os encargos, que são para nós a consequência da obra que empreendemos. Isto é dito sem vaidade e unicamente para render homenagem à verdade, e para a edificação daqueles aos quais se afigura que nós capitalizamos.”

Em 1862, Allan Kardec também lançou uma ***Refutação às críticas contra o Espiritismo*** do ponto de vista do materialismo, da ciência e da religião.⁶⁴

⁶⁴ De fato, Allan Kardec publicou no comecinho da *Revista Espírita* de dezembro de 1861 que novas obras estavam para serem lançadas em breve, dentre as quais, esta: *Refutação às críticas*

* * *

Questionado e repreendido em diferentes ocasiões pelo padre Marouzeau, que não apenas o atacava no púlpito, mas publicava calúnias contra o Espiritismo e seu fundador, Allan Kardec lhe responde:

Revista Espírita, julho de 1863 – ‘Primeira carta ao padre Marouzeau’:

Sou um homem positivo, sem entusiasmo, julgando tudo friamente; raciocino de acordo com os fatos e digo: Já que os espíritas são mais numerosos do que nunca, apesar da brochura do Sr. Marouzeau e de todas as outras, e malgrado todos os sermões e pastorais, é que os argumentos invocados não persuadiram as massas e que eles produziram um efeito contrário. Ora, julgar o valor da causa por seus efeitos, creio que é a lógica elementar; desde então, por que os refutar? Já que nos servem, em vez de nos prejudicar, devemos nos abster de lhes opor obstáculo

(...) Quando eu trato de uma maneira geral das questões levantadas por algum adversário, não é para o convencer — coisa com que não me preocupo absolutamente —, e ainda menos para fazê-lo renunciar à sua crença, que eu respeito quando é sincera: é unicamente para a instrução dos espíritas e porque encontro um ponto a desenvolver ou a esclarecer. Refuto os princípios e não os indivíduos; os primeiros ficam e os indivíduos desaparecem, razão por que pouco me inquieto com personalidades que amanhã talvez não mais existam e das quais não mais se fale, seja qual for a importância que procurem dar-se. Vejo muito mais o futuro que o presente, o conjunto e as coisas importantes mais que os fatos isolados e secundários.

contra o Espiritismo. Contudo, no opúsculo ***Viagem Espírita em 1862*** (‘Impressões gerais’) ele revela não ter feito essa publicação por não lhe parecer urgente, de modo que realmente ela não foi publicada. — N. T.

Para pôr os espíritas em guarda contra todos os ataques de qualquer parte que venham, tão veementes, tão injustos sejam eles, Allan Kardec previu que:

Revista Espírita, março de 1863 – ‘A luta entre o passado e o futuro’:

Neste momento acontece uma verdadeira cruzada contra o Espiritismo, bem como tínhamos anunciado. De diversos pontos assinalam-nos escritos, discursos e até atos de violência e de intolerância; todos os espíritas devem se rejubilar, pois é a prova evidente de que o Espiritismo não é uma quimera. Fariam tanto barulho por causa de uma mosca que voa?

O que sobretudo excita essa grande cólera é a prodigiosa rapidez com que a ideia nova se propaga, malgrado tudo quanto fizeram para detê-la.

(...) Tudo o que se passa foi previsto e devia ser para o bem da causa. Quando virdes uma grande manifestação hostil, longe de vos apavorardes, regozijai-vos, pois foi dito: O ribombar do trovão será o sinal da aproximação dos tempos preditos. Orai, então, meus irmãos; orai, sobretudo, pelos vossos inimigos, pois serão tomados de verdadeira vertigem...

Mas nem tudo ainda está realizado. As chamas da fogueira de Barcelona não subiram bastante. Se isso se repetir em algum lugar, guardai-vos de extingui-la, pois quanto mais se elevar, mais será vista de longe, como um farol, e ficará na lembrança das gerações. Então, deixai acontecer, e em parte alguma não oponhais à violência com violência; lembrai-vos de que o Cristo disse a Pedro que embainhasse a espada. Não imiteis as seitas que se dilaceram entre si em nome de um Deus de paz, que cada um invoca em auxílio de seus furores. ***A verdade não se prova pelas perseguições, mas pelo raciocínio***; em todos os tempos as perseguições foram as armas das causas más e dos que tomam a vitória da força bruta pela razão. A perseguição é um péssimo meio de persuasão; ela pode momentaneamente abater o mais fraco; convencê-lo, jamais. Porque, mesmo no infortúnio em que tiver sido mergulhado exclamará, como

Galileu na prisão: *e pur si muove!* Recorrer à perseguição é provar que se conta pouco com a força da lógica. ***Jamais useis de represálias: contra a violência opõe a doçura e uma inalterável tranquilidade; aos vossos inimigos retribui o mal com o bem.*** Por aí dareis um desmentido às suas calúnias e os forçareis a reconhecer que vossas crenças são melhores do que eles dizem.

Para nos dar uma ideia da virulência dos ataques de que o Espiritismo e Allan Kardec foram objeto, além de todos os sermões, cartas pastorais e excomunhões de que a Igreja Romana detinha o monopólio, as polêmicas e as mais descaradas calúnias também foram postas em ação; para nos inteirarmos disso, tomemos a passagem de um panfleto publicado em Argel, por um antigo oficial, ex-representante do povo em 1848, que em 1863 ocupava seu tempo livre em desabafos contra o Espiritismo e Allan Kardec.

Depois de ter tentado estabelecer por cálculos ultrafantasiosos que Allan Kardec teria uma renda líquida anual de 250 mil francos, sem contar a venda de ***O Livros dos Espíritos e O Livro dos Médiuns***, ele acrescenta (***Revista Espírita***, junho de 1863 – ‘Orçamento do Espiritismo’):

“Do jeito como marcha a epidemia, em breve metade da França será espírita, ***se já não for de fato***; e como não se pode ser bom espírita se ao menos não se for sócio livre e assinante da ***Revista Espírita***, é provável que em 20 milhões de habitantes, de que se compõe aquela metade, haja 5 milhões de sócios e igual número de assinantes da revista. Conseqüentemente, a renda dos presidentes e vice-presidentes das sociedades espíritas será de 100 milhões por ano, e a do Sr. Allan Kardec, proprietário da revista e soberano pontífice, 38 milhões.⁶⁵

⁶⁵ No original, consta 388, mas o número correto dos milhões especulados é 38 — N. T.

“Se o Espiritismo ganhar a outra metade da França, esta renda será dobrada; e, se a Europa se deixar infestar, não será mais por milhões, mas por bilhões que deve ser contada.

“Ah, quanta ingenuidade, espíritas! Que pensais dessa especulação baseada em vossa simplicidade? Acaso poderíeis imaginar que do jogo das mesas girantes pudessem sair semelhantes tesouros? E agora estais edificadas pelo ardor com que fundam sociedades os propagadores da doutrina?

“Não têm razão os que dizem que a estupidez humana é uma mina inesgotável a ser explorada?”

Nem todos os jesuítas usam batina, e Basílio, mesmo entre os leigos, tem muitos seguidores; mais adiante, este panfletário acrescenta:

“Outro efeito do Espiritismo é transformar a fé, que é um ato de livre-arbítrio e de vontade, numa credulidade cega.

“Assim, para fazer triunfar a especulação do Espiritismo ou das mesas girantes, Allan Kardec prega o Sr. Allan Kardec uma doutrina cuja tendência é a ***destruição da fé, da esperança e da caridade***.

“Apesar disto, que o mundo cristão se tranquilize, pois o Espiritismo não prevalecerá contra a Igreja: ‘Será reconhecido todo o valor de um princípio religioso (como diz o Sr. bispo de Argel, em sua carta de 13 de fevereiro de 1863, aos vigários de sua diocese), porque basta por si só para vencer todas as hesitações, todas as oposições e todas as resistências.’

“Mas há verdadeiros espíritas? — Não o negaremos, enquanto um homem sentir que a esperança não se extinguiu em seu coração.

“O que há então no Espiritismo? Nada exceto especuladores e tolos. E no dia em que a autoridade temporal compreender sua solidariedade com a autoridade moral e apenas se limitar a proibir as publicações espíritas, essa especulação imoral cairá para não mais se levantar.”

Eis são as armas com as quais os adversários inescrupulosos pretendem distorcer e combater o Espiritismo e reduzi-lo a nada. Onde estão esses caídos, que tiveram que fazê-lo ir para debaixo da terra; onde estão eles, esses Dom Quixotes, que pretendiam exterminá-la com golpes e cortes? Infelizmente, sacerdotes, monges, monsenhores e publicitários estão enterrados na poeira do tempo; o esquecimento nem sequer poupou seus nomes; não resta deles senão uma penosa memória, e o Espiritismo, sem sequer responder aos seus ataques, não deixou de prosseguir com segurança a sua marcha constante para o progresso, para o futuro e para a verdade.

Respondendo, em bloco, a todos os ataques a que foi submetido, Allan Kardec nos dirá na *Revista Espírita* de dezembro de 1868 – ‘Constituição transitória do Espiritismo’:⁶⁶

Muito se há falado do produto que eu retirava de minhas obras. Certamente, nenhuma pessoa séria acredita realmente em meus milhões, a despeito da afirmação dos que diziam saber de boa fonte que eu levava uma vida principesca, tinha carruagens de quatro cavalos e que em minha casa só se pisava em tapetes de Aubusson. (*Revista Espírita*, junho de 1862). Aliás, seja lá o que tenha dito o autor de uma brochura que vós conheceis, e que prove por cálculos hiperbólicos que o meu orçamento de receita ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa — porquanto, só na França, vinte milhões de espíritas são meus tributários (*Revista Espírita*, junho de 1863) — há um fato mais autêntico do que os seus cálculos: é que jamais pedi qualquer coisa a alguém, ninguém deu algo para mim pessoalmente; numa palavra, não vivo às custas de ninguém, pois das somas que me foram voluntariamente confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu

⁶⁶ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=9> — N. T.

proveito.⁶⁷

(...) Quem quer que outrora tenha visto o nosso lar e a veja hoje poderá atestar que nada mudou na nossa maneira de viver, desde que me ocupo com o Espiritismo; é tão simples agora como o era antigamente. Então é certo que os meus lucros, por maiores que sejam, não servem para nos dar os prazeres do luxo. Teria eu, então, a mania de entesourar para ter o prazer de contemplar meu dinheiro? Creio que meu caráter e meus hábitos jamais permitiram que se fizesse tal suposição. O que pretendem? Desde que isto não me aproveita, quanto mais fabulosa for a soma, mais embaraçosa será a resposta. Um dia saberão a cifra exata, bem como o seu emprego detalhado, e os fazedores de histórias pouparão a imaginação; hoje eu me limito a alguns dados gerais para pôr um freio a suposições ridículas. Para tanto devo entrar nalguns detalhes íntimos, para os quais vos peço perdão, mas que são necessários.

Sempre tivemos do que viver, muito modestamente, é verdade, mas o que teria sido pouco para certa gente nos bastava, graças a nossos gostos e hábitos de ordem e economia. À nossa pequena renda vinha juntar-se, como suplemento, o produto das obras que publiquei antes do Espiritismo e o de um modesto emprego, que me vi forçado a deixar quando os trabalhos da Doutrina absorveram todo o meu tempo.

Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo veio lançar-me em novo caminho; em pouco tempo vi-me arrastado por um movimento que estava longe de prever. Quando concebi a ideia de *O Livro dos Espíritos*, era minha intenção não me pôr de modo algum em evidência e permanecer desconhecido; mas, prontamente ultrapassado, isto não me foi possível: tive de renunciar ao meu gosto pelo insulamento, sob pena de abdicar da obra empreendida e que crescia de dia para dia; foi preciso seguir seu impulso e tomar-lhe as rédeas. Se meu nome tem agora alguma popularidade, seguramente não fui eu que o procurei, pois é notório que nem a devo à propaganda, nem à camaradagem da imprensa, e que jamais

⁶⁷ Estas somas ascendiam então a um total de 14.100 francos, cuja utilização, para benefício exclusivo da doutrina, é justificada pelas contas.

aproveitei de minhas relações para me lançar no mundo, quando isto me teria sido tão fácil. Mas, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto se desdobrava à minha frente, recuando os seus limites; compreendi então a imensidade de minha tarefa e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la. Longe de me apavorarem, as dificuldades e os obstáculos redobraram as minhas energias; vi o objetivo e resolvi atingi-lo com a assistência dos Espíritos bons. Sentia que não tinha tempo a perder e não o perdi nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas; foi a obra de minha vida: a ela dei todo o meu tempo, sacrifiquei-lhe meu repouso, minha saúde, porque o futuro estava escrito diante de mim em caracteres irrecusáveis.

Sem nos afastarmos do nosso gênero de vida, nem por isso essa posição excepcional deixou de nos criar menos necessidades às quais só os meus recursos pessoais — muito limitados — não me permitiriam prover. Seria difícil a outrem imaginar a multiplicidade das despesas que aquela posição acarreta e que eu teria evitado sem ela.

Pois bem, senhores! O que me proporcionou suprimento aos meus recursos foi o produto das minhas obras. E o digo com satisfação, pois foi com o meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias que provi, pelo menos em sua maior parte, às necessidades materiais da instalação da doutrina. Assim, eu trouxe uma larga cota-parte à caixa do Espiritismo; os que ajudam na propagação das obras não poderão, pois, dizer que trabalham para me enriquecer, porque o produto da venda de todo livro, de toda assinatura da revista, redundava em proveito da doutrina e não do indivíduo.

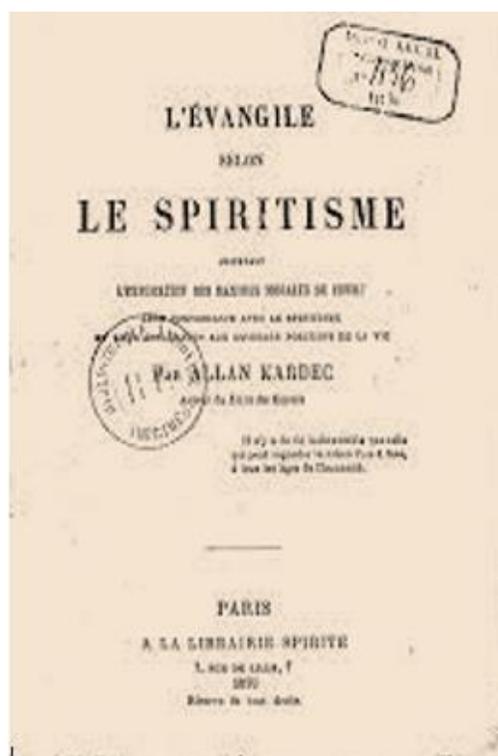
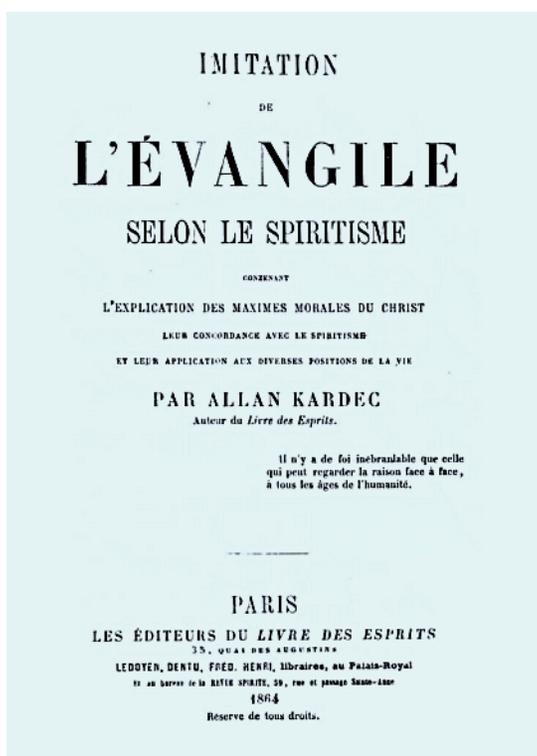
(...)

Longe de mim, senhores, o pensamento de gozar da menor vaidade do que acabo de expor-vos; foi necessária a persistência de certas diatribes para que eu me decidisse — embora a contragosto — a romper o silêncio acerca de alguns fatos que me concernem. (...) A única coisa que por enquanto me importava era que ficásseis esclarecidos com relação ao destino dos fundos que a Providência

faz que passem pelas minhas mãos, seja qual for a sua origem. Não me considero mais do que um depositário, até mesmo do que ganho e, com mais forte razão, daquilo que me é confiado.

* * *

Em abril de 1864, Allan Kardec publicou a *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, contendo a explicação das máximas morais do Cristo, sua aplicação e sua concordância com o Espiritismo. O título dessa obra foi modificado depois, e é hoje ***O Evangelho segundo o Espiritismo***.



Em 20 de agosto de 1864, Allan Kardec fez na Suíça uma viagem de lazer; visitou Neuchâtel, Berna, Zimmerwald, Lago Thun, Interlaken, Oberland, o vale Lauterbrunnen, a cachoeira Staubach, o vale Grindelwald, o Lago Brietz de onde admira a cachoeira

Giesbach; Friburgo, seus órgãos e a ponte suspensa sobre o Sarine, retornando depois por Lausanne, Vevey, o Château de Chillon por cujas passagens subterrâneas percorreu, chegou a Genebra pelo lago de Genebra e retornou a Paris em 4 de setembro, para partir imediatamente para a Bélgica, onde as solicitações de muitos espíritas de Bruxelas e Antuérpia o chamavam.

Visitando a exposição de Antuérpia, ele diz ter admirado uma tela que representa: ***uma cena interior de camponeses espíritas***. Allan Kardec então proferiu um discurso magistral em Antuérpia, do qual devem ser lembrados os seguintes trechos:

Revista Espírita, novembro de 1864 – ‘O Espiritismo é uma ciência positiva’:⁶⁸

Certamente eu teria o direito de me envaidecer pela acolhida que me tem sido dispensada nos diferentes centros que visito, se não soubesse que esses testemunhos se dirigem muito menos ao homem do que à doutrina, da qual não sou além de um humilde representante, e devem ser consideradas como uma profissão de fé, uma adesão aos nossos princípios. É assim que os encaro, no que me concerne pessoalmente.

(...) Afirmei no início que eu não era senão o representante da doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter naturalmente chamarão vossa atenção para um ponto essencial que, até agora, não foi considerado suficientemente. Na verdade, vendo a rapidez dos progressos desta doutrina, haveria mais glória em me dizer seu criador; minha vaidade aí encontraria o seu salário; mas não devo fazer minha parte maior do que ela é; longe de o lamentar, eu me felicito, porque, então, a doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade. Poderia ter partidários, talvez fizesse escola, como

⁶⁸ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=148> — N. T.

muitas outras, mas certamente não teria adquirido, em alguns anos, o caráter de universalidade que a distingue.

Examinando qual foi o seu papel no advento do Espiritismo, Allan Kardec o reduz às seguintes proporções:

Nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e deduzi as suas consequências: eis toda a parte que me cabe; aquilo que fiz, outro poderia ter feito no meu lugar. Em tudo isto fui um simples instrumento dos pontos de vista da Providência, e dou graças a Deus e aos Espíritos bons por se terem dignado servir-se de mim; é uma tarefa que aceitei com alegria e da qual me esforcei por tornar-me digno, pedindo a Deus me desse as forças necessárias para realizá-la segundo a sua santa vontade. No entanto, a tarefa é pesada, mais pesada do que possam imaginá-la: e se tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não haver recuado perante nenhum obstáculo e nenhum sacrifício. Será a obra da minha vida até meu último dia, pois diante de um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam como pontos diante do infinito.

Expondo aos espíritas belgas sua visão sobre os grupos e as sociedades espíritas, ele relembra o que já havia dito em Lyon em 1861:

Portanto, é preferível que haja numa cidade cem grupos de dez a vinte adeptos — dos quais nenhum se arroga a supremacia sobre os outros — a uma única sociedade que reunisse todos os confrades. Esse fracionamento não prejudicará em nada a unidade dos princípios, desde que a bandeira seja única e que todos marchem para o mesmo objetivo.

As sociedades numerosas têm sua razão de ser do ponto de vista da propaganda, mas para estudos sérios e sequenciais, é preferível torná-las objeto de grupos íntimos.

* * *

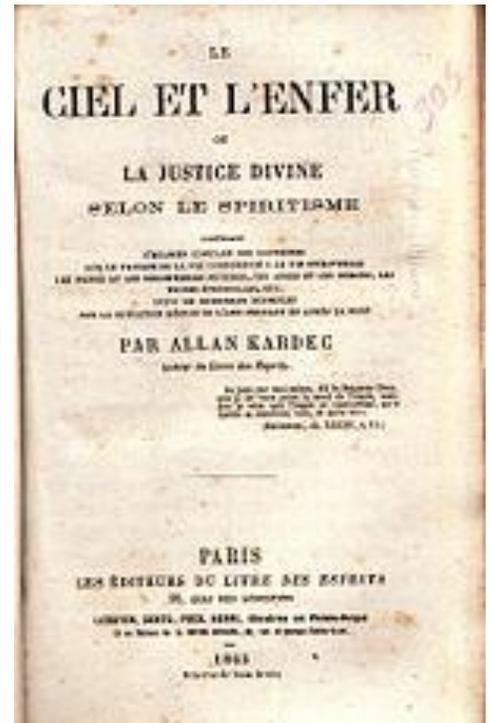
No primeiro dia de agosto de 1865, Allan Kardec lançou uma nova obra: *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo*.

Revista Espírita, setembro de 1865 – ‘Notas bibliográficas’:⁶⁹

A primeira parte desta obra, intitulada *Doutrina*, contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras; o dogma das penas eternas aí é encarado de maneira especial e refutado por argumentos tirados das próprias leis da natureza, e que demonstram não só o seu lado ilógico, já assinalado centenas de vezes, mas a sua impossibilidade material. Com as penas eternas caem, naturalmente, as conseqüências que se acreditava delas poder tirar.

A segunda parte traz numerosos exemplos em apoio da teoria, ou, melhor, que serviram para estabelecer a teoria...

O surpreendente êxito do Espiritismo e seu desenvolvimento quase incrível lhe suscitaram inúmeros inimigos e, à proporção que



⁶⁹ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=150> — N. T.

ele se foi engrandecendo, aumentou também a tarefa de Allan Kardec. O Mestre possuía uma vontade de ferro, um poder de combatividade extraordinário; era um trabalhador infatigável; de pé em qualquer estação, desde às 4 horas e meia, respondia a tudo, às polêmicas veementes dirigidas contra o Espiritismo, contra ele próprio, às numerosas correspondências que lhe eram dirigidas; atendia à direção da *Revista Espírita* e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, à organização do Espiritismo e à preparação das suas obras. Desse excesso físico e intelectual sua saúde se esgotava e repetidas vezes os Espíritos precisam chamá-lo à atenção, a fim de obrigá-lo a cuidar do seu próprio bem-estar. Ele, porém, sabe que não devia durar mais que uns dez anos ainda: numerosas comunicações o preveniram desse termo e lhe anunciaram mesmo que a sua tarefa não seria concluída senão em nova existência, que sucederia sua desencarnação próxima; por isso ele não quer perder nenhum instante para dar ao Espiritismo tudo o que pode, em força e vitalidade.

Manuscrito original
de Allan Kardec
("Prece de Alan Kardec 2/12/1866")
disponibilizada pelo portal do
[Projeto Allan Kardec](#)

2 x 1866
Seigneur Dieu tout puissant
Non je ne soléte par le but final du
spiritisme qui est la conversion au religion,
je ne suis pas venu ici pour l'obtenir et le
plaisir de donner, sans doute grâce à
l'assistance de vos messagers, mais je ne
cette je suis venu travailler avec
de calme et de satisfaction. Laissez-les.
Si vous me jugez digne, Seigneur d'une
telle tâche, faites je vous prie, que je
puisse avoir le repos qui m'est nécessaire.
Si les circonstances m'obligent à m'occuper,
je prie les bons esprits de m'inspirer les
verses après, que je suis, je prie
pendant ma retraite, me livrer à
sans travailler à ces travaux. Surtout
ne laissez pas la santé que m'est
nécessaire, ainsi qu'à celle.
Quant au lieu de la retraite, j'ai en vue
le carme qui me paraît le plus
recueillir ces messagers, mais je suis
à cet égard les conseils des bons esprits.
Je me permets-elle avant de parler
d'avoir fait le vœu de la grâce,
je prie les bons esprits de m'inspirer
en esprit et me donner le langage
et les forces qui me sont indispensables.

Um sonho instrutivo

Revista Espírita, junho de 1866 – ‘Um sonho instrutivo’:⁷⁰

Durante a última doença que tivemos no mês de abril de 1866, estávamos sob o império de uma sonolência e de um arrebatamento quase contínuos; naqueles momentos, nós sonhávamos constantemente com coisas insignificantes às quais não prestávamos a mínima atenção; mas na noite de 24 de abril, a visão ofereceu um caráter tão particular que ficamos vivamente impressionados.

Em um lugar que nada tocava à nossa memória e que se parecia com uma rua, havia uma reunião de indivíduos que conversavam; nesse meio, só alguns nos eram conhecidos em sonho, mas sem que os pudéssemos designar nominalmente. Considerávamos essa multidão e procurávamos saber qual o assunto da conversa quando, de repente, apareceu no canto de uma muralha uma inscrição em letras pequenas, brilhantes como fogo, e que nos esforçamos por decifrar; estava assim concebida: ***Descobrimos que a borracha enrolada sob a roda faz uma légua em dez minutos, desde que a estrada...*** Enquanto procurávamos o fim da frase, a inscrição apagava-se pouco a pouco e nós acordamos. Temendo esquecer estas palavras singulares, apressamo-nos em transcrevê-las.

Qual poderia ser o sentido dessa visão, que absolutamente nada em nossos pensamentos e em nossas preocupações podia ter provocado? Não nos ocupando nem de invenções nem de pesquisas industriais, isto não podia ser um reflexo de nossas ideias. Ademais, o que podia significar essa ***borracha*** que, enrolada sob uma roda, fazia uma légua em dez minutos? Era a revelação de alguma nova propriedade dessa substância? Seria ela chamada a representar um papel na locomoção? Queriam pôr-nos no caminho de uma descoberta? Mas, então, por que se dirigir a nós, e não a homens especiais, em condições de fazer os estudos e as experiências necessárias? Contudo, esse sonho era muito característico, muito

⁷⁰ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=81> — N. T.

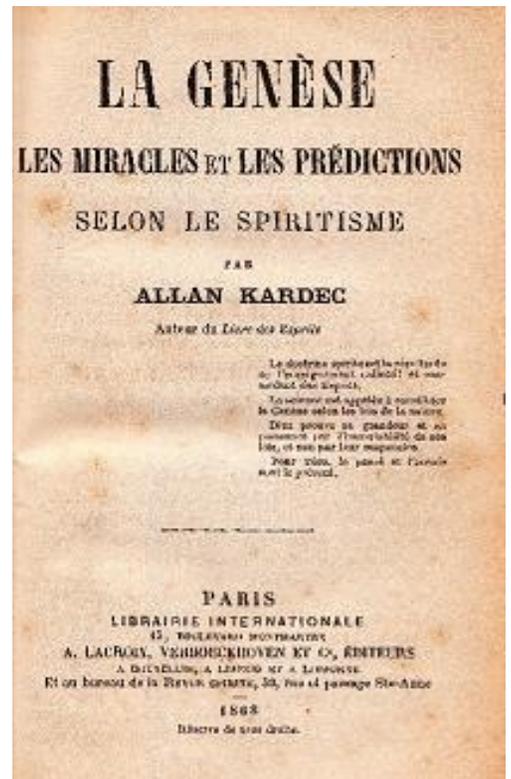
especial para ser arrolado entre os sonhos de fantasia; devia ter um objetivo; qual seria esse objetivo? É o que procurávamos inutilmente.

Se tivesse sido dado a Allan Kardec viver mais alguns anos, ele teria percebido a realidade e a importância desse sonho e o papel primordial reservado à borracha na locomoção das bicicletas, cuja velocidade muitas vezes supera a sonhada e seu uso nos pneus de carros que em sua corrida vertiginosa muitas vezes conseguiram quintuplicar essa velocidade.

* * *

Em 1867, ele faz uma curta viagem a Bordeaux, Tours e Orléans; em seguida põe novamente mãos à obra para publicar em janeiro de 1868 *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Essa obra é das mais importantes, pois constitui, sob o ponto de vista científico, a síntese dos quatro primeiros volumes já publicados.

Logo mais, Kardec ocupa-se de um projeto de organização do Espiritismo, por meio do qual espera imprimir mais vigor, mais ação à filosofia da qual se fez apóstolo, procurando desenvolver o lado prático dela e fazer produzir seus frutos. O objeto constante das suas preocupações é saber quem o substituirá em sua obra, pois sente que o seu desfecho está próximo e a constituição que elabora tem precisamente por intuito prover às



necessidades futuras da Doutrina Espírita.⁷¹

Desde os primeiros anos do Espiritismo, Allan Kardec havia comprado com a receita das suas obras pedagógicas 2.666 metros quadrados de terreno na avenida Ségur, atrás da vila dos Inválidos; tendo essa compra esgotado os seus recursos, ele contraiu com o Crédit Foncier um empréstimo de 50 mil francos para construir nesse terreno seis pequenas casas com jardim;⁷² alimentava a doce esperança de recolher-se em uma delas, na Vila Ségur, e fazer lá, depois da sua morte, um asilo onde pudessem se recolher na velhice os defensores indigentes do Espiritismo.

Em 1869 a Sociedade Espírita estava em via de reorganização e ia ser reconstituída sobre novas bases em uma sociedade anônima, com o capital de 40 mil francos, dividido em quarenta ações de 1.000 francos para a exploração da livraria, da *Revista Espírita* e das obras de Allan Kardec. A nova sociedade deveria se instalar no dia 1º de abril, na rua de Lille nº 7. Como o contrato de arrendamento na passagem Sant’Ana estava quase a terminar, Allan Kardec contava retirar-se para a Vila Ségur para trabalhar mais ativamente nas obras que lhe restava a escrever e cujo plano e documentos se achavam já reunidos. Estava, pois, em todos os preparativos de mudança de domicílio, quando a 31 de março a doença de coração que o minava

⁷¹ Esse trabalho tão importante é publicado na *Revista Espírita* de dezembro de 1868, como um testamento filosófico de Allan Kardec e a indicação da linha de conduta a seguir para assegurar o bom andamento e o triunfo definitivo do Espiritismo.

⁷² Dados imprecisos, pois a compra foi antes dos primeiros anos do Espiritismo — mais precisamente em 1849. A área seria de 2.194m²; os empréstimos, sem as taxas, foram de 10 mil francos em 1849, 16 mil francos em 1858 e 9 mil francos em 1861, totalizando 35 mil francos. Em todo o caso, estes dados precisam ser ainda melhor investigados, pois trata-se de uma análise preliminar dos documentos encontrados nos Arquivos Municipais de Paris e nos Arquivos Nacionais da França. — N. T.

surdamente venceu sua robusta constituição e o arrebatou como um raio à afeição dos seus discípulos. Essa perda foi imensa para o Espiritismo, que via desaparecer nele seu fundador e seu mais poderoso propagandista, e lançou em profunda consternação todos os que o haviam conhecido e o tinham amado.



Ilustração da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Fonte: [CCDPE-ECM](#)

O Sr. Hippolyte-Léon-Denizard Rivail — Allan Kardec — faleceu em Paris, na passagem Sainte-Anna número 59, 2^o *arrondissement*⁷³ e

⁷³ *Arrondissement* é uma unidade geográfica que o governo francês utiliza para dividir e organizar a administração local. No caso de Paris, a cidade é dividida em vinte regiões (*arrondissements*) enumeradas em formato espiral a partir do ponto central, demarcado entre o Palácio do Louvre e o Jardim das Tulherias (onde ficava a sede do Governo francês). A segunda região, onde fica a Rua e Passagem Sainte-Anna (antigo endereço da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e então residência de Kardec quando da sua desencarnação) é descrito por Henri Sausse como *Arrondissement de la Banque* (do banco), contudo, presentemente é descrito como *Arrondissement de la Bourse* (da Bolsa de Valores), conforme a Wikipédia, pelo link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Arrondissements de Paris](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arrondissements_de_Paris) — N. T.

subprefeitura do Banco, em 31 de março de 1869, com a idade de 65 anos,⁷⁴ sucumbindo da ruptura de um aneurisma.⁷⁵

Poucos instantes depois, o seguinte telegrama informava os espíritas de Lyon sobre a notícia fatal:

“Monsieur Allan Kardec está morto, vamos enterrá-lo na sexta-feira.”



Rua e Passagem Sainte-Anna,
região central de Paris:
local onde faleceu Allan Kardec

Esta morte repentina e tão imprevista foi uma dolorosa surpresa para todos os amigos desse grande pensador e lançou em um torpor doloroso seus numerosos discípulos. As duas cartas seguintes, endereçadas ao Sr. Finet,⁷⁶ nos darão, com detalhes sobre a morte de Allan Kardec e seu funeral, uma vaga ideia do estado de espírito de

⁷⁴ Sausse quis dizer que Kardec estava por completar os 65 anos. — N. T.

⁷⁵ As descrições dos sintomas da sua doença sugerem uma parada cardiorrespiratória causada por miocardite ou pericardite, por sua vez, originada de febre reumática. Saiba mais sobre isso em <https://facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/831254274305023> — N. T.

⁷⁶ O Sr. Finet era gerente do jornal *Le Spiritism à Lyon* (<https://bit.ly/35Jbjm8>) e tinha um grupo mediúnico frequentado por Henri Sausse. — N. T.

todos, da profunda dor de cada um e dos lamentos unânimes que acompanharam os despojos mortais de Allan Kardec à sua derradeira morada:

Paris, 31 de março de 1869

Amigos,

Agora que estou um pouco mais calmo, escrevo-vos; ao vos enviar meu telegrama, talvez tenha agido um pouco brutalmente, entretanto, pareceu-me que vós devíeis saber dessa morte imediatamente.

Aqui estão alguns detalhes:

Ele morreu esta manhã entre onze horas e meio-dia, subitamente, enquanto entregava um montante da *Revista Espírita* ao balconista de uma livraria que acabara de comprá-lo; ele caiu sobre si mesmo sem pronunciar uma única palavra; estava morto; ele estava sozinho em casa (rua Sainte-Anne), arrumando seus livros e papéis para sua mudança que começara e que terminaria amanhã; seu porteiro, tomado pelos gritos da empregada e do balconista, pegou-o; nada, mais nada; Delanne, correu em sua direção, esfregou-o, magnetizou-o, mas em vão, era o fim.

Acabei de ver, entrei no corredor, todo de utensílios domésticos; a porta da sala de sessões espíritas escancarada deixou-me ver a desordem de uma preparação para a partida; introduzido na pequena sala que vós conheceis bem, com seu tapete vermelho e seus móveis antigos, vi pela primeira vez a Sra. Kardec sentada no lugar do sofá de frente para a lareira; O Sr. Delanne ao seu lado; em frente a eles, sobre dois colchões jogados no chão, junto à porta da salinha de refeição, jazia o corpo, restos inanimados daquele que todos nós amamos. Sua cabeça coberta no topo por um lenço branco, amarrado sob o queixo, deixava ver o rosto inteiro, parecendo repousar suavemente e desfrutar o doce e calmo prazer do dever cumprido.

Nada medonho havia marcado a passagem da morte; não fosse a falta de respiração, dir-se-ia que ele dormia.

Sobre seu corpo esticado estava jogado um cobertor de lã branca que desde os ombros deixava perceber a gola de seu roupão, a única roupa que ele estava usando quando foi batido; a seus pés descalços,

seus chinelos e meias jogados ao acaso pareciam ainda ter o calor de seu corpo.

Era triste e, no entanto, uma sensação de doce quietude penetrava a alma; tudo na casa era desordem, caos, morte; e tudo ali parecia calmo, sorridente e doce; forçosamente diante desses restos, pensava-se no futuro.

Eu vos disse que era sexta-feira que o enterraríamos, mas ainda não sabemos a que horas; esta noite seu corpo será velado por Desliens e Tailleur; amanhã por Delanne e Morin.

Estão à procura de seus papéis, suas derradeiras vontades, tal como ele as escreveu; em todo o caso, o enterro será puramente civil.

Escrever-vos-ei e vos darei os detalhes da cerimônia.

Amanhã, creio, devemos aconselhar a nomeação de uma comissão de espíritas mais ligados à causa, aqueles que melhor possam conhecer suas necessidades a fim de esperar e saber o que terá que ser feito.

Todo seu de coração.

Vosso amigo,

Assinado: MULLER.⁷⁷

*

Paris, 4 de abril de 1869

Amigos,

Uma folha muito grande: devo preenchê-la esta noite?

Dolorido, quebrado, apenas comecei a voltar de uma emoção muito natural, não é?

Parece-me ter sonhado, contudo, não sonhei e não posso ter o triste consolo da ilusão. É exatamente uma realidade; verdade brutal, sancionada por um fato: mas estou tão impressionado que meu pensamento não pode se acostumar com a ideia de que ele não existe mais. — Que ele não existe mais, compreendi bem o que minha caneta quer dizer; pois aquilo que meu coração pensa desmente o que ele expressa. No entanto, é muito verdadeiro; sexta-feira conduzimos para o campo de repouso os seus restos mortais; e o ruído lúgubre da terra cobrindo seu caixão repercutiu nos ecos do meu coração; que vos direi?...

⁷⁷ Provável equívoco tipográfico quanto ao nome Muller, conforme a página 17 da obra disposta em <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/1180.pdf>. — N. T.

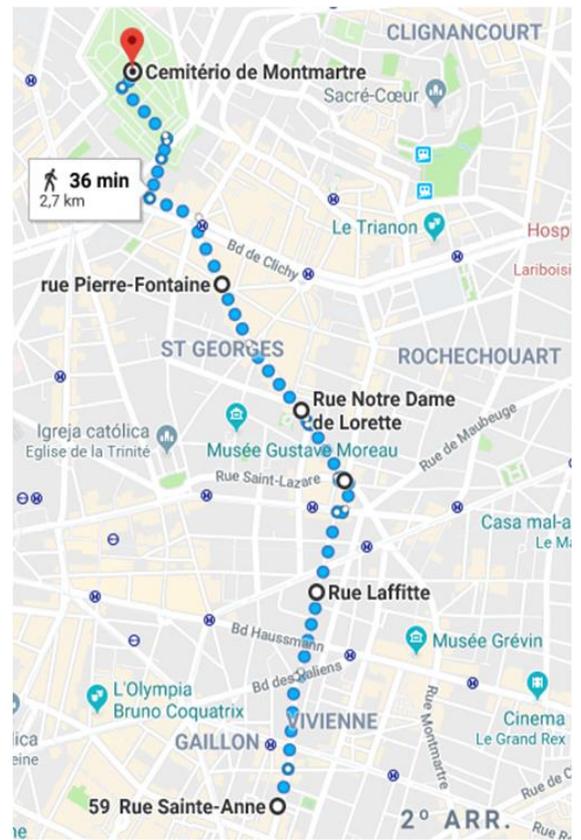
Que sofri e não chorei!

Minha intenção, uma vez realizada a triste cerimônia fúnebre, era de vos escrever prontamente, porém minha mente paralisada e meu corpo abatido não queriam que meu coração tivesse esse doce alívio; eu não pude!

Eis, tanto quanto minhas lembranças podem ser exatas, os detalhes da cerimônia:

Precisamente ao meio-dia, o cortejo partiu em marcha; um modesto carro funerário, sozinho, abria o caminho, puxando atrás dele, levemente pressionado, a multidão bastante numerosa de todos aqueles que puderam se encontrar nesta última reunião. O luto foi conduzido pelo Sr. Levent,⁷⁸ vice-presidente da Sociedade; à sua esquerda, o Sr. Tailleur,⁷⁹ à sua direita, o Sr. Morin; depois vieram os médiuns, a comissão, a Sociedade Espírita inteira; em logo atrás a multidão de amigos e de simpatizantes; conseguintemente, os interessados de todos os tipos, os não oficiais e os ociosos formavam a retaguarda; ao todo, mil a mil e duzentas pessoas.

O cortejo seguiu pela rua de Grammont, atravessou os grandes boulevards, a rua Laffitte, a Notre-Dame-de-Lorette, rua Fontaine, os boulevards externos (Clichy) e entrou no cemitério de Montmartre, em meio à multidão dos que o haviam precedido; longe, ali, mais longe ainda, no fundo do cemitério, uma cova aberta aguardava; à vontade, os curiosos desmanchando fileiras para vir e ocupar lugar na esperança de discursos (pobre gente); a corda do Coveiro enrola o féretro que



Cortejo fúnebre de Kardec. Fonte: [CSI do Espiritismo](#)

⁷⁸ Para saber mais sobre o Sr. Levent, favor conferir a postagem seguinte: <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/850078125755971>. — N. T.

⁷⁹ Jean Marie Tailleur, médium, amigo íntimo do casal Kardec, assim como o Sr. Malet, suposto autor da carta. Tailleur foi um dos fundadores e presidente da Sociedade Anônima para a continuação das obras de Kardec, em 1869. — N. T.

desce lentamente ao fundo do fosso: um grande silêncio se fez! O vice-presidente avança à beira da cova e sua voz comovente, penetrada, convicta, em nome da Sociedade, pede ao morto seus conselhos e lhe diz, não adeus, mas até logo. Camille Flammarion sobre um monte elevado, ali colocado por acaso, toma a palavra, em nome da ciência unida ao Espiritismo, e de uma forma enérgica, afirma aos olhos de todos a fé que a anima. Em seguida veio Delanne⁸⁰, que, falando em nome de nossos irmãos provincianos, prometeu ao Espírito que todos seguiriam o caminho tão laboriosamente traçado por ele. Um quarto e último discurso foi proferido pelo nosso colega Sr. Barrot⁸¹. Cada orador dirigindo-se ao Espírito Allan Kardec lhe disse: Cuida de nós, cuida de tuas obras, tu que possuis agora toda a tua liberdade.

Nada nas palavras dos oradores se assemelhava àquelas tristes orações fúnebres que levam o coração ao desespero com estas palavras: Adeus, não te verei nunca mais. Longe de nós este triste pensamento: o Espiritismo nos dá uma maior parcela de consolo e todos os discursos pronunciados sobre o túmulo do Mestre foram encerrados com estas palavras tranquilizadoras: Até mais, caro amigo de nossos corações, até mais, em um mundo melhor; que possamos nós, como tu, cumprir nossa missão na terra.

Logo a multidão se dispersou, cuidando de seus negócios ou de suas reflexões. A Sociedade deveria reunir-se nas instalações da rua Sainte-Anne, para solicitar uma evocação: cada um de seu lado foi lá com diligência.

Seis comunicações foram obtidas.

Todo vosso.

Assinado: MULLER⁸²

Assim que falou o Sr. Muller, quatro discursos foram proferidos no túmulo do Mestre: o primeiro, do Sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris; o segundo, do Sr. Camille Flammarion,

⁸⁰ Referência a Alexandre Delanne, o pai de Gabriel Delanne. Aliás, para saber o verdadeiro nome e outras curiosidades de Alexandre Delanne, ver <https://kardecpedia.com/obra/77>. — N. T.

⁸¹ Provavelmente se trate do Sr. Barrault, de quem encontramos mais detalhes na postagem: <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/905338513563265>. — N. T.

⁸² Ver a nota de rodapé 74. – N. T.

que não só fez um esboço do caráter de Allan Kardec e o papel de sua obra no movimento contemporâneo, mas também e sobretudo uma apresentação da situação das ciências físicas sob o ponto de vista do mundo invisível, das forças naturais desconhecidas, da existência da alma e sua indestrutibilidade. Em seguida o Sr. Alexandre Delanne⁸³ tomou a palavra em nome dos espíritas dos centros distantes; logo mais o Sr. E. Muller, em nome da família e seus amigos, endereça ao querido falecido as últimas palavras de despedida.

Não sabemos por quais razões o Sr. Muller atribui a seu colega Barrot o discurso tão vibrante que ele mesmo havia proferido em nome da família; não buscaremos a causa, mas provavelmente se deve ao fato de um ser o pseudônimo do outro.

Dos quatro discursos que acabamos de citar, acreditamos que devemos reproduzir aquele proferido pelo Sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris:

Senhores,

Venho em nome da Sociedade Espírita de Paris, da qual tenho a honra de ser vice-presidente, manifestar os pesares pela cruel perda que ela acaba de sofrer na pessoa de seu venerável Mestre Sr. Allan Kardec, morto subitamente anteontem, quarta-feira, no escritório da *Revista Espírita*.

A vós, senhores, que toda sexta-feira se reúnem na sede da Sociedade, não preciso vos lembrar daquela fisionomia ao mesmo tempo benevolente e austero, aquele tato perfeito, aquela justeza de apreciação, aquela lógica superior e incomparável que nos parecia inspirada.

A vós que compartilhastes o trabalho do Mestre todos os dias da semana, não contarei os seus contínuos labores, suas

⁸³ Para o verdadeiro nome de Alexandre Delanne e outras curiosidades sobre ele, ver <https://kardecpedia.com/obra/77>. — N. T.

correspondências com as quatro partes do mundo que lhe enviaram documentos sérios, imediatamente arquivados *na sua memória* e piedosamente recolhidos para serem submetido ao cadinho de sua alta razão e que formam, após um escrupuloso trabalho de elaboração, os elementos dessas preciosas obras que todos vós conheceis.

Ah, se como a nós, vos fosse dado ver nesta massa de materiais acumulados no escritório deste infatigável pensador; se conosco vós tivésseis penetrado no santuário de suas meditações, vós veríeis esses manuscritos, alguns quase concluídos, outros em andamento, outros finalmente mal esboçados, espalhados aqui e ali, e que parecem dizer: onde está o nosso Mestre, sempre tão cedo ao trabalho?

Ah! Mais do que nunca, vós também gritaríeis, com acentos de arrependimento tão amargos, que seriam quase ímpios: Deus deve ter chamado de volta a si o homem que ainda podia fazer tanto bem; a inteligência tão cheia de seiva, o farol afinal, que nos tirou das trevas e nos fez ver este novo mundo muito mais vasto, bem mais admirável, do que aquele que imortalizou o gênio de Cristóvão Colombo? Este mundo, que ele mal começara a nos descrever, do qual nós já pressentíamos as leis fluídicas e espirituais.

Contudo, tranquilizai-vos, senhores, com esse pensamento tantas vezes demonstrado e recordado pelo nosso presidente: ***“Nada é inútil por natureza, tudo tem sua razão de ser, e o que Deus faz é sempre bem-feito”***.

Não nos assemelhemos àquelas crianças rebeldes que, não entendendo as decisões do seu pai, se permitem criticá-lo e às vezes culpá-lo.

Sim, senhores, estou profundamente convencido disso e vos exprimo em voz alta: a partida do nosso querido e venerado Mestre era necessária!

Além disso, não seríamos ingratos e egoístas se, pensando apenas no bem que nos fazia, esquecêssemos o direito que ele adquirira de ir descansar na pátria celeste, onde tantos amigos, tantas almas de elite o esperavam e vieram recebê-lo depois de uma

ausência que, também para eles, parecia assaz longa.

Oh, sim, é alegria! É uma grande festa lá em cima, e essa alegria só é igualada pela tristeza e pelo luto que causa sua partida entre nós, pobres exilados, cuja hora ainda não chegou! Sim, o Mestre havia cumprido sua missão! Cabe-nos continuar o seu trabalho, com a ajuda dos documentos que ele nos legou, e daqueles, ainda mais preciosos, que o futuro nos reserva; a tarefa será fácil, estai certos, se cada um de nós ousar afirmar-se corajosamente; se cada um de nós compreendeu que a luz que recebeu deve ser propagada e comunicada a seus irmãos; se cada um de nós, enfim, tiver a memória do coração voltada para o nosso falecido presidente, e souber compreender o plano de organização que deu o último distintivo ao seu trabalho.

Nós continuaremos, portanto, seus labores, querido Mestre, sob sua fragrância benéfica e inspiradora; receba aqui a promessa formal. É a melhor marca de carinho que podemos te dar.

Em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, não te dizemos adeus, mas *até mais, até breve*.

Do discurso do Sr. E. Muller, recordemos também as seguintes passagens que merecem nossa atenção:

Falo em nome de sua viúva, daquela que foi sua fiel e feliz companheira por trinta e sete anos de felicidade sem nimbo e sem mistura, daquela que compartilhou suas crenças e seus trabalhos, bem como suas vicissitudes e suas alegrias; que, hoje sozinha, se orgulha da pureza dos costumes, da absoluta honestidade e do sublime desinteresse do marido. É ela que dá a todos nós o exemplo de coragem, tolerância, perdão dos insultos e dever cumprido escrupulosamente.

Falo também em nome de todos os amigos, presentes ou ausentes, que seguiram, passo a passo, a laboriosa carreira que Allan Kardec sempre honrosamente percorreu; daqueles que querem honrar sua memória, lembrando alguns traços de sua vida.

E inicialmente, quero dizer por que seu envoltório mortal foi

trazido aqui diretamente, sem pompa e sem outras orações além das vossas! Havia necessidade de preces por aquele cuja vida inteira foi um longo ato de piedade, de amor a Deus e à humanidade? Será que todos não deveriam poder juntar-se a nós nesta abordagem comum que afirma a nossa estima e a nossa afeição?

A tolerância absoluta era a regra de Allan Kardec. Seus amigos, seus discípulos pertencem a todas as religiões: israelitas, maometanos, católicos e protestantes de todas as seitas; para todas as classes: ricos, pobres, estudiosos, livres-pensadores, artistas, trabalhadores etc. Todos puderam vir aqui, graças a esta medida que não envolveu qualquer consciência e que será um bom exemplo.

Nessa plateia tão numerosa e tão diversificada, os lamentos foram unânimes e cada qual fez questão de render homenagem ao grande filósofo que foi Allan Kardec, cujo nome brilhará através dos tempos, como um poderoso meteoro no alvorecer do Espiritismo.

Madame Allan Kardec tinha 74 anos por ocasião da morte de seu esposo; ela viveu após ele até 1883, ano em que, a 21 de janeiro, se extinguiu com a idade de 89 anos sem deixar herdeiros diretos, já que não tinha filhos.

Erraria quem acreditasse que, em virtude dos seus trabalhos, Allan Kardec devia ser um personagem sempre frio e austero; não era assim de fato: esse sério filósofo, depois de haver



Amélie Gabrielle Boudet, a Madame Kardec

discutido pontos mais difíceis da psicologia e da metafísica transcendental, transformava-se repentinamente em alguém

risonho, bem-humorado, divertido, sabendo se colocar ao alcance de todos, mesmo os mais humildes, e tendo um talento todo particular para distrair os convidados que ele recebia à mesa e com os quais ele sabia, tão gentilmente, para compartilhar sua alegria comunicativa.

Em uma velha correspondência, encontrada por acaso num feliz instante, destaco as passagens seguintes, escritas por Allan Kardec para um dos seus comensais:⁸⁴

As cartas anônimas, traições, insultos e a difamação sistemática seguiram esse gênio laborioso e benevolente, e lhe causaram, moralmente, feridas incuráveis; projetado para viver cem anos, ele tinha um coração sensível; a injustiça — sobretudo a dos espíritas tagarelas e sem consideração — lhe penetrou o coração e foi a causa do *aneurisma* que o acometeu aos 65 anos, quando ainda tinha tanto a fazer.

Acordado às 4 e meia da manhã, em todas as estações, ele escrevia para lidar com a correspondência, com suas novas composições, recepções, sessões de sexta-feira etc. Muitas vezes vinha nos ver, nos momentos de fadiga, e sentados à minha mesa, ria como costumava, encontrando anedotas encantadoras, das palavras gaulesas, para nos distrair, e estimulados, misturávamos nosso comentário com o dele. Depois, ele alegremente retomava sua jornada.

Todos os domingos, especialmente nos últimos dias de sua vida, ele convidava amigos para a ceia na sua vila Ségur; então aquele filósofo sério, depois de ter discutido com os pontos mais ousados e controversos da doutrina, articulava-se para nos distrair; fazia-se criança, tão simplesmente para conseguir uma doce graça para seus convidados, e tinha um gênio especial para fazê-lo com dignidade, sobriamente, gentilmente, misturando a isso uma nota particular de amigável bonomia.

Durante a refeição, às vezes era anunciado um prato especial

⁸⁴ O Sr. Pierre-Gaëtan Leymarie.

vindo de longe; era trazido com precauções minuciosas e cada qual a se considerar com respeito. Chegado o momento, ele levantava a tampa e se presenteava com uma coisa minúscula que seriamente compartilhava com 10 ou 12 convidados. Então o Mestre, que se divertia com a estupefação geral, ria da nossa surpresa e nos explicava o que era esse prato, sua proveniência, o modo de envio, sua necessidade, seu porquê, com considerações engenhosas e eruditas que nos encantaram e nos provava que o Mestre poderia ter se tornado um grande naturalista.

Quantas vezes aprendemos que muitos dos experimentados encontravam nele socorro moral eficaz e ajuda material que o não era menos; disso ele não disse uma palavra, escondendo suas boas obras no esquecimento. Os beneficiados foram muitas vezes ingratos, sendo o reconhecimento um fardo muito pesado para certas naturezas insuficientemente evoluídas.

Ele nos disse: ***Quanto mais avançamos, mais aqueles que se dedicam à nossa causa precisarão de paciência, de esquecer os insultos e de elevar seu coração e sua inteligência para não se lançar à preocupação e ao desespero. Se eles com energia, os bons guias os ajudarão a carregar o fardo bom e salutar.***

Ele tinha razão: como a experiência o ensinou, ele foi um daqueles que carregaram sua cruz ao longo de todo o Calvário, e que os conduziu à morte corporal, mas que, no entanto, resistiu a tudo o que pudesse irritá-los e constrangê-los a abandonar tudo.

* * *

Todos os jornais da época se ocuparam da morte de Allan Kardec e procuraram calcular as consequências dela. Eis aqui, a título de lembrança, o que a esse respeito escreveu o Sr. Pagès de Noyez, no *Journal de Paris*, de 3 de abril de 1869:

Aquele que por tão longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec tinha por nome Rivail e

morreu na idade de 65 anos.

Vimo-lo deitado num simples colchão, no meio da sala das sessões a que há tantos anos ele presidia; vimo-lo com o semblante calmo como se extinguem aqueles a quem a morte não surpreende e que, tranquilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo da pureza de sua alma sobre o corpo que abandonou a matéria.

Resignados pela fé em uma vida melhor e pela convicção da imortalidade da alma, inúmeros discípulos vieram lançar um derradeiro olhar àqueles lábios descorados que, ainda ontem, lhes falavam a linguagem da Terra. Mas eles recebiam já a consolação de além-túmulo: o espírito de Allan Kardec veio lhes dizer quais haviam sido as suas comoções, quais as suas primeiras impressões, quais dos que o haviam precedido no além-túmulo tinham vindo ajudar sua alma a desprender-se da matéria. Se “o estilo é o homem”, aqueles que conheceram Allan Kardec em vida não podem deixar de ficar emocionados pela autenticidade dessa comunicação espírita.

A morte de Allan Kardec é notável por uma coincidência singular. A Sociedade fundada por esse grande vulgarizador do Espiritismo acabava de desaparecer.⁸⁵ Abandonado o local, os móveis retirados, nada mais restava de um passado que devia renascer sobre novas bases. No fim da última sessão, o presidente fizera as suas despedidas; preenchida a sua missão, retirava-se da luta cotidiana para se consagrar inteiramente ao estudo da filosofia espiritualista. Outros, mais jovens — intrépidos — deveriam continuar a obra e, fortes por sua virilidade, impor a verdade por sua convicção.

Para que contar os detalhes da morte? Que importa o modo como o instrumento se quebrou, e por que dedicar uma linha a essas peças doravante devolvidas ao imenso movimento das moléculas? Allan Kardec morreu na sua hora. Com ele terminou o prólogo de uma religião vivaz que, irradiando cada dia, em breve iluminará toda

⁸⁵ Na verdade, a Sociedade (Parisiense de Estudos Espíritas) não se acabara ali; ela estava transferindo sua sede, bem como o Escritório da *Revista Espírita*, para a Rua de Lille nº 7, no mesmo endereço onde foi instalada a Livraria Espírita. — N. T.

a humanidade. Ninguém melhor do que Allan Kardec podia conduzir a bom termo essa obra de propaganda, à qual era necessário sacrificar as longas vigílias que nutrem o espírito, a paciência que educa ao longo do tempo, a abnegação que afronta a estultícia do presente para não ver senão a irradiação do futuro.

Pelas suas obras, Allan Kardec fundou o dogma pressentido pelas mais antigas sociedades. Seu nome, apreciado como o de um homem de bem, está há muito tempo disseminado pelos que creem e pelos que temem. É difícil praticar o bem sem chocar os interesses estabelecidos. O Espiritismo destrói muitos abusos, reanima muitas consciências doloridas dando-lhes a convicção da prova e a consolação do futuro.

Os espíritas choram hoje o amigo que lhes deixa, porque o nosso entendimento, por assim dizer, material, não se pode submeter a essa ideia de *passagem*; porém, pago o primeiro tributo a essa inferioridade do nosso organismo, o pensador ergue a cabeça e através desse mundo invisível que ele sente existir além do túmulo, estende a mão ao amigo que já não existe, convencido de que o seu Espírito nos protege sempre.

O presidente da Sociedade Espírita de Paris faleceu; mas o número de adeptos cresce todos os dias, e os valentes, que o respeito ao Mestre deixou ficar em segundo plano, não hesitarão em se afirmarem, por bem da grande causa.

Esta morte, que o vulgo deixará passar indiferente, não deixa de ser, por isso, um grande fato para a humanidade. Não é mais o sepulcro de um homem, é a pedra tumular enchendo esse imenso vácuo que o materialismo cavara aos nossos pés e sobre o qual o Espiritismo esparge as flores da esperança.

* * *

Um ponto sobre o qual eu não atraí vossa atenção, mas que devo assinalar, para encerrar, é a caridade verdadeiramente cristã de Allan Kardec; dele se pode dizer que a mão esquerda ignorou sempre o bem

que fazia a direita, e que esta ainda menos conheceu os botes que à outra atiravam aqueles para quem o reconhecimento é um fardo excessivamente pesado para suportar. Cartas anônimas, insultos, traições, difamações sistemáticas, nada foi poupado a esse valente lutador, a essa alma varonil e grande, que entrou inteiramente na imortalidade.

O despojo mortal de Allan Kardec foi depositado apenas provisoriamente no cemitério de Montmartre. Após um combinado entre a Sociedade e a Sr. Viúva Allan Kardec, um lugar foi adquirido cemitério do Père-Lachaise, e um monumento tendo a forma de um dólmen recebeu os restos mortais do nosso Mestre bem-amado e o corpo de sua esposa veio juntar-se a ele lá.⁸⁶



Dólmen de Allan Kardec no cemitério Père-Lachaise, Paris

⁸⁶ De fato, o corpo de Amélie Gabrielle Boudet foi sepultado neste mesmo túmulo (1883), onde já havia sido sepultado os restos mortais de sua mãe, Julie Louise Saignes de Lacombe, falecida em 1847, conforme <https://facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/932236920873424>. — N. T.

É ali que, desde 31 de março de 1870, os fiéis discípulos de Allan Kardec se reúnem todos os anos no mesmo dia, contentes por poder lhe prestarem este compromisso de afeto e reconhecimento.

Para honrar sua memória, como ela merece, esforcemo-nos por seguir seus conselhos e sobretudo para praticar suas virtudes. É com este propósito que reitero aos nossos amigos esse urgente apelo que já lhes dirigi em *O Espiritismo em Lyon*:

Nossos irmãos mais velhos, aqueles tantos que a morte já deitou no sulco, estavam todos sobretudo imbuídos dos princípios de Allan Kardec; eles receberam diretamente as lições e os princípios do Fundador da Filosofia Espírita e se esforçaram para pô-los em prática, conformando-lhes sua conduta. Estudando antes de tudo a moral espírita, eles buscaram ali a fé raciocinada que esclarece e consola, e a força contra as provações da existência, contra as adversidades merecidas ou desejadas que nos acompanham nesta terra de provações. Para eles, o fenômeno espírita certamente tinha o mérito de ser a base do edifício espírita, mas a moral que decorria do fenômeno lhe era muito superior. Desde então, as pesquisas científicas, ou assim pretendidas, levaram os experimentadores para o lado fenomenológico; apega-se muito mais à manifestação tangível do que à sanção moral que dela resulta e, ao fazê-lo, na minha opinião, abandona-se a presa pela sombra. Também a crença raciocinada, a fé ardente e sincera e o sentimento do dever vão se enfraquecendo, sendo substituídos por uma curiosidade doentia, incapaz de nobre devoção, de impulsos generosos e desse ardor de proselitismo de que encontramos tantos exemplos na conduta de nossos anciãos. Voltemos, meus amigos, aos sentimentos de nossos predecessores, voltemos à sua fé esclarecida e consciente, ao seu desinteresse; estudemos acima de tudo a Filosofia Espírita para melhor conhecê-la e conformar nossa conduta a ela. Tornemo-nos de novo seguidores da terceira categoria de que falava Allan Kardec. Não busquemos no Espiritismo senão um meio de nos aperfeiçoarmos, de nos melhorarmos, e não um suporte para cobrar

discursos e cunhar moedas.

Sejamos os fiéis discípulos de Allan Kardec; recordemos que o Mestre disse: “De nada adianta acreditar nas manifestações espíritas se não adequamos nossa conduta aos seus princípios”; o verdadeiro espírita é aquele de quem se pode dizer: “Melhor hoje do que ontem”. Que este seja o único julgamento que possa ser feito sobre nós, se quisermos ser dignos de nossos antecessores, se quisermos continuar sendo os verdadeiros discípulos de Allan Kardec.

Animemo-nos, meus amigos, unamo-nos, apoiemo-nos, ajudemo-nos na busca do bem e do belo, para o triunfo da justiça e da verdade, e pela difusão cada vez maior da Filosofia Espírita tal como aa ensinava Allan Kardec.



Allan Kardec

Reflexões, Conselhos e Máximas de
Allan Kardec

FRAGMENTOS

Extratos dos doze primeiros anos da *Revista Espírita*

Como o Sr. de Buffon pôde dizer, com tanta a razão: *O Estilo é o homem*; para melhor apreciar Allan Kardec, estudemo-lo em sua obra, pois quanto melhor pudermos julgar os méritos desse profundo pensador, mais nosso respeito e nosso apego crescerão por ele. Nesse intuito, acreditamos que devemos reproduzir a seguir algumas passagens extraídas dos muitos artigos que ele publicou na *Revista Espírita* de 1858 a 1869; eles nos lembrarão de alguns dos princípios filosóficos dos quais o Mestre muitas vezes gostava de retornar. Meditando sobre seus conselhos, suas máximas, nós aprenderemos a conhecer melhor e a amar melhor o Fundador da Filosofia Espírita.

Revista Espírita, novembro de 1865 – ‘Alocução’:

Deus me guarde de ter a presunção de me crer o único capaz ou mais capaz do que qualquer outro, ou o único encarregado de cumprir os desígnios da Providência; não, longe de mim tal pensamento. Neste grande movimento renovador, tenho minha parte de ação; só falo do que me diz respeito; mas o que posso

afirmar sem vaidade é que, no papel que me incumbe, nem coragem nem perseverança não me faltarão. Jamais me faltaram; enquanto hoje, que vejo a rota iluminar-se com uma claridade maravilhosa, sinto que as forças aumentaram. nunca duvidei; ao passo que hoje, graças às novas luzes que a Deus agradou me dar, estou certo, e digo a todos os nossos irmãos, com mais segurança do que nunca: ***Coragem e perseverança, pois um sucesso retumbante coroará vossos esforços.***

Revista Espírita, fevereiro de 1867 – ‘Livre pensamento e livre consciência’:

O Espiritismo é, como pensam alguns, uma nova fé cega que substituiu outra fé cega; dito de outra forma, é uma nova escravidão do pensamento sob nova forma? Para crer nele, é preciso ignorar os seus primeiros elementos. Com efeito, ***o Espiritismo estabelece como princípio que antes de crer é preciso compreender; ora, para compreender é necessário que se faça uso do seu julgamento;*** eis por que procura dar-se conta de tudo antes de admitir alguma coisa; procura-se saber o porquê e o como de cada coisa. É por isso que os espíritas são mais cépticos do que muitos outros, em relação aos fenômenos que escapam do círculo das observações habituais. Não se baseia em nenhuma teoria preconcebida ou hipotética, mas na experiência e na observação dos fatos; em vez de dizer: ***“Crede primeiro e depois compreenderdes, se puderdes”***, diz: ***“Compreendei primeiro e depois acreditareis, se quiserdes.”*** Ele não se impõe a ninguém; diz a todos: ***“Vede, observai, comparai e vinde a nós livremente, se isto vos convém.”*** Falando assim, ele entra com grande chance na faixa dos concorrentes. Se muitos vão a ele, é porque ele satisfaz a muitos, mas ninguém o aceita de olhos fechados. Aos que não o aceitam, ele diz: ***“Sois livres e não vos quero; tudo o que vos peço é que me deixeis minha liberdade, como vos deixo a vossa. Se procurais me excluir, temendo que vos suplante, é que não estais muito seguros de vós.”***

Como o Espiritismo não procura afastar nenhum dos concorrentes na liça aberta às ideias que devem prevalecer no mundo regenerado, está nas condições do verdadeiro livre pensamento; não admitindo nenhuma teoria que não seja fundada na observação, está ao mesmo tempo nas do mais rigoroso positivismo; enfim, sobre seus adversários das duas extremadas opiniões contrárias, ele tem a vantagem da tolerância.

Aqueles que querem ver os fenômenos antes de crer no Espiritismo, Allan Kardec dá seus sábios conselhos:

Revista Espírita, maio de 1861 – ‘Discurso do Sr. Allan Kardec’:

Afinal de contas, seria muito desagradável que a propagação da doutrina se subordinasse à publicidade de nossas sessões: por mais numeroso que fosse o auditório, seria sempre muito restrito, imperceptível, comparado à massa da população. Por outro lado, sabemos por experiência que a verdadeira convicção só se adquire pelo estudo, pela reflexão e por uma observação contínua, e não assistindo a uma ou duas sessões, por mais interessantes que sejam elas; e isto é tão verdadeiro que é imenso o número dos que creem sem ter visto, mas porque estudaram e compreenderam. Sem dúvida o desejo de ver é muito natural e estamos longe de censurá-lo, mas queremos que vejam em condições aproveitáveis. Eis por que dizemos: ***Estudai primeiro e vede depois, porque compreendereis melhor.***

Se os incrédulos refletissem sobre esta condição, veriam nela, para começar, a melhor garantia de nossa boa-fé e, depois, a força da doutrina. O que o charlatanismo mais teme é ser compreendido; ele fascina os olhos e não é tolo a ponto de se dirigir à inteligência que facilmente descobriria o reverso da moeda. ***O Espiritismo, ao contrário, não admite a confiança cega; quer ser claro em tudo; quer que lhe compreendam tudo, que se deem conta de tudo;*** então, quando prescrevemos o estudo e a meditação, é chamar o apoio da razão, e provar que a ciência espírita não teme o exame, uma vez que, antes de crer, sentimos uma obrigação de compreender.

Revista Espírita, dez. de 1861 – ‘Organização do Espiritismo’:

Aquele que tem a intenção de organizar um grupo em boas condições deve antes de tudo assegurar-se do auxílio de alguns adeptos sinceros, tomando a doutrina a sério e cujo caráter conciliador e benevolente seja conhecido. Formado esse núcleo, ainda que não fosse mais do que três ou quatro pessoas, estabelecer-se-ão regras precisas, seja para as admissões, seja para a realização das sessões e para a ordem dos trabalhos, regras às quais os recém-vindos terão de se adequar...

(...) A primeira condição a impor, caso não se queira ser distraído a cada instante por objeções ou perguntas ociosas, é o do estudo prévio. A segunda é uma profissão de fé categórica e uma adesão formal à doutrina de **O Livro dos Espíritos**, além de outras condições especiais julgadas a propósito. Isto quanto aos membros titulares e dirigentes; para os assistentes, que geralmente vêm para adquirir um pouco mais de conhecimento e de convicção, pode-se ser menos rigoroso; todavia, como há os que poderiam causar perturbação com observações deslocadas, é importante assegurar-se de suas disposições; faz-se necessário, acima de tudo e sem exceção, afastar os curiosos e quem quer que seja atraído por motivo frívolo.

(...) **A ordem e a regularidade dos trabalhos são coisas igualmente essenciais.** Consideramos de grande utilidade abrir cada sessão pela leitura de algumas passagens de **O Livro dos Médiuns** e de **O Livro dos Espíritos**; por esse meio, teremos sempre presentes na memória os princípios da ciência e os meios de evitar os perigos encontrados a cada passo na prática. Assim, a atenção será fixada sobre uma porção de pontos, que muitas vezes escapam numa leitura particular e poderão ensejar comentários e discussões instrutivas, das quais os próprios Espíritos poderão participar.

(...) Como se vê, tudo isto é de execução muito simples e sem engrenagens complicadas; mas tudo depende do ponto de partida, ou seja, da composição dos grupos primordiais. Se eles forem formados de bons elementos, serão outras tantas boas raízes que darão bons frutos. Se, ao contrário, forem formados de elementos

heterogêneos e antipáticos, de espíritas duvidosos, mais preocupados com a forma do que com o fundo, que consideram a moral como parte acessória e secundária, há que se esperar polêmicas irritantes, que a nada levam, pretensões pessoais, atritos de susceptibilidades e, em consequência, conflitos precursores da desorganização. Entre verdadeiros espíritas, tais como os definimos, que veem o objetivo essencial do Espiritismo na moral, que é a mesma para todos, haverá sempre abnegação de personalidade, condescendência e benevolência e, por isso, segurança e estabilidade nas relações. Eis por que temos insistido tanto sobre as qualidades fundamentais.

As sociedades numerosas têm a sua razão de ser do ponto de vista da propaganda, mas para os estudos sérios e sequenciais é preferível torná-las objeto de grupos íntimos.

Revista Espírita, novembro de 1861 – ‘Opinião de um jornalista sobre ***O Livro dos Espíritos***’:

De resto, seja qual for a natureza da reunião, seja ela numerosa ou não, as condições que ela deve satisfazer para atender ao seu objetivo são as mesmas; é para isto que devemos concentrar todos os nossos cuidados e os que os satisfazerem serão fortes, porque terão, necessariamente, o apoio dos Espíritos bons. Tais condições estão traçadas em ***O Livro dos Médiuns***, item 341.

Um defeito bastante frequente entre alguns novos adeptos é o de se julgarem mestres após alguns meses de estudo. Como sabeis, ***o Espiritismo é uma ciência imensa e cuja experiência não pode ser adquirida senão com o tempo***, como, aliás, em todas as coisas. Há nessa pretensão de não mais necessitar de conselhos e de se julgar acima de todos uma prova de insuficiência, pois falta com um dos primeiros preceitos da Doutrina: a modéstia e a humildade. Quando os maus Espíritos encontram semelhantes disposições num indivíduo, eles não deixam de superexcitá-lo e de o entreter,

persuadindo-o de que só ele possui a verdade. Este é um dos escolhos que podem ser encontrados e contra o qual julguei dever vos prevenir, acrescentando ***que não basta dizer-se espírita mais do que se dizer cristão: é preciso prová-lo pela prática.***

Revista Espírita, dez. de 1861 – ‘Organização do Espiritismo’:

Tendo como objetivo o melhoramento dos homens, o Espiritismo não vem recrutar aqueles que são perfeitos, mas os que se esforçam para se tornar perfeito pondo em prática o ensino dos Espíritos. O verdadeiro espírita não é o que alcançou a meta, mas o que deseja seriamente atingi-la. Sejam quais forem os seus antecedentes, ele será bom espírita desde que reconheça suas imperfeições e seja sincero e perseverante no propósito de se corrigir. Para ele o Espiritismo é uma verdadeira regeneração, pois rompe com o passado; indulgente para com os outros, como gostaria que fossem para consigo, de sua boca não sairá nenhuma palavra malevolente nem ofensiva contra ninguém. Aquele que, numa reunião, se afastasse das conveniências, não só provaria falta de civilidade e de urbanidade, mas falta de caridade; aquele que se melindrasses com a contradição e pretendesse impor a sua pessoa ou as suas ideias, daria prova de orgulho; ora, nem um nem outro estariam no caminho do verdadeiro Espiritismo cristão. Aquele que pensa ter uma opinião mais justa fará que os outros a aceitem melhor pela persuasão e pela doçura; o azedume seria de sua parte um péssimo negócio.

Revista Espírita, março de 1865 – ‘O processo Hillaire’:

O Espiritismo não está apenas na crença na manifestação dos Espíritos. O erro dos que o condenam é crer que só ele consista na produção de fenômenos estranhos, e isto porque, não se dando ao trabalho de estudá-lo, só lhe veem a superfície. Esses fenômenos só são estranhos para os que lhes não conhecem a causa, mas quem quer que os aprofunde, neles não vê senão os efeitos de uma lei, de uma força da natureza que não se conhecia e que, por isso mesmo,

não são maravilhosos nem sobrenaturais. Esses fenômenos provam a existência dos Espíritos, que mais não são que as almas daqueles que viveram, provando, por conseguinte, a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, a vida futura com todas as suas consequências morais. A fé no futuro, assim apoiada em provas materiais, torna-se inquebrantável e triunfa sobre a incredulidade. Daí por que, quando o Espiritismo se tornar a crença de todos, não haverá mais incrédulos, nem materialistas, nem ateus. Sua missão é combater a incredulidade, a dúvida, a indiferença; não se dirige aos que têm uma fé, e a quem essa fé é suficiente, mas aos que em nada creem, ou que duvidam. Não diz a ninguém que deixe a sua religião; respeita todas as crenças, quando sinceras. Aos seus olhos, a liberdade de consciência é um direito sagrado; se não a respeitasse, faltaria ao seu primeiro princípio, que é a caridade. Neutro entre todos os cultos, será o laço que os reunirá sob uma mesma bandeira — a da fraternidade universal. Um dia eles se darão as mãos, em vez de se lançarem o anátema.

Longe de serem a parte essencial do Espiritismo, os fenômenos não passam de um acessório, um meio suscitado por Deus para vencer a incredulidade, que invade a sociedade; ***ele está sobretudo na aplicação de seus princípios morais***. É nisto que se reconhecem os espíritas sinceros. Os exemplos de reforma moral provocada pelo Espiritismo já são bastante numerosos para que se possa julgar dos resultados que produzirá com o tempo. É preciso que sua força moralizadora seja bem grande para triunfar sobre os hábitos inveterados pela idade, e da leviandade da juventude.

Portanto, o efeito moralizador do Espiritismo tem por causa primeira o fenômeno das manifestações, que deu a fé. Se esses fenômenos fossem uma ilusão, como o pretendem os incrédulos, seria preciso abençoar uma ilusão que dá ao homem a força de vencer as más inclinações.

Revista Espírita, maio de 1864 - ‘Sociedade Espírita de Paris’:

A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem, nem na de um Espírito; está na universalidade do ensino dado por

estes últimos; o controle universal, como o sufrágio universal, resolverá no futuro todas as questões litigiosas; fundará a unidade da doutrina muito melhor do que um concílio de homens. Fiquem certos, senhores, de que este princípio fará o seu caminho, como aquele: ***Fora da caridade não há salvação***, pois baseado na mais rigorosa lógica e na abdicação da personalidade. Não contrariará senão os adversários do Espiritismo e aqueles que só têm fé em suas luzes pessoais. Ele não contrariará senão os adversários do Espiritismo e aqueles que só têm fé em suas luzes pessoais.

Revista Espírita, agosto de 1864 - ‘Suplemento ao capítulo das Preces da Imitação do Evangelho’:

O Espiritismo é uma fé íntima; ele está no coração e não nos atos exteriores; ele não prescreve nada que não seja da natureza que escandalize os que não compartilham dessa crença; ele recomenda de se abster disso por espírito de caridade e de tolerância.

Revista Espírita, abril de 1864 - ‘Autoridade da Doutrina Espírita’:

Se a doutrina espírita fosse uma concepção puramente humana, ela não ofereceria por garantia mais do que as luzes daquele que a tivesse concebido; ora, ninguém neste mundo poderia alimentar a pretensão fundamentada de possuir com exclusividade a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram tivessem se manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, porque seria preciso acreditar, sob palavra de honra, naquele que dissesse ter recebido deles o ensinamento. Admitindo de sua parte sinceridade perfeita, quando muito poderia ele convencer as pessoas de suas relações; poderia ter sectários, mas nunca chegaria a congregar todo o mundo.

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por caminho mais rápido e mais autêntico; eis por que ele incumbiu os Espíritos de levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda parte, sem conferir a ninguém o privilégio exclusivo de lhes ouvir sua palavra...

(...) Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença que existe

nas suas capacidades, estão longe de estarem individualmente na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o seu saber é proporcional à sua depuração; que os espíritos vulgares não sabem mais do que os homens, e até menos que certos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e pseudossábios, que julgam saber o que ignoram; há sistemáticos que tomam por verdades as suas ideias... árbitros da verdade. Em tal caso, que hão de fazer os homens que não depositam confiança absoluta em si mesmos? Eles buscam o parecer da maioria e tomam por guia a opinião desta. Assim deve ser em face do ensinamento dos Espíritos, que que nos fornecem, eles mesmos, os meios disso.

Assim, a concordância no ensinamento dos Espíritos é a melhor comprovação, mas é preciso que ela se dê em certas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, por si mesmo, interroga vários Espíritos acerca de um ponto duvidoso; é evidente que se ele estiver sob o império de uma obsessão ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco haverá garantia suficiente na conformidade que se possa obter por médiuns de um único centro, pois eles podem estar todos sob a mesma influência. ***A única garantia séria consiste na concordância que existe as revelações feitas espontaneamente por intermédio de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.*** Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos mesmos princípios da doutrina...

(...) O primeiro controle é, sem contradita, o da razão, ao qual cumpre que se submeta tudo o que venha dos Espíritos — sem exceção. Toda teoria em clara contradição com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juízes únicos da verdade.

A única garantia séria consiste na concordância que existe

as revelações feitas espontaneamente por intermédio de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.

Tal é a base sobre a qual nos apoiamos quando formulamos um princípio da doutrina; não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro; não nos arvoramos absolutamente em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: Crede em tal coisa, porque somos nós que vos dizemos isso. A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalíveis do que qualquer outro. Também *não é por que um princípio nos seja ensinado que ele seja para nós a verdade*, mas porque ele tenha recebido a sanção da concordância.

Esse controle universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que no porvir se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados os Espíritos tivessem vindo contradizê-la, já de há muito aquelas obras haveriam experimentado o destino de todas as concepções fantásticas. Nem mesmo o apoio da imprensa as salvaria do naufrágio, ao passo que, privadas como se viram desse apoio, não deixaram de abrir caminho e de avançar celeremente. É que tiveram o dos Espíritos, cuja boa vontade não só compensou, como também sobrepujou o malquerer dos homens. Assim sucederá a todas as ideias que, emanando quer dos Espíritos, quer dos homens, não possam suportar a prova desse controle, cuja força ninguém pode contestar.

Revista Espírita, julho de 1859 - ‘Discurso de encerramento do Ano Social 1858-1859’:

Os Espíritos são o que são e nós não podemos alterar a ordem das coisas; como nem todos são perfeitos, *não aceitamos suas palavras senão com reservas e jamais com a credulidade infantil.*

Julgamos, comparamos, tiramos consequências de nossas observações e os seus próprios erros constituem ensinamentos para nós, pois não renunciamos ao nosso discernimento.

Essas observações se aplicam igualmente a todas as teorias científicas que os Espíritos podem dar. Seria muito cômodo ter apenas que interrogá-los para encontrar a ciência pronta e acabada e possuir todos os segredos industriais: nós só conquistaremos a ciência à custa de trabalho e de pesquisas; missão dos Espíritos não é eximir-nos dessa obrigação. Aliás, não apenas estamos conscientes de que nem todos sabem tudo, como sabemos que entre eles, como sói acontecer entre os homens, existem pseudossábios, que julgam saber o que não sabem e falam daquilo que ignoram com imperturbável atrevimento. Pelo fato de um Espírito dizer que é o Sol que gira em torno da Terra, nem por isso essa teoria será mais verdadeira. Saibam, pois, aqueles que nos atribuem uma credulidade tão pueril, que tomamos toda opinião emitida por um Espírito como uma opinião pessoal; que não a aceitamos senão após havê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação que a própria ciência espírita nos fornece.

(...) Nossos estudos nos ensinam que o mundo invisível que nos circunda reage constantemente sobre o mundo visível; eles nos apresentam esse mundo como uma das potências da natureza. Conhecer os efeitos dessa força oculta que nos domina e subjuga a nosso contragosto, não será ter a chave de mais de um problema, a explicação de uma multidão de fatos que passam despercebidos? Se esses efeitos podem ser funestos, conhecer a causa do mal não será ter um meio de preservar-se contra ele, como o conhecimento da eletricidade possibilitou-nos atenuar os efeitos desastrosos do raio? Se então sucumbirmos não poderemos queixar senão de nós mesmos, visto não termos a ignorância como desculpa. O perigo está no domínio que os Espíritos maus exercem sobre os indivíduos, e esse domínio não é apenas funesto do ponto de vista dos erros de princípio que podem propagar, mas, também, do ponto de vista dos interesses materiais. A experiência nos ensina que jamais é impunemente que nos abandonamos à sua dominação, pois suas

intencões nunca podem ser boas. Para chegar a tal fim, uma de suas táticas é a desunião, porque sabem muito bem que podem facilmente dominar quem se encontra privado de apoio. Assim, quando querem apoderar-se de alguém, o seu primeiro cuidado é sempre inspirar-lhe a desconfiança e o isolamento, a fim de que ninguém os possa desmascarar, esclarecendo as pessoas prejudicadas com conselhos salutareos; uma vez senhores do terreno, podem fasciná-las à vontade, através de promessas sedutoras, e subjugá-las por meio da lisonja às suas inclinações, aproveitando os lados fracos que descobrem para, em seguida, melhor fazê-las sentir a amargura das decepções, feri-las em seus afetos, humilhá-las em seu orgulho e, muitas vezes, soerguê-las por um instante tão só para precipitá-las de mais alto.

Para se prevenir contra tais perigos, Allan Kardec nos dá a sábia admoestação adiante:

Direi primeiramente que, conforme o seu conselho — o conselho dos Guias — ***nada aceito sem controle e sem exame***; não adoto uma ideia senão quando me parece racional, lógica, concorde com os fatos e as observações e se nada de sério vem contradizê-la. Mas meu julgamento não poderá ser um critério infalível. O assentimento que encontrei da parte de numerosas pessoas mais esclarecidas do que eu me fornece a primeira garantia. Mas eu encontro outra, não menos preponderante, no caráter das comunicações que foram obtidas desde que me ocupo de Espiritismo. Posso dizer que jamais escapou uma só dessas palavras, um único desses sinais pelos quais sempre se traem os Espíritos inferiores, mesmo os mais astuciosos. Jamais dominação; jamais conselhos equívocos ou contrários à caridade e à benevolência; jamais prescrições ridículas; longe disso, neles encontrei somente pensamentos generosos, nobres, sublimes, isentos de pequenez e de mesquinaria. Numa palavra: suas relações comigo, nas menores como nas maiores coisas, sempre foram de tal modo que, se tivesse sido um homem a me falar, eu o teria considerado o melhor, o mais sábio, o mais prudente, o mais moralizado e o mais esclarecido. Eis

aí, senhores, os motivos de minha confiança, corroborada pela identidade do ensino dado a uma porção de outras pessoas, antes e depois da publicação de minhas obras...

(...) Pode-se diferir de opinião sobre pontos da ciência sem se morder nem atirar pedras, o que seria pouco digno e pouco científico. Procurai, pois, do vosso lado, como pesquisamos do nosso. O futuro dará razão a quem de direito. ***Se nos enganarmos, o tolo amor-próprio não nos tornará obstinados por ideias falsas.*** Há, porém, princípios sobre os quais temos certeza de não estar enganados: é o amor do bem, a abnegação, a abjuração de todo sentimento de inveja e de ciúme. Esses são os nossos princípios; com eles podemos sempre simpatizar sem nos comprometermos; é o laço que deve unir todos os homens de bem, seja qual for a divergência de suas opiniões. Somente o egoísmo interpõe uma barreira intransponível.

(...) Aconteça o que acontecer, minha vida está consagrada à obra que empreendemos e sentir-me-ei feliz se meus esforços puderem ajudar a fazê-la entrar no caminho sério que é a sua essência, o único que lhe pode assegurar o futuro. ***A finalidade do Espiritismo é tornar melhores os que o compreendem.*** Esforcemo-nos por dar o exemplo e mostremos que, para nós, a doutrina não é uma letra morta. Numa palavra, ***sejamos dignos dos Espíritos bons, se quisermos que eles nos assistam.*** O bem é uma couraça contra a qual virão sempre se quebrar as armas da malevolência.

Revista Espírita, março de 1865 - 'Onde é o céu?':

As ideias do homem estão na razão do que ele sabe; como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deveria imprimir-lhes outro curso; sob a influência desses conhecimentos novos, as crenças se modificaram; ***o céu foi deslocado***; a região das estrelas sem limites não mais lhe pode servir. ***Onde ele está?*** Diante desta questão emudecem todas as religiões.

O Espiritismo vem resolvê-las demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando-se por base a natureza deste último e os atributos divinos, chega-se a uma conclusão.

O homem compõe-se de corpo e Espírito; o Espírito é o ser principal, o ser racional, o ser inteligente; o corpo é o invólucro material que reveste temporariamente o Espírito para o cumprimento da sua missão na Terra e a execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O corpo usado se destrói e o Espírito sobrevive à sua destruição. Sem o Espírito, o corpo é apenas matéria inerte, qual instrumento privado da mola que o faz agir; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida, a inteligência. Em deixando o corpo, torna ao mundo espiritual, de onde havia saído para reencarnar.

Existem, portanto, o *mundo corporal*, composto de Espíritos encarnados, e o *mundo espiritual*, formado de Espíritos desencarnados.

(...) Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidão para tudo conhecerem e para progredirem, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, conseguintemente, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles veem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, sentir, ouvir ou compreender. A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual, em lugar distinto. Ainda que juntos, pode um estar em trevas, enquanto tudo resplandece para o outro, tal como um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão. Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às suas qualidades, haurem-na eles em toda parte em que se encontram, seja à superfície da Terra, no meio dos encarnados, ou no Espaço.

***Revista Espírita*, fevereiro de 1865⁸⁷ - ‘Temor da morte’:**

A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de encarar o

⁸⁷ No original, consta equivocadamente o ano de 1863 e aqui esta indicação foi editada para uma correta referência ao texto reproduzido. — N. T.

porvir. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, mas resultado da observação. O véu está levantado; o mundo invisível nos aparece em toda a sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever sua situação. Nós aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça; assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Aí está para os espíritas a razão da calma com que encaram a morte, da serenidade de seus últimos instantes na Terra. O que os sustenta não é só a esperança, é a certeza; sabem que a vida futura é apenas a continuação da vida presente em melhores condições, e a esperam com a mesma confiança com que aguardam o nascer do sol, após uma noite de tempestade. Os motivos desta confiança estão nos fatos de que são testemunhas, e no acordo desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, e as aspirações íntimas do homem.

Revista Espírita, fevereiro de 1865 - 'Perpetuidade do Espiritismo':

O Espiritismo não se apartará da verdade e nada terá a temer das opiniões contraditórias, enquanto sua teoria científica e sua doutrina moral forem uma dedução dos fatos escrupulosa e conscienciosamente observados, sem preconceitos nem sistemas preconcebidos. É diante de uma observação mais completa, que todas as teorias prematuras e arriscadas, surgidas na origem dos fenômenos espíritas modernos, caíram e vieram fundir-se na imponente unidade que hoje existe, e contra a qual não se obstinam senão raras individualidades, que diminuem dia a dia. As lacunas que a teoria atual pode ainda conter irão se encher da mesma maneira. ***O Espiritismo está longe de haver dito a última palavra, quanto às suas conseqüências, mas é inquebrantável em sua base, porque esta base está assentada nos fatos.***

Portanto, que os espíritas nada receiem: o futuro lhes pertence;

que deixem os adversários se debaterem sob a opressão da verdade, que os ofusca, porque toda denegação é impotente contra a evidência que, inegavelmente, triunfa pela própria força das coisas. É uma questão de tempo, e neste século o tempo marcha a passos de gigante, sob o impulso do progresso.

***Revista Espírita*, julho de 1868 - 'O partido espírita':**

Por sua natureza e por seus princípios, o Espiritismo é essencialmente pacífico; é uma ideia que se infiltra sem ruído, e se encontra numerosos aderentes, é que ele agrada; jamais fez propaganda nem exhibições quaisquer; forte pelas leis naturais, nas quais se apoia, vendo-se crescer sem esforços nem abalos, não vai ao encontro de ninguém, não violenta nenhuma consciência; diz o que é e espera que a ele venham. Todo o ruído que se fez a sua volta é obra de seus adversários; atacaram-no, ele teve que se defender, mas sempre o fez com calma, moderação e só pelo raciocínio; jamais se afastou da dignidade que é própria de toda causa que tem consciência de sua força moral; jamais usou de represálias, pagando injúria por injúria, maus procedimentos por maus procedimentos. Não de convir que não é este o caráter ordinário dos partidos, turbulentos por natureza, fomentando a agitação e a quem tudo é bom para chegar aos fins. Mas, já que lhe dão este nome — de partido —, ele o aceita, certo de que não o desonrará por qualquer excesso, pois repudiaria quem quer que dele se prevalecesse para suscitar a menor perturbação.

O Espiritismo seguia sua rota sem provocar qualquer manifestação pública, tudo aproveitando da publicidade que os seus adversários faziam; quanto mais a sua crítica era zombeteira, acerba e virulenta, tanto mais excitava a curiosidade dos que não o conheciam e que, para saberem como proceder diante dessa assim chamada nova excentricidade, iam simplesmente informar-se na fonte, isto é, nas obras especiais; estudavam-no e encontravam outra coisa do que tinham ouvido dizer. É um fato notório que as declamações furibundas, os anátemas e as perseguições ajudaram poderosamente a sua propagação, porque, em vez de lhe desviar a

atenção, provocaram o seu exame, ainda que fosse pela atração do fruto proibido. As massas têm sua lógica; elas se dizem que se uma coisa nada fosse, dela não falaria, e medem a sua importância precisamente pela violência dos ataques de que é objeto e pelo pavor que causa aos seus antagonistas.

***Revista Espírita*, abril de 1866 - ‘O Espiritismo independente’:**

Inscrevendo no frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo, nós abrimos o caminho do ***Espiritismo cristão***; temos, pois, motivos para desenvolver os seus princípios, bem como as características do verdadeiro espírita sob esse ponto de vista.

Que outros possam fazer melhor que nós; não iremos contra, porque jamais dissemos: “Fora de nós não há verdade.” Nossas instruções, pois, são para os que as acham boas; são aceitas livremente e sem constrangimento; traçamos uma rota e a segue quem quer; damos conselhos aos que no-los pedem, e não aos que julgam deles não precisar; não damos ordens a ninguém, pois não temos qualidades para tanto.

Quanto à supremacia, ela é toda moral e na adesão dos que partilham nossa maneira de ver; não estamos investidos, mesmo por aqueles, de nenhum poder oficial; não solicitamos nem reivindicamos nenhum privilégio; não nos conferimos nenhum título, e o único que tomaríamos com os partidários de nossas ideias é o de irmão em crença. Se nos consideram como seu chefe, é devido à posição que nos dão nossos trabalhos, e não em virtude de uma decisão qualquer. Nossa posição é a que qualquer um de nós poderia tomar antes de nós; nosso direito, o que tem todo mundo de trabalhar como entende e de correr o risco do julgamento do público.

***Revista Espírita*, outubro de 1866 – ‘Os tempos são chegados’:**

Ele não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas, com o Cristo: ***Fora da caridade não há salvação***, princípio de união, de tolerância, que congregará os homens num sentimento comum de fraternidade, em vez de os dividir em seitas inimigas. Por este outro

princípio: *Não há fé inabalável exceto aquela que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade*, destrói o império da fé cega, que aniquila a razão, da obediência passiva, que embrutece; emancipa a inteligência do homem e levanta o seu moral.

Revista Espírita, dezembro de 1868 - ‘Constituição transitória do Espiritismo’:

Acrescentemos que a tolerância — consequência da caridade, que é a base da moral espírita — lhe impõe um dever respeitar todas as crenças. Querendo ser aceita livremente, por convicção e não por constrangimento, proclamando a liberdade de consciência um direito natural imprescritível, diz: *Se tenho razão, os outros acabarão por pensar como eu; se estou em erro, acabarei por pensar como os outros*. Em virtude destes princípios, não atirando pedras a ninguém, ela nenhum pretexto dará para represálias e deixará aos dissidentes toda a responsabilidade de suas palavras e de seus atos.

Os amigos inconvenientes

Revista Espírita, março de 1863 - ‘Falsos irmãos e amigos inábeis’:

Todavia, se nada pode deter a marcha geral — do Espiritismo — há circunstâncias que podem provocar entraves parciais, como uma pequena barragem pode retardar o curso de um rio, sem o impedir de correr. Deste número são as atitudes irrefletidas de certos adeptos, mais zelosos que prudentes, que não calculam bem o alcance de seus atos ou de suas palavras, produzindo, por isso mesmo, uma impressão desfavorável sobre as pessoas ainda não iniciadas na doutrina, mais própria a afastá-las que as críticas dos adversários. Sem dúvida o Espiritismo está muito espalhado; contudo, estaria ainda mais se todos os adeptos tivessem seguido os

conselhos da prudência e guardado uma prudente reserva. Sem dúvida é preciso levar em conta sua intenção, mas é certo que mais de um tem justificado o provérbio: ***Mais vale um inimigo confesso que um amigo inconveniente.*** O pior disto é fornecer armas aos adversários, que sabem explorar habilmente uma inconveniência. Nunca seria demais recomendar aos espíritas que refletissem maduramente antes de agir; em tais casos manda a prudência não confiar em sua opinião pessoal. Hoje, que de todos os lados se formam grupos ou sociedades, nada mais simples que se pôr de acordo antes de agir. Não tendo em vista senão o bem da causa, o verdadeiro espírita sabe fazer abnegação do orgulho; crer em sua própria infalibilidade, recusar o conselho da maioria e persistir num caminho que se demonstra mau e comprometedor, não é a atitude de um verdadeiro espírita; seria dar prova de orgulho, se isso não for o fato de uma obsessão.

Allan Kardec não cessa de nos colocar em guarda contra as comunicações de certas categorias de Espíritos e nos admoesta a cada instante de sempre passar todos os ditados deles ao crivo da consciência e da razão:

(...) Esses pseudossábios falam de tudo, constroem sistemas, criam utopias ou ditam as coisas mais excêntricas, sentindo-se felizes quando encontram intérpretes complacentes e crédulos que lhes aceitam as elucubrações de olhos fechados. Esse tipo de publicação tem grave inconveniente, pois o médium, iludido e muitas vezes seduzido por um nome apócrifo, tem-na como coisa séria, de que se apodera a crítica prontamente para denegrir o Espiritismo, ao passo que, com menos presunção, bastaria que se tivesse aconselhado com os colegas para ser esclarecido. É muito raro, neste caso, que o médium não ceda às injunções de um Espírito que, ainda como certos homens, quer ser publicado a qualquer preço. Com mais experiência ele saberia que ***os Espíritos verdadeiramente superiores aconselham, mas não impõem nem adulam jamais,*** e que toda prescrição imperiosa é um sinal suspeito.

(...) Em matéria de publicidade, portanto, toda precaução é pouca e não se calcularia com bastante cuidado o efeito que talvez produzisse sobre o leitor. Em resumo, é um grave erro crer-se obrigado a publicar tudo quanto ditam os Espíritos, porque, se os há bons e esclarecidos, também os há maus e ignorantes. Importa fazer uma escolha muito rigorosa de suas comunicações e suprimir tudo quanto for inútil, insignificante, falso ou susceptível de produzir má impressão. *É preciso semear, sem dúvidas, mas semear a boa semente e em tempo oportuno.*

Revista Espírita, maio de 1863 - ‘Exame das comunicações mediúnicas que nos são enviadas’:

É nessas modalidades de trabalhos mediúnicos que temos notado mais sinais de obsessão, dos quais um dos mais frequentes é a injunção por parte do Espírito de os mandar imprimir, e alguns pensam erradamente que tal recomendação é suficiente para encontrar um editor ansioso para se encarregar de empreendê-lo.

Em todos os trabalhos medianímicos, convém de antemão afastar tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne; depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas ideias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal, mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente o homem é propenso a imaginar que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode se enganar; o importante é enganar-se o menos possível. Há Espíritos que se comprazem em fomentar essa ilusão em certos médiuns; por isso nunca seria demais recomendar a estes últimos que não confiassem em seu próprio julgamento. É nisto que os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que eles permitem colher. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais iluminado que todos, provaria sobejamente a má influência sob a qual se acha.

Revista Espírita, novembro de 1864 - ‘O Espiritismo é uma

ciência positiva’:

É um fato comprovado que o Espiritismo é mais entravado por aqueles que o compreendem mal do que pelos que não o compreendem por completo, e até mesmo que os seus inimigos declarados. E é de notar que os que o compreendem mal geralmente têm a pretensão de o compreender melhor que os outros; e não é raro ver neófitos que, ao cabo de alguns meses, pretendem dar lições àqueles que adquiriram experiência em estudos sérios. Tal pretensão, que denuncia o orgulho, é uma prova evidente da ignorância dos verdadeiros princípios da doutrina.

* * *

A um amador, demasiado crédulo, e que se julgando enganado por um médium pago, pediu a Allan Kardec que o processasse via justiça dos homens, enquanto esperava que fosse castigado pela de justiça Deus; o Mestre respondeu:

Revista Espírita, março de 1865 - ‘O processo Hillaire’:

Lamento que tenhais podido pensar que eu servisse — fosse no que fosse — aos vossos desejos vindicativos, tomando providências para entregar os culpados à justiça. Seria vos enganar singularmente quanto ao meu papel, ao meu caráter e à minha compreensão dos verdadeiros interesses do Espiritismo. Se, como dizeis, sois realmente meu irmão em Deus, crede-me, implorai sua clemência e não a sua cólera, porque aquele que chama a cólera sobre outrem corre o risco a fazê-la cair sobre si mesmo.

Revista Espírita, dezembro de 1869 - ‘Os desertores’:

Postos em moda pelo atrativo da curiosidade, constituindo um engodo, os fenômenos tentaram a cupidez dos que andam à cata do que surge como novidade, na esperança de encontrar aí uma porta aberta. As manifestações pareceram uma coisa maravilhosamente explorável e não faltou quem pensasse em fazer delas um auxiliar de

seus negócios; para outros, eram uma variante da arte da adivinhação, um processo, talvez mais seguro do que a cartomancia, a quiromancia, a borra de café etc., para se conhecer o futuro e descobrir coisas ocultas, uma vez que, segundo a opinião então corrente, os Espíritos deviam saber tudo.

Desde que essas pessoas viram que a especulação escapava de suas mãos e dava em mistificação, que os Espíritos não vinham ajudá-las a enriquecer, nem lhes indicar números que seriam premiados nas loterias, ou revelar-lhes a boa sorte, ou levá-las a descobrir tesouros, ou a receber heranças, nem ainda facultar-lhes uma invenção frutuosa de que tirassem patente, suprir-lhes em suma a ignorância e dispensá-las do trabalho intelectual e material, os Espíritos para nada serviam e suas manifestações não passavam de ilusões. Tanto essas pessoas deferiram louvores ao Espiritismo, durante todo o tempo em que esperaram auferir dele algum proveito, quanto o denegriram desde que chegou a decepção. Mais de um dos críticos que o vituperam tê-lo-iam elevado às nuvens, se ele houvesse feito que descobrissem um tio rico na América, ou que ganhassem na Bolsa.

Revista Espírita, março de 1866 - ‘O Espiritismo e a magistratura’:

Primeiramente diremos que o Espiritismo não pode ser responsável por indivíduos que indevidamente se fazem passar por médiuns, assim como a verdadeira ciência não é responsável pelos escamoteadores que se dizem físicos. Um charlatão pode, pois, dizer que opera com o auxílio dos Espíritos, como um prestidigitador diz que opera com a ajuda da física. É um meio como qualquer outro de jogar poeira nos olhos; tanto pior para os que se deixam enganar. Em segundo lugar, condenando o Espiritismo a exploração da mediunidade, como contrária aos princípios da doutrina, do ponto de vista moral e, além disso, demonstrando que ela não deve, nem pode, ser um ofício ou uma profissão, todo médium que não tira de sua faculdade qualquer ***proveito direto ou indireto, ostensivo ou dissimulado***, afasta, por isso mesmo, até a suspeita de fraude ou de

charlatanismo; desde que não é atraído por nenhum interesse material, a trapaça não teria sentido. O médium que compreende o que há de grave e santo num dom dessa natureza julgaria profaná-lo fazendo-o servir a coisas mundanas, para si e para os outros, ou se dele fizesse um objeto de divertimento e de curiosidade. Respeita os Espíritos como gostaria que o respeitassem, quando for Espírito, e deles não faz alarde. Ademais, sabe que a mediunidade não pode ser um meio de adivinhação; que não pode fazer descobrir tesouros, heranças, nem facilitar êxito nas coisas aleatórias; jamais será um ledor de destino, nem por dinheiro, nem por nada; daí por que jamais terá altercações com a justiça. Quanto à mediunidade curadora, ela existe, é certo; mas está subordinada a condições restritivas, que excluem a possibilidade de consultório aberto, sem suspeitas de charlatanismo. É uma obra de devotamento e de sacrifício, e não de especulação. Exercida com desinteresse, prudência e discernimento, e encerrada nos limites traçados pela doutrina, não pode cair sob os golpes da lei. Ademais, sabe que a mediunidade não pode ser um meio de adivinhação; que não pode fazer descobrir tesouros, heranças, nem facilitar êxito nas coisas aleatórias; jamais será um ledor de destino, nem por dinheiro, nem por nada; daí por que jamais terá altercações com a justiça. Quanto à mediunidade curadora, ela existe, é certo; mas está subordinada a condições restritivas, que excluem a possibilidade de consultório aberto, sem suspeitas de charlatanismo. É uma obra de devotamento e de sacrifício, e não de especulação. Exercida com desinteresse, prudência e discernimento, e encerrada nos limites traçados pela doutrina, não pode cair sob os golpes da lei.

Em resumo o médium, segundo os desígnios da Providência e a visão do Espiritismo, seja artífice ou príncipe, pois os há nos palácios e nas choupanas, recebeu um mandato que cumpre religiosamente e com dignidade; vê em sua faculdade apenas um meio para glorificar a Deus e servir ao próximo, e não um instrumento para servir aos seus interesses ou satisfazer a sua vaidade; faz-se estimar e respeitar por sua simplicidade, modéstia e abnegação, o que não sucede com os que dele buscam fazer um trampolim.

Revista Espírita, outubro de 1867 - ‘Os médicos médiuns’:

O desinteresse material — que é um dos atributos essenciais da mediunidade curador — será, também, uma das condições da medicina mediúnica? Como, então, conciliar as exigências da profissão com uma abnegação absoluta?

Isto requer umas explicações, pois a posição não é a mesma.

A faculdade do médium curador nada lhe custou; não lhe exigiu estudo, nem trabalho, nem despesas; recebeu-a gratuitamente, para o bem dos outros e deve usá-la gratuitamente. Como antes de tudo é preciso viver, se o médium não tiver, por si mesmo, recursos que o tornem independente, deve achar os meios no seu trabalho comum, como o teria feito antes de conhecer a mediunidade; ***só deve dar ao exercício de sua faculdade o tempo que lhe pode consagrar materialmente***. Se tira esse tempo de seu repouso, e se o emprega em tornar-se útil aos seus semelhantes o que teria consagrado a distrações mundanas, pratica o verdadeiro devotamento, e nisto só tem mais mérito. Os Espíritos não pedem mais e não exigem nenhum sacrifício insensato. Não se poderia considerar devotamento e abnegação o abandono de seu trabalho para entregar-se a uma condição menos penosa e mais lucrativa. Na proteção que concedem, os Espíritos, aos quais não nos podemos impor, sabem perfeitamente distinguir os devotamentos reais dos devotamentos factícios.

Fraudes espíritas

Revista Espírita, abril de 1859 - ‘Fraudes espíritas’:

Do fato de haver charlatães que preconizam remédios nas praças públicas, mesmo de haver médicos que, sem irem à praça pública, iludem a confiança de seus clientes, ocorrerá que todos os médicos são charlatães e que a classe médica haja perdido a consideração que merece? De haver indivíduos que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os negociantes de vinho são falsificadores e que não há vinho puro? De tudo se abusa, mesmo das

coisas mais respeitáveis e bem se pode dizer que também a fraude tem o seu gênio. Mas, a fraude sempre visa a um fim, a um interesse material qualquer; onde nada há a ganhar, nenhum interesse há em enganar. Por isso foi que dissemos, em nosso número anterior, a propósito dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto.

***Revista Espírita*, fevereiro de 1869 - ‘O poder do ridículo’:**

Estigmatizando a exploração, como temos feito, temos certeza de haver preservado a doutrina de um verdadeiro perigo, perigo maior que a má vontade de seus antagonistas confessos, porque caminhava para o seu descrédito; por isto mesmo, ela lhes teria apresentado um lado vulnerável, ao passo que eles se detiveram ante a pureza de seus princípios. Não ignoramos que contra nós suscitamos a animosidade dos exploradores e que nos afastamos de seus partidários. Mas, que importa? Nosso dever é resguardar os interesses da Doutrina, e não os deles, e esse dever nós cumprimos com perseverança e firmeza até o fim.

***Revista Espírita*, março de 1864 - ‘Variedades: uma tentação’:**

Mas não é só contra a cupidez que os médiuns devem resguardar-se. Como os há em todas as camadas da sociedade, a maioria está acima desta tentação; mas há um perigo muito maior, pois a ele todos estão expostos: o orgulho, que põe a perder tão grande número. É contra esse escolho que as mais belas faculdades muitas vezes vêm aniquilar-se. ***O desinteresse material não tem proveito se não for acompanhado pelo mais completo desinteresse moral. Humildade, devotamento, desinteresse e abnegação são as qualidades do médium amado pelos bons Espíritos.***

***Revista Espírita*, janeiro de 1867 - ‘Olhar retrospectivo sobre o Movimento Espírita’:**

É preciso imaginar que estamos em guerra e que os inimigos estão à nossa porta, prontos para aproveitar a ocasião favorável e que arrebanharão inteligências no próprio lugar.

Que fazer nesta ocorrência? Uma coisa muito simples: fechar-se nos estritos limites dos preceitos da doutrina; ***esforçar-se em mostrar o que ela é por seu próprio exemplo*** e declinar toda solidariedade com o que pudesse ser feito em seu nome e que fosse capaz de desacreditá-la, porque não seria este o caso de adeptos sérios e convictos. ***Não basta dizer-se espírita; aquele que o é de coração o prova por seus atos.*** Não pregando a doutrina senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência para com todos; repudiando toda violência feita à consciência de outrem, todo charlatanismo, todo pensamento interessado no que concerne às relações com os Espíritos e todas as coisas contrárias à moral evangélica, aquele que não se afasta da linha traçada não pode incorrer em censuras fundadas, nem em perseguições legais; mais ainda: quem quer que tome a doutrina como regra de conduta, não pode senão granjear estima e consideração das pessoas imparciais. Diante do bem a própria incredulidade zombeteira se inclina e a calúnia não pode sujar o que está sem mancha. É nessas condições que o Espiritismo atravessará as tempestades que serão amontoadas em sua estrada e que sairá triunfante de todas as lutas.

Revista Espírita, janeiro de 1864 - ‘Situação do Espiritismo em 1863’:

A situação do Espiritismo em 1863 pode ser assim resumida: ataques violentos; multiplicação de escritos a favor e contra; movimento nas ideias; notável extensão da doutrina, mas sem sinais exteriores capazes de produzir uma sensação geral; as raízes se estendem, crescem os rebentos, esperando que a árvore desenvolva os seus ramos. O momento de sua maturidade ainda não chegou.

(...) A moderação dos espíritas é o que surpreende e mais contraria os adversários; tudo farão para os tirar de lá, até mesmo a provocação; mas eles saberão frustrar essas manobras por sua

prudência, como já o fizeram em mais de uma ocasião, e não cair nas armadilhas que lhes estenderão; aliás, verão os instigadores se emaranharem em seus próprios fios, pois é impossível que, mais cedo ou mais tarde, não se deixem descobrir. Será um momento mais difícil a passar que o da guerra aberta, onde se vê o inimigo face a face; porém, quanto mais rude a prova, tanto maior será o triunfo.

De resto, essa campanha tem tido imenso resultado: o de provar a impotência das armas dirigidas contra o Espiritismo; os homens mais capazes do partido contrário entraram na luta; todos os recursos da argumentação foram empregados e, não tendo sofrido o Espiritismo, cada um ficou convencido de que não se lhe podia opor nenhuma razão peremptória; a maior prova da falta de boas razões foi terem recorrido ao triste e ignóbil expediente da calúnia. Contudo, por mais que quisessem fazer o Espiritismo dizer o contrário do que diz, a doutrina aí está, escrita em termos tão claros que desafiam toda falsa interpretação, *razão por que o odioso da calúnia recai sobre os que a empregam e os convence de sua impotência.*

Revista Espírita, julho de 1864 - ‘Reclamação do Abade Barricand’:

A oposição feita a uma ideia está sempre na razão de sua importância; se o Espiritismo fosse uma utopia, dele não se teriam ocupado, como de tantas outras teorias. A obstinação da luta é indício certo de que o levam a sério. Mas se há luta entre o Espiritismo e o clero, a História dirá quais foram os agressores. Os ataques e as calúnias de que foi objeto o forçaram a devolver as armas que lhe atiravam e a mostrar o lado vulnerável de seus adversários. Perseguindo-o, detiveram sua marcha? Não, certamente. Se o tivessem deixado em paz, nem o nome do clero teria sido pronunciado e talvez este tivesse vencido. Atacando-o em nome dos dogmas da Igreja, forçaram-no a discutir o valor das objeções e, por isto mesmo, a entrar num terreno que ele não tinha intenção de enveredar. A missão do Espiritismo é combater a incredulidade pela

evidência dos fatos, reconduzir a Deus os que o desconheciam, provar o futuro aos que criam no nada. Então, por que hoje a Igreja lança mais anátemas sobre aqueles aos quais dá fé, do que quando em nada criam? Repelindo os que creem em Deus e na alma pelo Espiritismo, é constrangê-los a buscar refúgio fora da Igreja. Quem primeiro proclamou que o Espiritismo era uma religião nova, com seu culto e seus sacerdotes, senão o clero? Onde se viu, até agora, o culto e os sacerdotes do Espiritismo? ***Se algum dia ele se tornar uma religião, é o clero que o terá provocado.***

* * *

O auto-de-fé de Barcelona não tendo satisfeito o ódio do clero contra o Espiritismo e os Espíritas, a Congregação de Roma colocou no Index⁸⁸ ***O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns e a Imitação do Evangelho segundo O Espiritismo.*** Longe de se entristecer com esta nova prova de intolerância clerical, Allan Kardec se regozija.

Revista Espírita, julho de 1864 - 'Extrato da Revista Espírita de Antuérpia':

“Seja como for, os livros espíritas foram postos no *Index*. Tanto melhor, porque muitos dos que ainda não os leram irão devorá-los. Tanto melhor! porque de dez pessoas que os percorrem pelo menos sete se convencerão ou ficarão fortemente abaladas e desejosas de estudar os fenômenos espíritas; tanto melhor! porque os nossos próprios adversários, vendo seus esforços redundar em resultados diametralmente opostos aos que esperavam, irão se ligar a nós, se forem sinceros, desinteressados e possuírem as luzes que seu ministério comporta. Aliás, assim o quer a lei de Deus: nada no mundo pode ficar eternamente estacionário, pois tudo progride e a

⁸⁸ Menção *Index Librorum Prohibitorum*, obra publicada pela Igreja Católica contendo uma lista de livros considerados uma heresia e, portanto, proibidos. — N. T.

ideia religiosa deve seguir o progresso geral, se ela não quiser desaparecer.”

Revista Espírita, junho de 1865 - ‘Nova tática dos adversários do Espiritismo’:

Jamais uma doutrina filosófica dos tempos modernos causou tanta emoção quanto o Espiritismo e nenhuma foi atacada com tamanha obstinação. É prova evidente de que lhe reconhecem mais vitalidade e raízes mais profundas que nas outras, já que não se toma de uma picareta para arrancar um pé de erva. Longe de se apavorarem, os espíritas devem regozijar-se com isto, pois prova a importância e a verdade da doutrina. Se esta não passasse de uma ideia efêmera e sem consistência, de uma mosca que voa, não a atacariam com tanta violência; se fosse falsa, haveriam de combatê-la com argumentos sólidos, que já teriam triunfado sobre ela. Mas, desde que nenhum dos que lhe opõem foi capaz de detê-la, é que ninguém encontrou o seu calcanhar de Aquiles. Contudo, não é nem talento nem boa vontade que *faltaram* aos seus antagonistas.

(...)⁸⁹ O Espiritismo marcha em meio a adversários numerosos que, não o tendo podido tomar à força, tentam tomá-lo pela astúcia; insinuam-se por toda parte, sob todas as máscaras e até nas reuniões íntimas, na esperança de aí surpreender um fato ou uma palavra que muitas vezes terão provocado, e que esperam explorar em seu proveito. Comprometer o Espiritismo e torná-lo ridículo, tal é a tática, com o auxílio da qual esperam desacreditá-lo a princípio, para mais tarde terem um pretexto para mandar interditar, se possível, o seu exercício público. É a armadilha contra a qual devemos nos precaver, porque é estendida de todos os lados, e na qual, sem o querer, são apanhados os que se deixam levar pelas sugestões dos Espíritos enganadores e mistificadores.

⁸⁹ Este parágrafo no original está equivocadamente indicado como um trecho de uma das edições do ano 1864, sendo que é um recorte reproduzido da edição de junho de 1865, com consta nesta tradução. — N. T.

Revista Espírita, dezembro de 1869 - ‘Os desertores’:

Trabalhamos para compreender, para enriquecer a nossa inteligência e o nosso coração; lutamos com os outros, mas lutamos com caridade e abnegação. O amor do próximo inscrito em nosso estandarte é a nossa divisa; a pesquisa da verdade, venha donde vier, o nosso único objetivo! Com tais sentimentos, enfrentamos a zombaria dos nossos adversários e as tentativas dos nossos competidores. Se nos enganarmos, não teremos o tolo amor-próprio que nos leve a obstinar-nos em ideias falsas; há, porém, princípios acerca dos quais podemos todos estar seguros de não nos enganarmos nunca: o amor do bem, a abnegação, a proscricção de todo sentimento de inveja e de ciúme. Estes princípios são os nossos; vemos neles os laços que prenderão todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de suas opiniões. Somente o egoísmo e a má-fé erguem entre eles barreiras intransponíveis.

Mas, qual será a consequência de semelhante estado de coisas? Indubitavelmente, o proceder dos falsos irmãos poderá de momento acarretar algumas perturbações parciais, pelo que todos os esforços devem ser empregados para levá-las, ao malogro, tanto quanto possível; essas perturbações, porém, pouco tempo necessariamente durarão e não poderão ser prejudiciais ao futuro: primeiro, porque são simples manobras de oposição, fadadas a cair pela força mesma das coisas; depois, digam o que disserem, ou façam o que fizerem, ninguém seria capaz de privar a doutrina do seu caráter distintivo, da sua filosofia racional e lógica, da sua moral consoladora e regeneradora. Hoje, estão lançadas de forma inabalável as bases do Espiritismo; os livros escritos sem equívoco e postos ao alcance de todas as inteligências serão sempre a expressão clara e exata do ensino dos Espíritos e o transmitirão intacto aos que virão depois de nós.

Insta não perder de vista que estamos num momento de transição e que nenhuma transição se opera sem conflito. Ninguém, pois, deve espantar-se de que certas paixões se agitem, por efeito de ambições malogradas, de interesses feridos, de pretensões frustradas. Pouco a pouco, porém, tudo se extingue, a febre se

abranda, os homens passam e as novas ideias permanecem. ***Espíritas, se quereis ser invencíveis, sede benévolos e caridosos; o bem é uma couraça contra a qual sempre se quebrarão as manobras da malevolência.***

Revista Espírita, setembro de 1865 - ‘Mediunidade curadora’:

Enquanto esperamos, façamos o maior bem possível com o auxílio do Espiritismo; façamo-lo mesmo aos nossos inimigos, ainda que tivéssemos de ser pagos com ingratidão, pois é o melhor meio de vencer certas resistências e de provar que o Espiritismo não é assim tão negro como alguns o pretendem.

Revista Espírita, novembro de 18 - ‘O Espiritismo é uma ciência positiva’:

O Espiritismo, repito, ao demonstrar, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das ideias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, amplia o domínio da Ciência e, por isto mesmo, abre nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na Terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, já que esta solidariedade se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de por ele ser morta e, muito naturalmente, o homem imbuído destas ideias a elas conformará suas leis e suas instituições sociais.

Revista Espírita, janeiro de 1864 - ‘Inauguração de vários grupos e sociedades espíritas’:

A caridade e a fraternidade se reconhecem por suas obras, e não por palavras; é uma medida de apreciação que não enganará

senão os que se cegam quanto ao seu próprio mérito, mas não a terceiros desinteressados; é a pedra de toque, pela qual se reconhece a sinceridade de sentimentos. E em Espiritismo, quando se fala de caridade, sabe-se que não se trata apenas daquela que dá, mas, também e sobretudo, da que esquece e perdoa, que é benevolente e indulgente, que repudia todo sentimento de ciúme e de rancor. Toda reunião espírita que não se fundasse sobre o princípio da verdadeira caridade, seria mais prejudicial que útil à causa, porque tenderá a dividir, em vez de unir; aliás, traria em si mesma o seu elemento destruidor. Assim, nossas simpatias pessoais serão sempre conquistadas por todas que provarem, por seus atos, o Espírito bom que as anima, porque os Espíritos bons não podem inspirar senão o bem.

Revista Espírita, setembro de 1867 - 'Caráter da Revelação Espírita':

Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. ***As descobertas que a ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que formaram de Deus.***

O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que tenham assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu

fim providencial. *Caminhando lado a lado com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.*

Revista Espírita, setembro de 1869 - 'Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo':

O Espiritismo não é solidário com aqueles a quem apraza se dizerem espíritas, do mesmo modo que a medicina não o é com os charlatões que a exploram, nem a sã religião com os abusos e até crimes que se cometam em seu nome. Ele não reconhece como seus adeptos senão os que lhe praticam os ensinamentos, isto é, que trabalham por melhorar-se moralmente, esforçando-se por vencer os maus pendores, por ser menos egoístas e menos orgulhosos, mais brandos, mais humildes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em tudo, porque é essa a característica do verdadeiro espírita.

(...) O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual prende-se de modo direto à questão do passado e do futuro do homem. Cinge-se a sua vida à existência atual? Ao entrar neste mundo, vem ele do nada e volta para o nada ao deixá-lo? Já viveu e ainda viverá? Como viverá e em que condições? Numa palavra: donde vem ele e para onde vai? Por que está na Terra e por que sofre aí? Tais as questões que cada um faz a si mesmo, porque são para toda gente de capital interesse e às quais ainda nenhuma doutrina deu solução racional. A que lhe dá o Espiritismo, baseada em fatos, por satisfazer às exigências da lógica e da mais rigorosa justiça, constitui uma das causas principais da rapidez de sua propagação.

O Espiritismo não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É a resultante de milhares de observações feitas sobre todos os pontos do globo e que convergiram para um centro que os coligiu e coordenou. Todos os seus princípios constitutivos, sem exceção de nenhum, são deduzidos da experiência. Esta precedeu sempre a teoria.

Assim, desde o começo, o Espiritismo lançou raízes por toda parte. A História nenhum exemplo oferece de uma doutrina filosófica ou religiosa que, em dez anos, tenha conquistado tão grande número de adeptos. Entretanto, não empregou, para se fazer conhecido, nenhum dos meios vulgarmente em uso; propagou-se por si mesmo, pelas simpatias que inspirou.

(...) Verifica-se também que a disseminação do Espiritismo seguiu, desde os seus primórdios, marcha sempre ascendente, a despeito de tudo quanto fizeram seus adversários para entravá-la e para lhe desfigurar o caráter, com o fito de desacreditá-lo na opinião pública. É mesmo de notar-se que tudo o que hão tentado com esse propósito lhe favoreceu a difusão; o arruído que provocaram por ocasião do seu advento fez que viessem a conhecê-lo muitas pessoas que antes nunca ouviram falar dele; quanto mais procuraram denegri-lo ou ridicularizá-lo, tanto mais despertaram a curiosidade geral e, como todo exame só lhe pode ser proveitoso, o resultado foi que seus opositores se constituíram, sem o quererem, ardorosos propagandistas seus. Se as diatribes não lhe acarretaram nenhum prejuízo, é que os que o estudaram em suas legítimas fontes o reconheceram muito diverso do que o tinham apresentado.

Nas lutas que precisou sustentar, os imparciais lhe testificaram a moderação; ele nunca usou de represálias com os seus adversários, nem respondeu com injúrias às injúrias.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre os seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote. Estes qualificativos são de pura invenção da crítica.

É-se espírita pelo só fato de simpatizar com os princípios da doutrina e por conformar com esses princípios a sua conduta. Trata-se de uma opinião como qualquer outra, que todos têm o direito de professar, como têm o de ser judeus, católicos, protestantes, simonistas, voltairiano, cartesiano, deísta e, até

materialista.

O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; reclama-a para os seus adeptos, do mesmo modo que para toda a gente. Ele respeita todas as convicções sinceras e faz questão da reciprocidade.

Da liberdade de consciência decorre o direito de livre exame em matéria de fé. ***O Espiritismo combate o princípio da fé cega***, porque ela impõe ao homem que abdique da sua própria razão; considera sem raiz toda fé imposta, donde o inscrever entre suas máximas: ***Não há fé inabalável senão a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade.***

Coerente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a quem quer que seja; quer ser aceito livremente e por efeito de convicção. Expõe suas doutrinas e acolhe os que voluntariamente o procuram.

Não procura afastar pessoa alguma das suas convicções religiosas; não se dirige aos que possuem uma fé e a quem essa fé basta; dirige-se aos que, insatisfeitos com o que se lhes dá, pedem alguma coisa melhor.

* * *

Para completar este estudo sobre Allan Kardec e sua obra, e esclarecer o objetivo que o Mestre quis atribuir ao Espiritismo, cremos ser útil reproduzir, em conclusão, as passagens seguintes do último capítulo de ***A Gênese: ‘Os tempos chegaram’***:⁹⁰

⁹⁰ Texto correspondente ao conteúdo da 1ª edição de ***A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo***, embora estivesse em circulação a versão “revisada, corrigida e aumentada” desde a 5ª edição, publicada em 1869. Sausse, aliás, havia feito em 1884 uma especulação sobre uma possível adulteração desta obra. Este trecho (referente à versão anterior da obra de Kardec) destacado nesta edição de 1927 parece ser só uma reprodução daquilo que já fazia parte da edição anterior, pois desde há muito, em outros trabalhos, Sausse estava usando a versão atualizada de ***A Gênese***, conforme <https://www.obrasdekardec.com.br/post/henri-sausse-fez-as-pazes-com-a-5a-edicao-de-a-genese> — N. T.

14. A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito, e a encarnação é apenas uma forma temporária de existência. Salvo a vestimenta externa, há, pois, identidade entre as encarnações e as desencarnações; são as mesmas individualidades sob dois aspectos diferentes, pertencendo tanto ao mundo visível como ao mundo invisível, reencontrando-se seja num, seja noutro, concorrendo num e noutro para a mesma finalidade, pelos meios apropriados à sua situação.

Dessa lei decorre a da perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa nunca e nem põe termo a suas relações simpáticas nem a seus deveres recíprocos. ***Daí a SOLIDARIEDADE de todos para cada um e de cada qual por todos; daí também a FRATERNIDADE.*** Os homens não viverão infelizes sobre a Terra senão quando estes dois sentimentos entrarem em seus corações e em seus costumes, pois então aí eles conformarão suas leis e suas instituições. Isto será um dos principais resultados da transformação que se opera.

Mas como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte traz para todo sempre os homens estranhos uns aos outros? Pela lei da perpetuidade de relações que ligam todos os seres, o Espiritismo fundamenta este duplo princípio sobre as próprias leis da natureza; fez disso não somente um dever, mas uma necessidade. Por aquele princípio da pluralidade das existências, o homem se relaciona ao que fez e ao que fará aos homens do passado e aos do porvir; não pode mais dizer que ele nada tem de comum com aqueles que morreram, já que uns e outros se encontram sem cessar, neste mundo e no outro, para galgar juntos a escala do progresso e se prestar um mútuo apoio. A fraternidade não está mais circunscrita a qualquer indivíduo que o acaso junta durante a duração efêmera da vida; ela é perpétua como a vida espiritual, universal como a humanidade, que constitui uma grande família onde todos os membros são solidários uns com os outros, ***qualquer que seja a época em que tenham vivido.***

Tais são as ideias que saltam do Espiritismo e que suscitará entre todos os homens e que suscitará entre todos os homens

quando for universalmente disseminada, compreendida, ensinada e praticada. Com o Espiritismo, a fraternidade — sinônimo da caridade pregada pelo Cristo — não é mais uma vá palavra; ela tem sua razão de ser. Do sentimento de fraternidade nasce o da reciprocidade e dos deveres sociais, do homem para com o homem, de povo para povo, de raça a raça; desses dois sentimentos bem compreendidos sairão forçosamente as instituições as mais proveitosas ao bem-estar de todos.

15. A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se ela não estiver apoiada sobre uma base inquebrantável; esta base é **a fé**; não a fé em tais ou quais dogmas particulares que mudam com os tempos e os povos e atiram pedras entre si, porque em se anatematizando, eles mantêm o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que todo mundo possa aceitar: **Deus, a alma, o futuro, O PROGRESSO INDIVIDUAL INDEFINIDO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES.** Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos, que este Deus soberanamente justo e bom nunca pode querer injustiça, que o mal vem dos homens e nunca dele, eles irão se olhar como os filhos de um mesmo pai e se estenderão a mão.

É esta fé que dá o Espiritismo e que será de agora em diante o agente sobre o qual se moverá o gênero humano quaisquer que sejam seu modo de adoração e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas que das quais não se ocupará.

Desta fé só pode sair o verdadeiro progresso moral, porque, somente ela dá uma sanção lógica aos direitos legítimos e aos deveres; sem ela o direito é aquele que dá a força, o dever um código humano imposto pela violência. Sem ela, o que seria o homem? Um pouco de matéria que se dissolve, um ser efêmero que não faz mais do que passar; o próprio gênio é apenas uma centelha que brilha um instante para se apagar para sempre; não há certamente aí muito que revelar aos seus próprios olhos.

Com tal pensamento, onde estariam realmente os direitos e os deveres? Qual é o objetivo do progresso? Apenas esta fé faz sentir ao

homem sua dignidade pela perpetuidade e progressão de seu ser, não num futuro mesquinho e circunscrito à personalidade, mas grandiosa e esplêndida: este pensamento se eleva acima da Terra; ele se sente crescer em sonhando que tem seu papel no Universo; que este Universo é seu domínio, que poderá percorrê-lo um dia e que a morte não fará dele uma nulidade ou um ser inútil a si mesmo e aos outros.

16. O progresso intelectual ocorrido até nossos dias nas mais vastas proporções é um grande passo e marca a primeira fase da humanidade, mas só ele é impotente para regenerá-la; tanto que o homem será dominado pelo orgulho e o egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em proveito de suas paixões e de seus interesses pessoais; é porque ele os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar os outros e de os destruir.

O progresso moral somente pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra em colocando um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar entre todos, a concórdia, a paz, a fraternidade.

É ele que baixará as barreiras dos povos, que fará tombar os preconceitos de casta e calar os antagonismos de seitas, ensinando aos homens a se olharem como irmãos chamados a se auxiliarem mutuamente e não a viver na dependência uns dos outros.

É ainda o progresso moral, secundado aí pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens de uma mesma crença estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas à discussão e por isso mesmo, aceitas por todos.

A unidade de crença será o liame, o mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, rompida em todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigo que precisam afastar, combater, exterminar, em lugar de irmãos que precisam amar.

Notas complementares

A certeza e legitimidade de sua missão, sua autenticidade, a extensão do trabalho que deveria realizar, assim como a escolha de seu sucessor, sempre foram para Allan Kardec objeto de uma atenta preocupação. Para que o leitor possa fazer uma ideia da importância que o Mestre atribuiu a essas questões, julgo útil reproduzir aqui as notas, logo a seguir, extraídas de suas obras póstumas.⁹¹

Henri Sausse

30 de abril, 1856

Na casa do Sr. Roustan, Médiun Srta. Japhet

Primeira revelação da minha Missão

Desde algum tempo eu frequentava as sessões que se realizavam na casa do Sr. Roustan, e ali comecei a verificação do meu trabalho, que posteriormente formaria ***O Livro dos Espíritos***. Numa sessão íntima, à qual não assistiam mais do que sete ou oito pessoas, falava-se de diferentes coisas, relativas aos eventos que podiam acarretar uma transformação social, quando o médium, pegando a cesta, espontaneamente escreveu o seguinte:

“Quando o bordão soar, vós o deixareis; apenas aliviareis o vosso semelhante; individualmente vós o magnetizareis a fim de curá-lo. Em

⁹¹ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=7> — N. T.

seguida, cada um a seu posto preparado, porque tudo será necessário, já que tudo será destruído, ao menos por um instante. Não haverá mais religião, e uma será necessária, só que verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Os primeiros alicerces já foram colocados... Quanto a ti, Rivail, tua missão é aí (livremente, a cesta voltou-se para o meu lado, como o teria feito uma pessoa que apontasse o dedo para mim). A ti, M..., a espada que não fere, mas que mata; contra tudo o que existe, será tu o primeiro que virá. Ele, Rivail, virá em segundo lugar; é o obreiro que reconstrói o que foi demolido.”

Nota — Foi essa a primeira revelação concreta sobre a minha missão, e eu confesso que quando vi a cesta voltar-se bruscamente para minha direção e me designar nominalmente, não pude me conter certa emoção...

7 de maio de 1856

Na casa do Sr. Roustan, Médium: Srta. Japhet

Minha Missão

Pergunta (a Hahnemann⁹²) — Outro dia, os Espíritos me disseram que eu tinha uma importante missão a cumprir e me indicaram o seu objetivo; eu desejava saber se vós o confirmais.

Resposta — “Sim, e se tu interrogares tuas aspirações, tuas tendências e o objetivo quase constante de tuas meditações, isso não deve te surpreender. Tu deves cumprir o que tens sonhado desde há muito; é preciso que trabalhas nisto ativamente para estar preparado, pois o dia está mais próximo do que tu pensas.”

P. — Para desempenhar essa missão tal como eu a concebo, faltam os meios de execução que ainda estejam longe de mim.

R. — “Deixe a Providência fazer o trabalho dela, e tu ficarás satisfeito.”

⁹² Certamente, Samuel Hahnemann (1755-1843), médico da Saxônia (região atualmente pertencente à Alemanha) fundador da Homeopatia — N. T.

12 de junho de 1856

*(Na casa do Sr. C..., Médiun: Srta. Alice C.⁹³)***Minha Missão**

Pergunta (ao Espírito Verdade) — Bom Espírito, eu desejaria saber o que vós pensais da missão que me foi assinalada por alguns Espíritos; dizei-me, eu vos rogo, se é uma prova para a minha vaidade. Eu tenho, vós o sabeis, o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel de simples trabalhador ao de Missionário-chefe, a distância é grande e não compreenderia o que poderia justificar em mim tal graça, de preferência a tantos outros que possuem talentos e qualidades de que não disponho.

Resposta — “Confirmo o que te foi dito, porém te exorto muita discrição, se quiseres ser bem-sucedido. Saberás coisas mais tarde que irão te explicar o que ora te surpreende. Não esqueças que tu podes triunfar ou fracassar; neste último caso, outro te substituiria, pois os desígnios de Deus não repousam na cabeça de um só homem. Portanto, não fale jamais da tua missão; isso seria o meio de malográ-la. Ela não pode ser justificada senão pela obra cumprida, e tu não fizeste nada ainda. Se tu a completares, os homens saberão, eles mesmos, reconhecê-lo, cedo ou tarde, porque é pelos frutos que se reconhece a qualidade da árvore.”

P. — Certamente não tenho nenhum desejo de me vangloriar de uma missão na qual eu mesmo dificilmente creio. Se estou destinado a servir de instrumento aos desígnios da Providência, que ela disponha de mim; nesse caso, reclamo vossa assistência e a dos bons Espíritos para me ajudarem e me ampararem na minha tarefa.

R. — “Nossa assistência não te faltará, contudo ela será inútil se, de tua parte, não fizeres o que for necessário. Tu tens teu livre arbítrio; cabe a ti usá-lo como bem o entender; nenhum homem é fatalmente estrangido a fazer coisa alguma.”⁹⁴

⁹³ Aqui o nome da médium aparece erradamente como *Alice C.*, sendo o correto *Aline C.* — N. T.

⁹⁴ A sequência dessa comunicação foi reproduzida no começo desta obra, na página 54.

6 de maio de 1857

Na casa da Sra. de Cardone

A tiara espiritual

Eu tive ocasião de conhecer a Sra. de Cardone nas sessões do Sr. Roustan. Alguém me havia dito (creio que tenha sido foi o Sr. Carlotti) que ela possuía um notável talento para ler a mão. Nunca acreditei no significado das linhas da mão, porém eu sempre ponderei que, para certas pessoas dotadas de uma espécie de segunda vista, isso poderia ser um meio de estabelecer uma relação que lhes permitisse dizer algumas vezes coisas verdadeiras, como ocorre com os sonâmbulos. As linhas da mão nada mais são do que um pretexto, uma maneira de fixar a atenção, de desenvolver a lucidez — a exemplo das cartas, da borra de café, dos espelhos ditos mágicos — para os indivíduos que dispõem dessa faculdade. A experiência me confirmou, mais de uma vez, a justeza dessa opinião. Seja como for, tendo aquela senhora me convidado a ir visitá-la, aceitei ao seu convite e eis aqui um resumo daquilo que ela me disse:

“Vós nascestes com grande abundância de recursos e de meios intelectuais... extraordinária força de raciocínio... Vosso gosto formou-se; governado pela cabeça, vós moderais a inspiração pelo raciocínio; subordinais o instinto, a paixão e a intuição ao método e à teoria. Tendes sempre tido gosto pelas ciências morais... Amor da verdade absoluta... Amor da arte definida.

“Vosso estilo teve número, medida e cadência; mas por vezes trocaríeis um pouco da vossa precisão por um pouco de poesia.

“Como filósofo idealista, tendes sido sujeito às opiniões de alguém; como filósofo crente, experimentais agora a necessidade de fundar uma seita.

“Benevolência judiciosa; necessidade imperiosa de aliviar, de socorrer, de consolar; necessidade de independência.

“Vós vos corrigis muito facilmente da prontidão da impulsão do vosso humor.

“Sois singularmente apto para a missão que vos está confiada, pois o vosso feitio é mais para tornar o centro de imensos desenvolvimentos do que

capaz de trabalhos isolados... vossos olhos têm o reflexo do pensamento.

“Vejo aqui o sinal da tiara espiritual...⁹⁵ ele é bem saliente... veja!” (Olhei e nada vi de especial).

P. — O que entendeis por *tiara espiritual*? Quereis dizer que serei papa? Se tal tivesse de acontecer, não seria decerto nesta existência.

R. — “Notai que eu disse *tiara espiritual*, o que quer dizer *autoridade moral e religiosa* e não soberania efetiva.”

Reproduzi pura e simplesmente as palavras daquela dama, que ela mesma me transcreveu; não me compete julgar se em todos os pontos elas são exatas; considero algumas como verdadeiras, porque estão de acordo com o meu caráter e com as disposições do meu espírito; no entanto, há um trecho evidentemente errôneo: aquele em que diz, a propósito do meu estilo, que eu por vezes trocava um pouco da minha precisão por um de poesia. Não tenho nenhum instinto poético; o que procuro, acima de tudo, o que me agrada e o que estimo nos outros é a clareza, a limpidez e a exatidão, e longe de sacrificar isso pela poesia; poderiam muito me criticar por sacrificar o sentimento poético à seqüidão da forma concreta. Preferi sempre o que fala à inteligência ao que fala à imaginação.

Quanto à tiara espiritual, *O Livro dos Espíritos* acabava de aparecer; a doutrina estava em seus primórdios e não se podia ainda prever seus resultados futuros; não atribuí senão pouca importância a essa revelação, e me limitei a anotá-la a título de informação.

Essa senhora deixou Paris no ano seguinte e só tornei a vê-la oito anos mais tarde, em 1866; as coisas já tinham caminhado bastante nesse ínterim. Disse-me ela: Vós vos recordais da minha predição acerca da *tiara espiritual*? Ei-la realizada. — Como realizada? Que eu o saiba, não me acho no trono de São Pedro. — Não, também não foi isso o que vos anunciei. Mas não sois vós

⁹⁵ Tiara: chapéu ornada de três coroas usada pelo papa em certas cerimônias, também chamada de mitra, e que representa o poder papal na chefia da igreja. — N. T.

de fato o chefe da doutrina reconhecido pelos espíritas do mundo inteiro? Não são vossos escritos que fundam a lei? Vossos adeptos não são contados por milhões? Há um homem cujo nome tenha mais autoridade do que o vosso em matéria de Espiritismo? Os títulos de Sumo Sacerdote, de pontífice, até mesmo de papa, não vos são dados espontaneamente? Assim ocorre sobretudo pelos vossos adversários e, por ironia, bem o sei, mas isso não é menos indício de uma grande influência que eles reconhecem em vós; eles pressentem vosso papel, e esses títulos permanecerão em vós.

“Em suma, sem a procurar, vós conquistastes uma posição moral que ninguém vos pode arrancar, dado que, sejam quais forem os trabalhos que se elabore após os vossos ou concomitantemente com eles, vós não sereis menos o reconhecido fundador da doutrina. Desde esse momento, portanto, vós possuíis de fato a **tiara espiritual**, isto é, a supremacia moral. Podeis ver então que eu estava com a verdade.

“Acreditais agora mais um pouco nos sinais da mão? — Menos ainda, e estou convencido de que se vós vistes qualquer coisa, não foi na minha mão, mas no vosso próprio Espírito, e vo-lo provarei.

Admito que nas mãos, como nos pés, nos braços e demais partes do corpo existem certos sinais fisionômicos; mas cada órgão apresenta sinais particulares conforme o uso a que é sujeito e conforme suas relações com a mente; os sinais das mãos não podem ser os mesmos que os dos pés, dos braços, da boca, dos olhos etc.

Quanto aos riscos da palma das mãos, sua maior ou menor acentuação resultam da natureza da pele e da maior ou menor abundância de tecido celular, e como essas partes não têm nenhuma correlação fisiológica com os órgãos das faculdades intelectuais e morais, elas não podem ser a expressão dessas faculdades. Mesmo admitindo-se que haja essa correlação, elas poderiam fornecer indicações sobre o estado atual do indivíduo, mas não poderiam constituir sinais de presságios de coisas futuras, nem de acontecimentos passados e independentes da vontade. Na primeira hipótese, eu compreenderia que, a rigor, com o auxílio desses lineamentos, poderíamos

dizer que uma pessoa possui esta ou aquela aptidão, este ou aquele pendor; contudo, o mais singelo bom-senso repulsaria a ideia de que se possa ver ali se ela foi casada ou não, quantas vezes e o número de filhos que teve, se é viúva ou não, e outras coisas semelhantes, como o pretende a maioria dos quiromantes.⁹⁶

Entre as linhas das mãos, há uma bem conhecida de todo mundo e que figura visivelmente um M. Se é bastante acentuada, dizem que é o presságio de uma vida *malheureuse* (infeliz); porém, a palavra *malheur* (infelicidade) é francesa e se esquece que a palavra equivalente a essa não começa pela mesma letra em todas as línguas; daí se segue que essa linha deveria afetar uma forma diferente de acordo com as línguas dos povos.

Quanto à tiara espiritual, isso evidentemente é uma coisa especial, excepcional e de certa maneira individual, e eu estou convencido de que vós não encontrastes essa expressão no vocabulário de nenhum tratado de quiromancia. Como então ela vos veio à mente? Pela intuição, pela inspiração, por essa espécie de presciência inerente à dupla vista de que muitas pessoas são dotadas sem o suspeitarem. Vossa atenção estava concentrada nos lineamentos da mão, vós fixastes a ideia a um sinal em que outra pessoa teria visto outra coisa, e ao qual vós teríeis atribuído uma significação diferente em outro indivíduo.

17 de janeiro de 1857

(Na casa do Sr. Baudin; Médiun: Srta. Baudin)

Primeiro anúncio de uma nova encarnação

O Espírito havia prometido me escrever uma carta por ocasião do ano novo; dizia que tinha uma coisa particular a me dizer. Tendo lha pedido numa das reuniões regulares, ele respondeu que a daria na intimidade ao médium, que a transmitiria a mim. Eis aqui a mensagem:

⁹⁶ Quiromante: aquele que pratica a quiromancia, a arte da pretensa leitura da alma e adivinhação do futuro pela interpretação das linhas e demais sinais da mão — N. T.

“Caro amigo, não quis te escrever na última terça-feira diante de todo mundo, porque há certas coisas que não podem ser ditas exceto entre nós.

“Queria primeiramente te falar da tua obra, a que tu mandaste imprimir (*O Livro dos Espíritos* tinha acabado de ser levado para a impressão). Não se dê tanto trabalho noite e dia: tu ficarás melhor e a obra nada perderá por esperar.

“Segundo o que vejo, tu és capaz de levar a tua empreitada a bom termo e é chamado a fazer grandes coisas; mas não exagere; observe e aprecie tudo justa e friamente; não te deixe arrastar pelos entusiastas e pelos mais apressados; calcule todos os passos para chegar até o fim com segurança. Não creia que em mais do que aquilo que vês; não desvie a atenção de tudo que te pareça incompreensível; tu saberás a respeito mais do que qualquer outro, porque os temas de estudo serão postos sob tuas vistas.

“Mas, infelizmente, a verdade não será conhecida nem aceita por todos ainda por um bom tempo! Tu não verás nessa existência mais do que a aurora do sucesso de tua obra; é necessário que retorne, **reencarnado noutro corpo**, para completar o que começara e então terás a satisfação de ver em plena frutificação a semente que tiver espalhado pela Terra.

“Verás invejosos e ciumentos que procurarão te denigrir e te frustrar. Não te desanima, nem te inquiete com o que digam ou façam contra ti; prossegue tua obra; trabalha sempre pelo progresso da humanidade e tu serás acudido pelos bons Espíritos enquanto perseverares no bom caminho.

‘Lembra-te de que há um ano prometi minha amizade aos que durante o ano tivessem sido decentes em toda sua conduta? Pois bem! Declaro-te que tu és um daqueles que escolhi entre todos.

“Teu amigo que te ama e te protege, Z...”⁹⁷

⁹⁷ Em sua composição, Henri Sausse não revela o nome que este Espírito familiar tomou para se identificar, mas em **Obras Póstumas** nós encontramos a inscrição *Zéfiro*, que é o nome de uma divindade da mitologia grega, o deus do vento (equivalente ao deus Favônio da mitologia romana, o deus da fauna e da flora). Um dos mitos em que esse deus aparece, ele fecunda éguas, das quais nascem cavalos excepcionalmente velozes. — N. T.

Nota — Eu disse que Z não era um Espírito superior, porém muito bom e muito benfazejo. Talvez fosse mais adiantado do que o deixava supor o nome que tomara; assim o podemos supor a julgar pelo caráter sério e a sabedoria de suas comunicações, conforme as circunstâncias. Graças àquele nome, ele se permitia usar uma linguagem coloquial apropriada ao meio onde se manifestava e dizer — como frequentemente sucedia — duras verdades sob a forma leve de sarcasmo. Como quer que seja, sempre conservei dele uma grata lembrança e reconhecimento pelos bons conselhos que me dirigiu e pelo apego que me demonstrou. Ele desapareceu com a dispersão da família Baudin, dizendo que devia reencarnar em breve.

24 de janeiro de 1860

(Na casa do Sr.⁹⁸ Forbes; Médiun: Sra. Forbes)

Duração dos meus trabalhos

Conforme minha apreciação, eu estimava que ainda me faltavam cerca de dez anos para concluir meus trabalhos, contudo não havia falado dessa ideia a ninguém. Então fiquei bastante surpreso ao receber de um dos meus correspondentes de Limoges [França] uma comunicação obtida espontaneamente em que o Espírito, comentando sobre meus trabalhos, dizia que eu ainda teria dez anos antes de os concluir.

P. (ao Espírito Verdade) — Como é que um Espírito se comunicando Limoges, onde nunca estive, pôde dizer precisamente o que eu pensava acerca da duração dos meus trabalhos?

R. — “Nós sabemos o que te resta a fazer e, por conseguinte, o tempo aproximado que te falta para o completar. Portanto, é muito natural que alguns Espíritos o tenham dito em Limoges e alhures, para darem uma ideia do alcance da coisa pelo trabalho que exige.

“No entanto, o prazo de dez anos não é absoluto; pode ser prolongado

⁹⁸ Na composição original de Sausse, consta “Sra.”; reproduzimos aqui como aparece em *Obras Póstumas*. — N. T.

por alguns mais pelas circunstâncias imprevistas e independentes da tua vontade.”

Nota (escrita em dezembro de 1866) — Tenho publicado quatro volumes fundamentais, sem falar das coisas acessórias. Os Espíritos me solicitam publicar *A Gênese* em 1867, antes das perturbações. Durante o período da grande perturbação eu terei de trabalhar nos livros complementares da doutrina que não poderão aparecer senão depois da forte tormenta e para os quais me são necessários de três a quatro anos. Isso nos leva, o mais cedo, a 1870, quer dizer, em torno de 10 anos.⁹⁹

12 de abril de 1860

(Na casa do Sr. Dehau; Médium: Sr. Crozet)

(Comunicação espontânea obtida na minha ausência)

Minha missão

“Pela sua firmeza e sua perseverança, vosso Presidente frustrou os projetos daqueles que procuravam destruir seu crédito e arruinar a Sociedade, na esperança de desfecharem um golpe fatal na doutrina. Honra a ele! Que ele fique certo de que estamos ao seu lado e que os Espíritos de sabedoria se sentirão felizes por poderem assisti-lo em sua missão. Quantos há que desejariam desempenhar a sombra dessa missão, pois receberiam a sombra dos benefícios que dela decorrem!

“Todavia, essa missão é perigosa, e para cumpri-la são necessárias uma fé e uma vontade inabaláveis; requer também abnegação e coragem para encarar as injúrias, os sarcasmos e as decepções, e não se melindrar com a lama atirada pela inveja e pela calúnia. Nessa posição, o mínimo que pode acontecer é ser tratado como louco e charlatão. Deixem que falem, deixem que pensem como queiram: tudo, exceto a felicidade eterna, dura pouco. Tudo vos

⁹⁹ De fato, a contar daquele 1860, Allan Kardec viveria a mais cerca de uma década, vindo a desencarnar em 31 de março de 1869. — N. T.

será levado em conta e ficai sabendo que, para ser feliz, é preciso ter contribuído para a felicidade dos pobres seres os quais Deus povoou vossa terra. Então, que a vossa consciência permaneça no repouso e na serenidade: ela é o precursor da felicidade celeste.”

15 de abril de 1860

(Marselha; Médiun: Sr. Jorge Genouillat)

(Comunicação transmitida pelo Sr. Brion Dorgeval¹⁰⁰)

Futuro do espiritismo

“O Espiritismo é chamado a desempenhar um imenso papel na Terra; é ele quem reformará a legislação ainda tão frequentemente contrária às leis divinas; é ele quem retificará os erros da História; é ele quem reestabelecerá a religião do Cristo, que nas mãos dos padres tornou-se objeto de comércio e de tráfico vil; ele instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem se deter nas franjas de uma batina, ou nos degraus de um altar. Ele extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, aos quais alguns homens foram levados pelos incessantes abusos daqueles que se dizem ministros de Deus e pregam a caridade com uma espada em cada mão, sacrificando pelas suas ambições e espírito de dominação os mais sagrados direitos da humanidade.”

Um ESPÍRITO

10 de junho de 1860

(Em minha casa; Médiun: Sra. Schmidt)

Minha volta

P. (ao Espírito Verdade) — Acabo de receber de Marselha uma carta pela qual me dizem que no seminário dessa cidade estão estudando seriamente o

¹⁰⁰ Pequena correção para o último sobrenome deste médium: d'Orgeval. A propósito, saiba mais sobre Edouard Barthélemy Brion d'Orgeval e o controverso “sistema do músculo estalante” em <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/1185231895573924>. — N. T.

Espiritismo e *O Livro dos Espíritos*. Que se deve esperar disso? Será que o clero levará a coisa a sério?

R. — “Não duvida disso; ele leva a coisa muito a sério, pois prevê suas consequências para eles e suas apreensões são grandes. O clero — principalmente a parte esclarecida — estuda o Espiritismo mais do que tu o supões; mas, não creia que seja por simpatia; ao contrário, ele aí procura os meios de combatê-lo, e te asseguro que ele fará uma rude a guerra contra ele. Não te perturbe com isso; continue a agir com prudência e circunspecção; continue em guarda contra as ciladas que te armarão; evita cuidadosamente em tuas palavras e nos teus escritos tudo que possa fornecer armas contra ti.

“Prossiga em teu caminho sem temor, e se ele está juncado de espinhos, asseguro-te que tu terás grandes satisfações antes de retornar ‘por um pouco de tempo’ para junto de nós.”

P. — O que quer dizer por essas palavras “por um pouco de tempo”?

R. — “Tu não permanecerás muito tempo entre nós; terás que voltar à Terra e terminar tua missão, que não pode ser completada nesta existência. Se fosse possível, não sairias mais daí; entretanto, é preciso cumprir a lei da natureza. Tu ficarás ausente por alguns anos e, quando voltar, será em condições que te permitirão trabalhar desde cedo. Porém, há trabalhos que convém que tu finalizes antes de partir; por isso nós te deixaremos o tempo necessário para concluí-los.”

Nota — Calculando aproximadamente a duração dos trabalhos que ainda me restam a fazer, e tendo em conta o tempo da minha ausência e dos anos da infância e da juventude, até à idade em que um homem pode desempenhar um papel no mundo, meu retorno deverá ser necessariamente no fim deste século ou no começo do outro.

22 de dezembro de 1861

(Em minha casa: comunicação particular; Médiun: Sr. d’A...¹⁰¹)

¹⁰¹ Hoje sabemos que este médium é D’Ambel. Ver em <https://kardecpedia.com/obra/71>. — N. T.

Meu sucessor

Tendo uma conversa com os Espíritos levado a falar do meu sucessor na direção do Espiritismo, formulei a seguinte questão:

P. — Entre os adeptos, muitos se inquietam quanto ao que se tornará o Espiritismo depois de mim, e indagam quem me substituirá quando eu partir, uma vez que não se vê aparecer ninguém de modo notório para tomar as suas rédeas.

Eu respondo que não alimento a pretensão de ser indispensável; que Deus é bastante sábio para não sujeitar o futuro de uma doutrina destinada a regenerar o mundo à vida de um homem; que, ademais, sempre me disseram que a minha tarefa é a de constituir a doutrina e que me será concedido tempo necessário para isso. Então, a missão do meu sucessor será mais fácil, porque o caminho estará todo traçado, e lhe bastará segui-lo. Entretanto, se os Espíritos julgarem oportuno me dizer qualquer coisa mais concreta a esse respeito, eu lhes ficaria muito grato.

R. — “Tudo isso é rigorosamente exato; eis o que nos é permitido te dizer a mais.

“Tens razão em afirmar que tu não és indispensável: tu o és aos olhos dos homens, porque era necessário que o trabalho de organização se concentrasse nas mãos de um só para que tivesse unidade; não obstante, tu não és indispensável aos olhos de Deus. Foste escolhido e por isso é que tu estás sozinho; mas como bem sabes, aliás, tu não és o único capaz de cumprir essa missão: se ela fosse interrompida por uma causa qualquer, não faltaria a Deus outros para te substituir. Assim, aconteça o que acontecer, o Espiritismo não periclitará.

“Até que o trabalho de elaboração não esteja completado, é então necessário que tu sejas o único em evidência, pois era preciso uma bandeira em torno da qual todos pudessem se agrupar; era preciso que te considerassem indispensável, para que a obra brotada das tuas mãos tivesse mais autoridade no presente e no futuro; era preciso até mesmo que concebessem temores pelas consequências da tua partida.

“Se aquele que deve te substituir fosse designado de antemão, a obra, ainda não acabada poderia ficar travada; iriam se formar contra ti oposições suscitadas pelo ciúme; iriam contendê-lo antes que ele desse suas provas; os inimigos da doutrina procurariam barrar o caminho dele, o que resultaria cismas e separações. Portanto, teu sucessor se revelará quando o momento certo tiver chegado.

“A tarefa dele será assim facilitada, porque, como tu o dizes, o caminho estará todo traçado; se ele daí se afastasse, perderia a si mesmo, como já se perderam os que pretenderam cruzar a linha. Porém, essa tarefa será mais penosa noutro sentido, visto que ele terá de sustentar lutas mais rudes. A ti cabe o encargo da concepção, a ele o da execução; é por isso que deverá de ser um homem de energia e de ação. Admira aqui a sabedoria de Deus na escolha de seus mandatários; tu possuis as qualidades que eram necessárias para o trabalho que tens de realizar, mas não possuis as que serão necessárias ao teu sucessor; a ti é preciso a calma, a tranquilidade do escritor que amadurece as ideias no silêncio da meditação; a ele será a força do capitão que comanda um navio segundo as regras traçadas pela ciência. Exonerado do trabalho de criação da obra sob cujo peso teu corpo sucumbirá, ele terá mais liberdade para aplicar todas as suas faculdades ao desenvolvimento e à consolidação do edifício.”

P. — Podeis me dizer se a escolha do meu sucessor já está feita?

R. — “Está, sem o estar, já que, dispondo do livre-arbítrio, o homem pode recuar no último momento diante da tarefa que ele próprio elegeu. É também indispensável que dê suas provas de capacidade, de devotamento, de desinteresse e de abnegação. Caso ele se deixasse levar apenas pela ambição e pelo desejo de primar, seria certamente posto de lado.”

P. — Sempre se diz que muitos Espíritos superiores deveriam reencarnar para ajudar o movimento.

R. — “Sem dúvida, vários Espíritos terão essa missão, mas cada um na sua especialidade, e agirá pela sua posição nessa ou naquela parte na

sociedade. Todos se revelarão por suas obras e nenhum por qualquer pretensão à supremacia.”

* * *

Essas notas complementares fazem parte das ***Previsões referentes ao Espiritismo***, obra esboçada por Allan Kardec, mas que sua morte súbita o impediu de levar a efeito. Com numerosas comunicações sobre outros assuntos e não sobre a biografia do Fundador do Espiritismo, elas foram publicadas na segunda parte das suas ***obras póstumas***, obra do maior interesse e da qual tive de extrair uma grande parte das informações concernentes à biografia de Allan Kardec.

Henri Sausse

Ao Grupo Esperança de Lyon

Por ocasião do aniversário de Allan Kardec, em 27 de março de 1910, proferi uma palestra na Federação Espírita Lionesa sobre o Fundador do Espiritismo filosófico e sua obra. Na segunda-feira, dia seguinte à Páscoa, durante nossa reunião no *Groupe Esperança*, Allan Kardec se manifesta espontaneamente através da Srta. Bernadette, adormecida num sono magnético. O Mestre teve a bondade de nos felicitar por nossa fidelidade na defesa de seus princípios, e nos encorajar a continuar seriamente o estudo do Espiritismo filosófico, prometendo-nos, em nossas pesquisas, os mais felizes resultados e nos anunciando que viria esporadicamente ao nosso ambiente, com prazer, e como um dos guias do grupo, nos ajudar em nossos trabalhos.

Agradei ao Mestre por esta boa notícia, assegurando-lhe que estávamos assaz contentes com o apoio que ele bem quis nos prometer, então, aproveitando sua presença, indaguei-lhe se ele tinha alguma retificação a fazer na biografia que eu tinha escrito dele e se ele gostaria de me dar sua opinião sobre este conteúdo. Ele respondeu que estudaria a questão e me daria um parecer fundamentado.

Na sessão de 4 de abril, tendo Allan Kardec novamente se apresentado para nos encorajar, disse-nos ele para prosseguir nos

estudos com a maior assiduidade; reiterarei-lhe meu pedido sobre sua Biografia, rogando-lhe que me dissesse quando ele poderia me dar sua opinião sobre este trabalho. Em quinze dias, ele me disse, vós sereis satisfeito.

Foi ontem, segunda-feira 18 de abril, ao fim do prazo indicado, tendo o Mestre gentilmente cumprido sua promessa, não creio que possa encerrar melhor esta Biografia de Allan Kardec senão dando a conhecer a todos a opinião póstuma do principal interessado. Aqui está, a propósito, a cópia fiel da ata de nossa reunião de 18 de abril de 1910 no *Grupo Esperança*.

(Extrato do livro de atas)

Opinião de Allan Kardec sobre sua Biografia

A reunião é aberta às 8 horas e 30 minutos, pela prece de evocação — Tempo bom e seco; céu claro; vento forte ao nordeste; altura barométrica 771; calor interior 18°;

Estão presentes: Srta. Bernadette, Angèle, Joséphine, Sra. Cavalier, Marie, Magdeleine; Sr. Mancy e eu.

Eu induzo Bernadette ao sono magnético; quando a lucidez é obtida, ela indica aos médiuns escreventes sob cuja influência eles se encontram; depois, como de costume, ela volta a visitar as senhoras Chevalier e Mancy, e o Sr. G. Delanne. Na volta, nossos guias a conduzem a um esplêndido jardim cujos aromas a fortalecem e a fazem feliz. Ela vê, em uma moita, uma linda rosa que desaparece diante dos seus olhos, então ela me pede para retornar conosco.

Leitura das comunicações escritas de uma bela envergadura filosófica, então nossos guias solicitam que se faça a corrente com a luz vermelha — a iluminação das sessões é assegurada por dois bicos Auer

nº 2,¹⁰² um com vidro branco, outro com globo vermelho; a claridade é sempre suficiente para que todos possam ver tudo o que está acontecendo. Enquanto fazemos a corrente, Bernadette vê no meio do círculo uma nuvem branca que se emerge pouco a pouco; ela então vê a rosa que há pouco desapareceu; ela quer pegá-la... nossos amigos a afastam... isso ficará para uma outra vez. Em seguida ela pede um envelope no qual, após verificação, inserimos uma folha de papel absolutamente intacta, para obter de nossos guias uma comunicação por escrita direta... logo mais, sucesso!

Terminado o trabalho preparatório de assimilação dos fluidos, nossos guias solicitam a continuação da sessão em luz branca pelo médium em transe.

Vários espíritos, mais ou menos sofredores, manifestam-se e nos pedem conselhos ou nos agradecem por termos lhes ajudado, e nos prometem seu auxílio para as manifestações que desejamos; depois o médium aplica a si mesmo alguns passes de desprendimento sobre o coração e diz: Allan Kardec, venho vos falar. Ele então se exprime nos termos reproduzidos a seguir, mas com muita volubilidade para que a comunicação possa ser escrita ao mesmo tempo. Ao terminar de falar, agradeço-lhe em meu nome e em nome de nosso grupo, pelo encorajamento, e lhe peço que gentilmente nos dê o texto exato das palavras que acabou de pronunciar através do médium: Resposta. Sim, no final da sessão, continuai as evocações dos espíritos sofredores. Mais duas manifestações ocorreram, então a médium me disse: Sou eu, Bernadette, vós podeis nos repetir mais vagarosamente para que possamos tirar uma cópia das palavras que Allan Kardec acabara de nos fazer ouvir? Sim, mas para nos reservar uma surpresa, nossos guias me farão ditar metade enquanto durmo, depois vós me acordareis e eu lerei o resto no copo d'água.

A Srta. Bernadette em sonambulismo então dita o que se segue:

¹⁰² Espécie de lamparina movida a gás. — N. T.

“É doce para mim, querido amigo, responder ao vosso apelo. Como vós o sabeis, minha tarefa está longe de ser terminada; colocado em seu ponto real, ela não é mais do que um esboço imperfeito; o infinito nos penetra e nos confunde, mas a bondade do Pai recompensa todos os nossos esforços muito além de nossas esperanças. Obrigado pelo zelo consciencioso e afetuoso que vós trazeis ao compor minha biografia. Aprovo-a em todos os pontos; os retoques não seriam senão insignificantes; ela me agrada tal como está. Obrigado. Penetro vosso pensamento e fico ditoso por vossos anseios. Vós quereis a rota do espiritualismo seja largo e direto, desembaraçado de toda vegetação insalubre; isso se dará mais ou menos lentamente, conforme a força e perseverança daqueles que nos seguem. Caro amigo, vossa franqueza, que às vezes traz um pouco de vergonha às frentes dos vendilhões do templo, é corajosa e necessária; mas afora essa comiseração esses pobres irmãos, que largam a recompensa pela sombra, e merecerão as palavras do Divino Mestre: Eles receberam sua recompensa — *a seguir no copo d'água* — tenhamos pena deles e sejamos indulgentes para com eles. Sobre esta terra tudo está misturado: o bem e o mal; nada de absolutamente puro.

“Eu gostaria que vós sempre começásseis vossas sessões com vossa oração habitual, como o fizestes há pouco, e que todos a repetissem do fundo do coração; eu amo a todos vós, caros amigos, e quero que todos saiam dessas reuniões sempre mais fortes, mais crentes e mais impregnados de altruísmo. Se vosso esforço for lento, que seja perseverante. Esquecei aqui qualquer preocupação material; elevai vossas almas ao mais alto de vossa concepção. Se vosso grupo fosse apenas um esforço de satisfação pessoal, desviar-se-ia de seu propósito. Insisto que guardeis em vosso coração uma marca profunda, a da fé unida ao amor. Vossos amigos, os doentes que vós cuidais com ardente desejo de cura, também são nossos, são os membros sofredores do vosso grupo, por isso eu vos disse que a humanidade estava presente aqui com suas

alegrias e suas dores.

“O *Grupo Esperança* será abençoado. Até mais e coragem.”

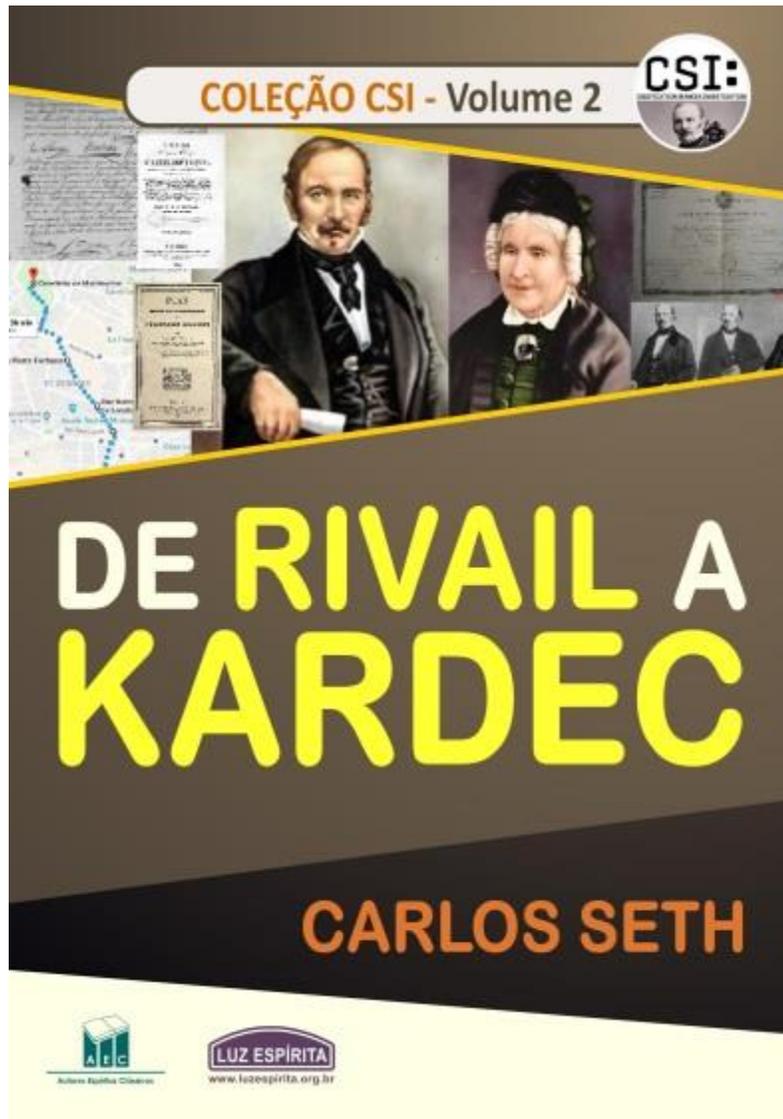
ALLAN KARDEC

A sessão é encerrada às 10 horas e 35 minutos!

Cópia fiel conforme a ata.

Henri Sausse

Sugestão de leitura:



Disponível em:

<https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=180>

